



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo  
Curso de Mestrado Profissional em Educação do Campo



SILVIA LETICIA SANTOS FIGUEIRÊDO

**“VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM”**: INVENTÁRIO DA REALIDADE DA  
COMUNIDADE ILHA DA CANABRAVA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA -  
BAHIA

AMARGOSA  
2022

SILVIA LETICIA SANTOS FIGUEIRÊDO

**“VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM”**: INVENTÁRIO DA REALIDADE DA  
COMUNIDADE ILHA DA CANABRAVA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA  
– BAHIA

Trabalho Final de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação – Mestrado Profissional em  
Educação do Campo da Universidade  
Federal do Recôncavo da Bahia. Linha de  
Pesquisa – 1: Formação de professores e  
organização do trabalho pedagógico nas  
Escolas do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Alves  
Feitosa.

AMARGOSA  
2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

F475v	<p>Figueiredo, Sílvia Leticia Santos.</p> <p>“Vidas ribeirinhas importam”: inventário da realidade da Comunidade Ilha da Canabrava no Município de Bom Jesus da Lapa – Bahia / Sílvia Leticia Santos Figueiredo._ Amargosa, BA, 2022.</p> <p>172f.; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Mestrado Profissional em Educação do Campo.</p> <p>Orientadora: Prof. Dra. Débora Alves Feitosa.</p> <p>1.Educação do campo – Desenvolvimento rural. 2.Educação do campo – Comunidade – Cultura. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores. II.Título.</p> <p>CDD: 370.19346</p>
-------	---

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB. Responsável pela Elaboração Antonio Marcos Sarmiento das Chagas (Bibliotecário - CRB5 / 1615).

SILVIA LETICIA SANTOS FIGUEIRÊDO

**“VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM”**: INVENTÁRIO DA REALIDADE DA  
COMUNIDADE ILHA DA CANABRAVA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA  
LAPA - BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação do Campo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 05 de setembro de 2022.

*Débora Alves Feitosa*

---

Profa. Dra. Débora Alves Feitosa (Orientadora)  
Doutora em Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Tiago Rodrigues Santos*

---

Prof. Dr. Tiago Rodrigues Santos (Membro interno /PPGEDUCAMPO- UFRB)  
Doutor em Ciências Sociais- Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Nivaldo Osvaldo Dutra*

---

Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra (Membro Externo / PPGEL-UNEB)  
Doutor em História Social- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP  
Universidade do Estado da Bahia

Dedico este trabalho as crianças, jovens e adultos,  
ribeirinhos da comunidade Ilha da Canabrava,  
guerreiros resilientes que tem sua identidade  
cultural construída a partir da vivência diária numa  
interação de reciprocidade com o rio São  
Francisco.

## AGRADECIMENTOS

No decorrer desta caminhada, ao longo desses anos dedicados a estudar e pesquisar, muitos obstáculos, dificuldades, desânimos, cansaços, complicações de saúde e carga horária do trabalho, atingiu de forma significativa e negativa minha rotina de trabalho e estudo. E para complicar, estamos vivendo a Pandemia da Covid-19, que alterou a rotina das pessoas de todo o Mundo.

Por várias vezes fui obrigada a recuar. Resistência e resiliência, fez morada no meu dia a dia. E para estar aqui agora escrevendo estas singelas palavras, é uma prova de persistência, determinação e fé.

Todos os dias eu acordo com a seguinte frase: Tente outra vez! Você conseguirá!

E nesta trajetória quantas pessoas dividiram estes momentos comigo. Quanto aprendizado alcancei com cada relato, cada palavra dos colaboradores. Agora, só me resta agradecer e agradecer. Pois, sem eles a pesquisa não teria acontecido.

A palavra é gratidão!

A Deus pelo dom da vida, injetando-me forças que estimula a coragem e determinação, diariamente, para buscar meus objetivos.

A minha mãe Maria Conceição Pachêco e meu pai Silvino Pachêco, que sempre acreditaram nos meus sonhos, segurando minhas mãos e cuidando de mim.

Aos meus irmãos Rondinero Pachêco, Rogério Pachêco, e irmãs, Sueli Pachêco, Simone Pachêco e Silmária Pachêco. Compreendendo minha ausência em várias reuniões familiares e apoio de sempre.

Agradecimento especial ao meu irmão, afilhado, e filho de coração, que partiu para sempre, dias antes da defesa desta pesquisa, Silvio Pachêco - conhecido carinhosamente por Binho. E quando em vida, também fez parte desta minha conquista.

Ao meu companheiro Ednaldo Figueirêdo, por sempre incentivar meus estudos.

A minha filha Raiana Figueirêdo (Farmacêutica) e meu filho Wagner Figueirêdo (Arquiteto), por serem os melhores amigos. Eles que sempre tiveram tempo para acompanhar esta minha caminhada cheia de desafios, descobertas e surpresas. Me apoiaram e acreditaram, desde o início. Com tanto carinho e paciência, tornaram meus dias mais confortáveis.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho e paciência em ouvir meus

relatos da pesquisa de campo.

Aos parentes mesmo que de longe, sempre perguntavam sobre meus estudos.

A minha madrinha Maria da Soledade Alencar, que sempre mandava mensagem para saber de mim, com palavras de otimismo incentivando minha vida acadêmica.

Ao meu amigo (em memória) Ademir Rodrigues, que nos deixou em março de 2022. Ele sempre conversava comigo sobre a pesquisa. E tinha um sonho: conhecer a UFRB e fazer o mestrado. Com a chegada da Covid-19, não teve oportunidade. E ele foi embora...A ele meu carinho eterno. Professor referência no município de Bom Jesus da Lapa.

A minha colega e amiga Jussimara Souza que quando iniciei o Mestrado, era diretora da Escola Jonas Rodrigues, e compreendeu a importância da pesquisa, organizou meu horário na escola sem prejuízos aos alunos, contribuindo para a realização do meu sonho.

Aos amigos (tantos), que se prontificaram em ajudar-me no desenvolvimento desta investigação.

A Secretaria Municipal de Educação, que inúmeras vezes contribuiu com informações e dados a respeito da organização da educação municipal.

A Secretaria Municipal de Transporte de Bom Jesus da Lapa, pela parceria em tornar possível algumas viagens para desenvolver a pesquisa.

Aos colegas do mestrado, pelo apoio e carinho, incentivando-me a não desistir desta caminhada: Dionara Soares, Mônica Walker, Raquel da Costa, Josleide Cristina Matos, Iranildes de Jesus, Vangilson Ferreira, Ivone Calhau, Francisco Rufino, Raydelson dos Santos, Ionara Almeida, Maria José Gonçalves, Isaac Souza, Jaqueline de Souza, Carlos Eduardo Souza, Patrícia Nunes, Alane Santos, Giovanna Lemos, Mateus Silva e Valdir Rocha.

Aos professores do Mestrado em Educação do Campo (PPGEDUCMPO/UFRB), que acreditaram em minha pesquisa e demonstraram expectativas para o seu desenrolar.

A orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora Alves Feitosa, meu agradecimento mais que especial e carinhoso, pelo exemplo do ser humano que és. Com muita paciência não largou minha mão, e acreditou na nossa pesquisa.

A UNEB – Universidade do Estado da Bahia (Campus XVII/ Bom Jesus da Lapa), na pessoa da professora Maria Ercília Oliveira de Jesus, que possibilitou o meu

estágio no componente “Educação do Campo”.

A Banca examinador, pelas orientações, na pessoa dos professores: Nivaldo Dutra e Tiago Rodrigues.

Aos colegas de trabalho das escolas: Jonas Rodrigues, Professor Josino Pereira Dias e Lúcia Marilaque Silva, pela compreensão e apoio.

Ao meu amigo José Wilson, piloto da lancha do Transporte Escolar, que me conduziu por várias vezes as casas dos entrevistados.

As minhas amigas e colegas de trabalho, Rosana Ferreira e Lucimária Rodrigues, que desde o ano de 2021, foram elo entre a pesquisa e alguns colaboradores, importantíssimas para o desenvolver da investigação.

As famílias que me receberam em suas residências, para uma prosa e um café, nos varandados de suas casas e/ou embaixo de frondosas árvores.

Ao coletivo da Casa de Farinha, que permitiu dialogar, enquanto trabalhavam na fabricação de farinha.

Aos jovens e professores da comunidade que encontraram um tempinho para responder ao questionário.

Aos alunos e ex-alunos da escola Jonas Rodrigues que participaram produzindo a Arte (mapa), da Ilha da Canabrava.

Aos Agentes de Saúde da comunidade Ilha da Canabrava que não mediram esforços para contribuir com a pesquisa.

Aos jovens que contribuíram enviando fotos/imagens/vídeos da ilha, para o banco de dados da pesquisa.

A professora responsável pela escola Jonas Rodrigues, Zenaide Dasmasceno e a Coordenadora Pedagógica Rosana Ferreira, pelas contribuições acerca da rotina escolar.

A Vinícius Silva, diretor da Escola Professor Josino Pereira Dias (que atualmente trabalha), pela compreensão e apoio, (re) organizando minha rotina dentro da unidade escola.

A minha sobrinha Júlia Pachêco, responsável pela diagramação da revista, que detalha o texto do Inventário da Realidade (Resultado da Pesquisa de Campo).



*“Minha Terra, minha Vida.*

*O morro de Bom Jesus da Lapa  
É cheio de magia e esplendor  
Por isso, os romeiros todos os anos,  
Vem louvar o nosso senhor  
Com muita fé, alegria,  
Carinho e amor.*

*Trazendo esperanças de farturas  
Banhando o nosso querido sertão  
O Velho Chico traz prosperidade  
Para nossa população  
É o maior símbolo de vida  
Pois, possibilita a renovação.*

*Na luta do dia-a-dia  
Temos uma necessidade  
Preservar o Velho Chico  
É a nossa prosperidade  
Com muita sabedoria  
E bastante honestidade.*

*Moro na Ilha da Canabrava  
Num lugar de muito valor  
Sou sertaneja, sou ribeirinha,  
Sou filha de um lavrador  
Que cultivava a nossa Terra  
Com esperança e labor.*

*Numa pequena casa de barro  
Fico no aconchego a sonhar  
Entre pinheiros e mangueiras  
Flores a germinar  
No vai e vem das estações  
A vida pode se transformar.*

*Os raios do sol produzem  
Luz que ilumina a escuridão  
Da minha ilha esquecida  
Que conduz a solidão  
Do teu povo sofrido  
Que clama por uma solidão.*

*Mesmo diante das adversidades  
Nosso povo é valente,  
Passa a noite inteira  
A luz da lua somente  
Jogando a rede no rio  
Saciando a fome da gente.”*

*(Letícia Rodrigues da Costa, 2014).*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de investigação, a história da comunidade Ilha da Canabrava, tendo como objetivo geral organizar, a partir de narrativas orais dos moradores, a história da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, para construção do inventário da realidade. Para isso, utilizamos métodos e estratégias da pesquisa-ação, com abordagem qualitativa. A pesquisa fora dividida em quatro (4) etapas: 1) mobilização da comunidade; 2) discussão do plano de ação com os sujeitos da pesquisa; 3) levantamento das informações da realidade dos ribeirinhos; 4) análise e sistematização do inventário da realidade, sendo este o produto final da pesquisa. A investigação foi dividida em dois (2) momentos: realização de Roda de Conversa, para conhecer a origem da Ilha da Canabrava, contemplado na primeira parte do inventário-Relatos das memórias afetivas- e por meio de um questionário, para levantar dados atuais- Contexto atual da comunidade. O inventário, cujo documento servirá à comunidade para resguardar um pouco da sua história, poderá ser utilizado também pela Escola Municipal Jonas Rodrigues, situada na localidade em questão no município de Bom Jesus da Lapa-Bahia, com fins educativos, na promoção de uma educação contextualizada e humanizadora. Conclui-se, que o levantamento da realidade da comunidade, evidenciou preocupação entre os participantes da pesquisa, com a falta de preservação da história da comunidade, conservação das manifestações culturais que constituem a identidade da população da ilha e da inexistência de uma organização coletiva para lutar por políticas públicas.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Cultura; Inventário da Realidade; Memória.

## ABSTRACT

The object of the present research is the history of the community Ilha da Canabrava, with the general objective of organizing, based on the oral narratives of the residents, the history of the riverside community Ilha da Canabrava, for the construction of an inventory of reality. For this, we used methods and strategies of action research, with a qualitative approach. The research was divided into four (4) stages: 1) mobilization of the community; 2) discussion of the action plan with the research subjects; 3) survey of information about the reality of the riverside dwellers; 4) analysis and systematization of the inventory of reality, this being the final product of the research. The research was divided into two (2) moments: a round table conversation to learn about the origin of the Canabrava Island, included in the first part of the inventory (Accounts of affective memories) and a questionnaire to gather current data (Current context of the community). The inventory, whose document will serve the community to safeguard a little of its history, may also be used by the Municipal School Jonas Rodrigues, located in the locality in question in the municipality of Bom Jesus da Lapa-Bahia, for educational purposes, in the promotion of a contextualized and humanizing education. It is concluded that the survey of the reality of the community showed concern among the participants of the research, with the lack of preservation of the history of the community, conservation of cultural manifestations that constitute the identity of the island's population and the absence of a collective organization to fight for public policies.

**Key-words:** field education; culture; inventory of reality; memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Embarcando na Lancha Escolar .....	23
Figura 2 - Idas e vindas da Ilha da Canabrava.....	28
Figura 3 - Morro de Bom Jesus da Lapa .....	30
Figura 4 - Morro antigo de Bom Jesus da Lapa .....	31
Figura 5 - Romaria da Terra e das Águas .....	33
Figura 6 - Ilha da Canabrava.....	42
Figura 7 - Imagem aérea do Rio São Francisco durante a enchente de 2022 .....	44
Figura 8 - Casa de uma moradora da Ilha da Canabrava .....	46
Figura 9 - Imagem da parte lateral da Ilha da Canabrava .....	46
Figura 10 - A água no batente da porta.....	47
Figura 11 - Plantações destruídas pela enchente .....	47
Figura 12 - Campo de futebol, situado na Ponta de Cima da comunidade, inundando pela enchente.....	48
Figura 13 - A canoa navegando dentro da ilha.....	48
Figura 14 - Espaço onde antigamente, acontecia aulas embaixo de pés de manga.	49
Figura 15 - Casa de Taipa. Simbolizando a primeira sala de aula da comunidade...	51
Figura 16 - Visita da pesquisadora ao professor João Campos .....	52
Figura 17 - Primeiro prédio escolar da comunidade .....	53
Figura 18 - Prédio escola atual.....	54
Figura 19 - Transporte Escolar (Lancha).....	55
Figura 20 - Formação continuada específica para professoras da Escola Jonas Rodrigues.....	56
Figura 21 - Desfile Cívico (7 de setembro). Banda Canabrava .....	58
Figura 22 - Primeiros passos no campo de pesquisa: Ilha da Canabrava .....	65
Figura 23 - Coletivo Casa de Farinha. Assistindo ao Filme “Narradores de Javé” ....	67
Figura 24 - Roda de Conversa. Quilombo Lagoa das Piranhas. (Casal: Emanuel /Joana) .....	71
Figura 25 - José Wilson. Piloto da Lancha. (Transporte Escolar).....	72
Figura 26 - Roda de Conversa. Alunos do Fundamental II .....	74
Figura 27 - Rumo à casa do Sr. João Gomes. ....	75
Figura 28 - Roda de Conversa. Casa de Sr. João Gomes .....	75
Figura 29 - Roda de Conversa. Casa do Sr. João Cordeiro .....	76

Figura 30 - Trajeto à Casa de Farinha .....	76
Figura 31 - Roda de Conversa. Coletivo Casa de Farinha .....	77
Mapa 1 - Localização do município de Bom Jesus da Lapa .....	31
Mapa 2 - Território de Identidade Velho Chico .....	34
Quadro 1 - Características gerais de Bom Jesus da Lapa .....	33
Quadro 2 - Comunidades Remanescentes de Quilombos de Bom Jesus da Lapa / Bahia .....	37
Quadro 3 - Escolas do Campo por região .....	41
Quadro 4 - Manchetes sobre a enchente do Rio São Francisco em Bom Jesus da Lapa .....	45
Quadro 5 - Grupo de colaboradores que participaram do questionário.....	71
Quadro 6 - Participantes da Roda de Conversa / Conversa online .....	77
Quadro 7 - Participantes da Arte: Desenho da Ilha da Canabrava (mapa) .....	78
Quadro 8 - Panorama cronológico da Educação do Campo .....	82
Quadro 9 - Sentido da palavra Cultura .....	95

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAQ/BA – Conselho Estadual das Comunidades e Associações Quilombolas do Estado da Bahia

CEB – Câmara de Educação Básica

CNBB – Conferência Nacional para os Bispos do Brasil

CNE – Conselho Nacional de Educação

EFA's – Escola Família Agrícola

EMITec – Ensino Médio com Intermediação Tecnológica

FCP – Fundação Cultural Palmares

FORMACAMPO – Formação de Professores do Campo

FONEC – Fórum Nacional de Educação do Campo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBAIANO – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OTP – Organização do Trabalho Pedagógico

PEA – Programa Escola Ativa

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SEMED – Secretaria Municipal de Educação /Bom Jesus da Lapa – Bahia

SINSPUB – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais / Bom Jesus da Lapa

UAB – Universidade Aberta ao Brasil

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFOB – Universidade Federal do Oeste Baiano

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade de Estado da Bahia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>23</b>
<b>1 E NAVEGANDO EU VOU</b> .....	<b>23</b>
1.1 LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: O BAÚ DA MINHA INFÂNCIA.....	23
1.2 NUNCA FOI FÁCIL!.....	25
1.3 PELO POVO... É LÁ QUE ESTOU!.....	27
1.4 EU, O RIO E A ILHA DA CANABRAVA.....	28
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>30</b>
<b>2 DESCREVENDO O LÓCUS DA PESQUISA</b> .....	<b>30</b>
2.1 MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA / BAHIA .....	31
<b>2.1.1 Território de identidade do velho chico</b> .....	<b>34</b>
<b>2.1.2 Comunidades remanescentes de quilombos</b> .....	<b>35</b>
<b>2.1.3 Bom Jesus da Lapa: apontamentos sobre a educação do campo</b> .....	<b>37</b>
2.2 COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA .....	42
2.3 DAS SOMBRAS DAS MANGUEIRAS AO PRÉDIO ESCOLAR – COMO TUDO COMEÇOU.....	49
<b>2.3.1 Conquistas, perdas e desafios: panorama atual da escola</b> .....	<b>54</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>59</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PERCURSO DA PESQUISA</b> .....	<b>59</b>
3.1 ANALISANDO OS PASSOS DA PESQUISA .....	65
<b>3.1.1 Bloco temático: nossa origem, nosso patrimônio</b> .....	<b>68</b>
<b>3.1.2 Bloco temático: Organização da comunidade – a força da união</b> .....	<b>69</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>79</b>
<b>4 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: PRIMEIRAS PALAVRAS</b> .....	<b>79</b>
4.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: TERRITÓRIO DE LUTA E RESISTÊNCIA .....	81
4.2 EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: SABERES RIBEIRINHOS E FORMAÇÃO HUMANA .....	90
<b>CAPÍTULO V</b> .....	<b>95</b>
<b>5 CULTURA: CATEGORIA PRESENTE NA PRODUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS</b> .....	<b>95</b>
<b>6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>108</b>
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	116
ANEXO B – Questionário 01 ( <i>on-line</i> ): dados gerais da comunidade .....	117
ANEXO C - Questionário 02 ( <i>on-line</i> ): contexto educacional .....	119

ANEXO D - Questionário 03 (presencial): atividades de crianças e jovens, quando não estão na escola .....	120
ANEXO E - Questionário 04 ( <i>on-line</i> ). Fenômenos da natureza: enchente de 2022 .....	121
APÊNDICE A - O inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava .....	122



## 1 INTRODUÇÃO

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade e que tem seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e agroindustrial de terras. O campo é o espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação (FERNANDES, 2002, p. 63).

É a partir desta premissa, “campo é lugar de vida”, que peço licença aos nossos ancestrais, para aqui conduzir uma reflexão, um estudo que traz como elemento norteador a diversidade cultural, ambiental, econômica, social e política dos sujeitos ribeirinhos. E a chave responsável por abrir este espaço de discussão são as memórias. Reviver memórias e alimentar memórias é a mola propulsora desta nossa pesquisa. Pois, de acordo com os estudos de Halbwaches (2013 apud, SILVA, 2016, p. 5):

As lembranças, sobretudo, são representações que se baseiam mesmo que em partes, em testemunhos e deduções, reconstrução, especialmente nos seguintes aspectos: de um lado porque não é mera repetição dos fatos/eventos/vivências que se estabeleceram no passado, mas acima de tudo, por ser responsável pelo resgate desses acontecimentos, que se dão a partir de interesses e preocupações atuais, por outro lado, se diferencia da série de acontecimentos que podem ser facilmente localizados em um determinado tempo, definidos mediante um conjunto de relações sociais.(HALBWACHES 2013 apud SILVA, 2016, p. 5).

As lembranças surgem mediante as relações construídas por um determinado coletivo social, mas a memória individual tem seu lugar de pertença, porque “a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos” (ibid., p. 2).

Neste sentido, para Bergson (2006 apud Souza, 2014, p. 15), “... a lembrança é uma imagem do passado conservada pelo sujeito”, e quando rememorada, está em questão os diversos sentimentos que alimentam uma determinada lembrança. A memória que nos acompanha, não é um depósito simplesmente de acontecimentos e de fatos isolados de nossas emoções, de acordo com Bergson (2006). Assim, o efeito de lembrar do passado, com certeza, alterará nosso estado emocional, psicológico e cognitivo. É impossível uma lembrança não despertar algum tipo de sentimento no sujeito.

Os estudos de Halbwaches, acerca de “lembranças e memórias”, nos apontam

duas modalidades de memória: a individual e a coletiva:

(...) a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. (HALBWACHES 2013, apud SILVA, 2016, p. 2).

Concordamos com os estudos de Halbwaches, porque vivemos em sociedade e construímos nossa identidade com base nos ensinamentos de nossos antepassados. Destarte, nos apropriamos da memória coletiva, para resguardar nossas lembranças, fatos, conhecimentos, situações que foram vivenciadas em grupos e revivê-las, quando necessário. Contribuindo com esta reflexão, Pollak nos diz que a memória é a “... operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989 apud, SILVA, 2016, p. 10).

E ao estruturar esta pesquisa, acerca da realidade de uma comunidade ribeirinha, de certo modo irá proporcioná-los em alguns aspectos a serem levantados, a reviver suas memórias, alimentá-las e conservá-las. Pois, é sobre as especificidades deste povo que vive e sobrevivem as margens do rio São Francisco que propomos conhecer nesta investigação. E deste lugar, o rio que conduz vidas e contribui fundamentalmente para a construção da identidade cultural e social de seus habitantes, temos a seguinte afirmação:

Só morar na beira do rio na várzea ou na terra firme não o identifica como ribeirinho. Ribeirinho está intimamente ligado na relação direta com o rio (água), seja nas margens dos grandes rios, paranás, furos ou nas distâncias (50km ou 100km), no meio das florestas, onde surgem os igarapés (rio de primeira ordem – nascente). Essa ligação está enquanto uso que faz do rio; enquanto necessidade; enquanto sentimento de pertencimento (identidade); enquanto vida, enquanto lugar de construção de espaços coletivos e participativos de vivência comum [...]. (MARANDOLA, 2014 apud SILVA; VARGAS, 2020, p. 11-12).

Mediante esta ligação diária com o rio, os ribeirinhos vão se constituindo sujeitos empoderados, fortalecendo o sentimento de pertença numa luta de resistência e resiliência pela vida. E a pesquisa em pauta navegará buscando conhecer a realidade deste povo que cria e recria suas vidas, nesta relação de interdependência com o rio.

A pesquisa ora apresentada que tem por título, “VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM: Inventário da realidade da Comunidade Ilha da Canabrava, município de

Bom Jesus da Lapa - Bahia”, nasce de uma inquietação que desponta ao perceber que a comunidade pouco conhecia sobre sua própria história, sua própria origem. O fato de conviver com a comunidade ribeirinha diariamente, como professora, proporcionou-me este olhar para além dos muros da escola e a necessidade de conhecer mais a comunidade.

É oportuno mencionar em quais momentos de fato, surgem estas inquietações: Primeiro, na escola, quando em seus planejamentos, a equipe pedagógica buscava desenvolver atividades para que os alunos realizassem junto às famílias, referente à história, origem, e a realidade da comunidade. E as respostas trazidas pelos alunos, em sua grande maioria, demonstrava que a comunidade pouco se conhecia.

Em segundo lugar, foram aqueles momentos de prosa e interação que mantenho com a comunidade em outros espaços, além da própria escola. Seja em eventos tradicionais e culturais; andando pelo caminho<sup>1</sup> da escola até chegar ao porto da lancha; dentro da própria lancha (Transporte escolar); ou ainda, em alguma visita domiciliar. E foi através destes elementos, que comecei a me perguntar: o que fazer para que a comunidade conheça sua própria história, sua própria realidade?

Compreendemos que a escola não pode desenvolver seu papel formador, distanciada do contexto de vida da comunidade onde se insere. É preciso dialogar com a população local durante a elaboração da proposta pedagógica, colhendo informações que subsidiarão as ações educativas necessárias a formação do indivíduo. Mas, não queremos aqui, responsabilizar somente a escola, a pensar numa proposta de trabalho para levantar as informações da realidade da comunidade.

É preciso mais que isso! É necessário mobilizar a comunidade para escrever, narrar sua própria história, como aconteceu no filme, *Narradores de Javé*<sup>2</sup>. Porque fatos, tradições e manifestações culturais, entre outros aspectos, são memórias que podem se perder, assim como um “vento que se passa e não mais volta”. Por que os ventos não são os mesmos! É importante deixar registrado como a comunidade se organiza nos aspectos sociais, culturais, ambientais econômicos e políticos, desde sua ancestralidade aos tempos atuais.

---

<sup>1</sup> Na comunidade Ilha Canabrava, a estrada é popularmente conhecida por caminho. Um espaço que se abre entre as plantações ou moradias.

<sup>2</sup> Filme “Narradores de Javé” é um uma produção brasileira em coprodução com a França de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé. Lançado no Brasil em 23/01/2004.

E nesta perspectiva, a pesquisa será conduzida pela própria comunidade, e não através de uma iniciativa pedagógica da escola. “É muito importante que o inventário seja assumido como tarefa da comunidade e não apenas da escola”, (CALDART et al. 2016, p. 4). Esta ressalva, sobre a “própria comunidade” assumir este comando, se deve porque, na orientação de construção do inventário da realidade para as escolas do campo, apresentado mediante um guia metodológico, Caldart et al (2016, p. 1), torna claro, que a responsabilidade inicial por levantar as informações utilizando a proposta do inventário, cabe inicialmente a escola, num processo coletivo entre escola e comunidade.

A presente pesquisa lança um desafio indo de encontro a proposta deste guia metodológico, colocando a comunidade para analisar a proposta e planejar ações relevantes para a construção coletiva do inventário, longe das paredes das salas de aula. Portanto, o caminho será inverso, da “comunidade para a escola”. Isto porque, o inventário da realidade, terá um papel fundante no processo da organização pedagógica da escola.

Neste sentido, o Problema que a pesquisa se propõe a responder é o seguinte: como a história da comunidade Ilha da Canabrava, pode contribuir para a compreensão de sua realidade? Trazendo como Objetivo Geral, “Organizar, a partir de narrativas orais dos moradores, a história da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, para construção do inventário da realidade”.

E para atingir o objetivo principal da pesquisa, elaboramos os seguintes Objetivos Específicos: 1. Levantar, junto à comunidade, dados sobre os aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos; 2. Descrever a comunidade Ilha da Canabrava, em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos; 3. Organizar, a partir das narrativas orais, o inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava; 4. Apresentar para a escola, o inventário da realidade, como uma possível ferramenta pedagógica para trabalhar conteúdos relacionados à realidade dos alunos.

A comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, por possuir um território consideravelmente grande, sua população a dividiu em algumas partes, nomeando: Ponta de cima; Ponta de baixo; Rio de cá; Rio de fora; Vila Santo Antônio. Cada espaço deste abriga muitas famílias, neste sentido, escolhemos representantes de cada parte da ilha para participar da pesquisa, em respeito à diversidade cultural presente na comunidade.

Pensamos na construção de um Inventário da Realidade, por ser um instrumento capaz de coletar, analisar e “registrar informações de diferentes aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade” (CALDART et al. 2016, p. 1). Quando a nossa investigação parte deste olhar para a realidade da comunidade, é por reconhecer e valorizar o campo com suas especificidades nos aspectos culturais, sociais, ambientais, políticos e econômicos, vivenciado pelos seus sujeitos.

E neste contexto das especificidades e realidades no território camponês, uma passagem da Declaração de 2002, documento fruto do “Seminário Nacional por uma Educação do Campo”, realizado no mesmo ano da declaração, ilustra a fala dos sujeitos do campo, quando declaram que o “campo existe”, e por isso produzem cultura:

Os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar, distante do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, bem como de viver e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação. Nos processos que produzem sua existência vão também se produzindo como seres humanos. (DECLARAÇÃO RESULTANTE DO SEMINÁRIO NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2002, p. 11).

É deste campo vivo que estamos falando, dessa caracterização cultural presente que diferencia os povos do campo e seus diferentes saberes. Caldart (2002, p. 21), nos convoca a refletir e conhecer a diversidade populacional do campo: “O campo tem diferentes sujeitos<sup>3</sup>. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boia fria e outros grupos mais.” De fato, é imprescindível e urgente reconhecermos

---

<sup>3</sup>**Agricultor** - é considerado agricultor familiar, pois, pratica atividades no meio rural; **Quilombolas** - Quilombolas são os descendentes e remanescentes de comunidades formadas por escravizados fugitivos; **Povos Indígenas** - são os habitantes originários das terras do continente americano antes da invasão europeia. **Pescadores** – pessoas que vivem do manejo da pesca; **Camponês** – pessoas que vivem no campo, que é próprio do campo; **Assentados** - famílias beneficiadas com um lote, devendo residir e explorar o lote, com o desenvolvimento de atividades produtivas diversas; **Reassentamento** – ação de assentar em outro lugar; **Ribeirinhos** - são aqueles que residem nas proximidades dos rios e têm a pesca artesanal como principal atividade; **Povos da floresta** - Habitantes tradicionais da floresta amazônica, que baseiam seu modo de vida na extração de inúmeros produtos; **Caipiras** – quem mora no campo ou na roça; **Lavrador** – que vive do cultivo da terra; **Roceiro** – indivíduo que trabalha na roça, na lavoura; **Sem-terra** - grupos que lutam pela conquista de terras, pelo direito à moradia; **Agregados** – são pessoas que moram em fazendas de outros proprietários prestando serviços não remunerados; **Caboclo** – pessoa que resulta da mistura de branco com índio; **Meeiro** – agricultor que trabalha em terras de outra pessoa e reparte seus rendimentos com o dono dessas terras; **Boia-fria** - um indivíduo que executa um trabalho na zona rural sem a obtenção de vínculos empregatícios. (FONTE: Wikipédia, 2022).

este campo diverso e entender que as demandas são peculiares a cada comunidade, no tocante aos aspectos socioculturais.

E neste sentido, justificamos a escolha pelo Inventário, por ser uma ferramenta de trabalho capaz de responder as expectativas da pesquisa em questão, levantando informações da realidade populacional em torno da escola, a partir de uma coletividade (escola e comunidade). Deste modo, “pode-se fazer um inventário de bens, de valores, de produções econômicas, culturais, sociais, de recursos naturais, de pessoas, de formas de trabalho, de lutas, de hábitos e costumes, de conhecimentos, de atividades agrícolas, de indústrias [...]” (CALDART et al 2016, p. 1).

A construção do inventário da realidade dentro do contexto das escolas do campo no Brasil, torna-se possível, através das iniciativas das escolas em áreas da Reforma Agrária em 2009, quando na oportunidade o coletivo do movimento Sem Terra, busca ressignificar as propostas pedagógicas, e “fez parte dessa transformação a construção de inventários da realidade para a elaboração curricular das escolas itinerantes do Paraná”, (SACHES, 2019, p. 40). A partir de então, em 2010, algumas escolas iniciam o movimento coletivo de construir seu próprio inventário da realidade, conduzido pelo MST<sup>4</sup>.

Partindo dessa experiência, que movimentou muitas regiões do campo brasileiro, e não somente áreas de Reforma Agrária, em 2016, o Inventário da Realidade, ganha um formato específico para a Educação do Campo, através da elaboração de um guia instrucional, intitulado como, “Inventário da Realidade: guia metodológico para uso das escolas do campo”, elaborado coletivamente, durante a realização do Seminário sobre Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo, no Instituto de Educação Josué de Castro, em Veranópolis, Rio Grande do Sul.

E o coletivo de elaboração deste guia metodológico, Caldart et al (2016), determinaram alguns objetivos formativos a serem levantados a partir do inventário, como:

**Identificar** possibilidades de relação da escola com o trabalho socialmente produtivo, para discussão com a comunidade e possível inclusão no

---

<sup>4</sup> O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento socioterritorial que reúne em sua base diferentes categorias de camponeses pobres – como parceiros, meeiros, posseiros, minifundiários e trabalhadores assalariados chamados de sem-terra, e também diversos lutadores sociais, pela Reforma Agrária e por mudanças na Agricultura brasileira. (FERNANDES, 2012, p. 496).

planejamento pedagógico; **Levantar** informações para estudos sobre agroecologia e agricultura na relação com o trabalho, considerando a possibilidade real de ligação das escolas do campo com atividades de produção agrícola de base agroecológica, e a necessidade de refletir sobre a realidade da agricultura hoje e suas mudanças no tempo e no espaço; **Verificar** porções da realidade inventariada que possam ser ligadas ao estudo dos conteúdos de ensino das diferentes áreas; **Identificar** conteúdos a serem incluídos no plano de estudos em vista da compreensão de questões relevantes da realidade atual; **Levantar** possibilidades de pesquisas ou visitas de campo com os estudantes para aprofundar o estudo científico de determinadas questões da realidade na relação com os conteúdos de ensino. (CALDART et al, 2016, p. 2. Grifo nosso).

É pertinente frisar que este grupo de objetivos formativos, indicados pelo guia metodológico não tira a autonomia das escolas de inserir outros objetivos relevantes à realidade de sua comunidade, no processo de construção do Inventário. Até porque, o guia metodológico é um documento norteador e entende que os grupos sociais são diferentes em muitos aspectos, sendo assim, cada comunidade será responsável por construir sua própria ferramenta de pesquisa, seguindo as orientações básicas do guia metodológico.

Neste sentido, acreditamos que para a comunidade pesquisada, o Inventário da Realidade possa contribuir: com a preservação da memória e raízes históricas da sua ancestralidade; com o processo de formação humana de seus sujeitos; na produção de conhecimentos; no fortalecimento da auto-organização da comunidade; no desenvolvimento do sentimento de pertença. Ele também se transforma em um instrumento potente de luta pelas políticas públicas para o homem e a mulher do campo.

Adentrando o espaço escolar, o Inventário da Realidade, visa contribuir com as ações pedagógicas no diálogo entre conhecimento científico e empírico, não perdendo de vista a realidade sociocultural do lugar que a escola se encontra.

[...] é preciso pensar a escola como parte de processos formativos que constituem a vida social e as relações entre ser humano e natureza, intencionalizados em uma direção emancipatória. Por isso a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida, suas questões e contradições, seu movimento (CALDART et al. 2016, p. 1).

A escola do campo precisa olhar para seu entorno e projetar práticas educativas e específicas inerente ao contexto de vida de seus sujeitos ribeirinhos – alunos. Comungando do pensamento de Arroyo, quando diz que:

A escola é mais um dos lugares em que nos educamos. Os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura, historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura, a formação que acontece fora da escola (ARROYO, 1999, p. 22).

Neste sentido, todos ganham: comunidade, alunos e professores. Quando professores ao planejarem suas atividades pedagógicas se cruzam com documento ou registro que contextualiza as vivências e saberes de seus alunos, o traçado do aprendizado, para ambos, será significativo. O envolvimento do grupo será diferente, porque o objeto de estudo é a sua própria comunidade. Por isso, nossa proposta foi construir o Inventário da Realidade da comunidade com a participação ativa dos principais protagonistas deste processo – comunidade e escola.

Assim, o presente trabalho, inicialmente, apoia-se nos autores apresentado aqui por meio de quatro blocos teóricos: 1 – Educação do Campo e povos ribeirinhos: Arroyo (1999), Caldart (2002; 2009), Fernandes (2002), Lira; Chaves (2016), Silva; Vargas (2020), Freire (1967), e a Legislação para a Educação do Campo; 2 – Metodologia: Duarte (2002), Silva (2005), Cordova (2009), Gerhardt; Silveira (2009), Mauro; Lima (2014); 3 – Construção do Inventário: Freitas (2010; 2012), Caldart (2016), Línlya (2019), Alves (2020), Teixeira (2020); 4- Cultura e seus conceitos: Tardim (2012), Moreira; Candau (2008), Santos (2000), Munanga (2017). A pesquisa parte destes pressupostos teóricos, contudo, durante o desenvolvimento do estudo outros foram inseridos com o objetivo de qualificar ainda mais a investigação, assim como, a inclusão de outras categorias que surgiram, mediante o levantamento das informações.

Na organização deste estudo, produzimos cinco capítulos, além da conclusão. A priori, sua introdução apresenta a justificativa, o objeto de pesquisa, objetivos gerais e específicos – elementos norteadores da investigação, o *lócus* e os sujeitos da pesquisa, de forma breve. Assim como, traz indicações do corpo teórico e metodológico, apresentando o Inventário da Realidade, como Produto Pedagógico, que resultou do procedimento da pesquisa.



No Capítulo I “E navegando eu vou...” conheceremos um pouco da vida da pesquisadora, desde sua infância até os dias atuais, e a relação que durante anos construiu com o Rio São Francisco, o que fundamenta, também, a escolha pelo tema da pesquisa.

Em sequência, no Capítulo II, “Descrevendo o lócus da pesquisa”, uma breve contextualização traz informações gerais do município de Bom Jesus de Lapa, da comunidade pesquisada Ilha da Canabrava e da Escola Jonas Rodrigues, o que julgamos imprescindível para o desenhar desta investigação.

Referente ao Capítulo III, “Caminhos metodológicos: análise das estratégias da pesquisa ao produto final”, apresentamos o caminho da pesquisa, das escolhas e ferramentas metodológicas, numa perspectiva qualitativa conduzida pelas narrativas dos sujeitos colaboradores para a construção do Inventário da Realidade.

O Capítulo IV, “Educação do Campo e Educação Ribeirinha: primeiras palavras” é dedicado ao diálogo com a Educação do Campo mediante um quadro panorâmico, que contextualiza a origem e caminhada do Movimento da Educação do Campo aos dias atuais, destacando os aspectos do contexto da Educação Escolar dos ribeirinhos.

Enquanto que, no Capítulo V, “O Inventário e a Realidade cultural dos ribeirinhos da Ilha da Canabrava”, abordamos sobre a categoria cultura e relações sociais, analisando os passos da pesquisa com fins a coleta de dados, através da Roda de Conversa e aplicação de Questionário.

E por fim, apresentaremos “Algumas Considerações”, pautadas na interpretação dos dados, discorrendo sobre elementos fundantes levantados durante a pesquisa, sinalizando a função social do inventário para o autoconhecimento da comunidade da Ilha da Canabrava e preservação de suas memórias.

Consta no texto ainda, as Referências que conduziram o desenvolvimento do estudo, o Apêndice, apresentando o Inventário da Realidade, e os Anexos presentes no texto.

## CAPÍTULO I

### 1 E NAVEGANDO EU VOU...

Figura 1 - Embarcando na Lancha Escolar



Fonte: Acervo da autora (2018).

#### 1.1 LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: O BAÚ DA MINHA INFÂNCIA

##### **Memórias de minha infância!**

As memórias que acompanham minha vida,  
 trazem lembranças de uma infância  
 ancorada nas idas e vindas,  
 no navegar do rio São Francisco.  
 ...nas idas e vindas, para a Ilha do Gado Brabo e  
 Ilha do Fogo.  
 ...nas idas e vindas, de Ibotirama à Bom Jesus da  
 Lapa.  
 ...nas idas e vindas, na esperança por dias  
 melhores.  
 Assim, era minha infância!  
 Em lanchas, balsas, canoas... e pasmem!  
 Até de vapor, flutuei pelas águas do Velho Chico.  
**Memórias de minha infância!**  
 (Autora da pesquisa)

Nasci em Bom Jesus da Lapa/Bahia e desde então, minha vida criou raízes na convivência diária com o rio São Francisco. Filha de Silvino Pachêco e Maria Conceição Pachêco ambos pescadores a lavradores. As memórias de meus pais guardam lembranças de uma época, da década de 70, onde buscavam terra para plantar e cuidar da sobrevivência dos seus, pois, somente a pesca, não era capaz de assegurar o alimento diário. E nesta busca, ancoraram na comunidade Ilha do Fogo, na cidade de Bom Jesus da Lapa. Prepararam a terra e começaram a plantar várias

culturas alimentícias: feijão, mandioca, milho, abobora, melancia, entre outros.

Naquela época, as pessoas moravam no centro urbano e dividia seu tempo com o plantio nas ilhas do município, aproveitando a condição do solo fértil e da abundância das águas do rio. Era a produção para o consumo próprio.

Contam meus pais, que eu tinha por volta de 4 meses de idade quando conheci a Ilha do Fogo. Bastante saudosos, relatam que quando iam para a ilha, faziam uma “caminha” na canoa para que pudessem deitar meu corpo “miúdo e frágil”. E ao lado colocava um “radinho de pilha”, para que eu ficasse calma e pudesse contemplar a viagem ouvindo músicas e aspirando a natureza. Agora eu entendo, a minha paixão por música! E assim, a viagem transcorria. Durante mais ou menos 5 anos, convivemos com e na Ilha do Fogo. Impressionante nesta pequena parte da minha vida, é que descobri a partir desta pesquisa que fui moradora da Ilha do Fogo, comunidade vizinha da Ilha da Canabrava.

Uma lembrança mais que especial, foi quando meus pais resolveram realizar um grande sonho: viajar de vapor, de Bom Jesus da Lapa até Ibotirama. E eu fui contemplada com esta experiência, aos 3 anos de idade.

Todo mundo que ouvia o apito do vapor, quando ancorava nos portos e quando levantava âncora, sonhava um dia, ser passageiro e sentir de perto a magia do apito do gigante das águas. Era lindo de se ver! Todos correndo para dar boas-vindas ou para se despedir.

Tempos depois, meu pai consegue um emprego em uma determinada firma de navegação, em Bom Jesus da Lapa/Bahia, e começa a trabalhar em balsas que faziam a travessia de vários meios de transportes e passageiros, para outro lado do rio. Mais tarde, é transferido para a cidade de Ibotirama. A mudança foi feita pela balsa. Corremos rio até chegar no novo porto seguro. Minha mãe é de Ibotirama, então não foi difícil a nossa adaptação. O meu pai é de Casa Nova.

Chegando em Ibotirama, minha rotina de idas e vindas pelo rio, recomeça e ganha uma nova paisagem. E outros personagens! Minha bisavó e meu bisavô maternos, moradores da Ilha do Gado Brabo, quando no sábado vinham para a feira livre na cidade, e ao voltar para a ilha, levava-me com eles. Passávamos o final de semana juntos, e na segunda, as 5 horas da manhã, tinham a preocupação de me levar de volta para casa, por causa da escola. Faltar a escola, jamais! E na canoa, o rio nos levava de volta.

E esta rotina se perpetuou durante alguns anos, em meio as canoas a remo, navegando pelo Velho Chico. E eu, criança, só queria aproveitar meu tempo! E hoje, são lembranças de uma vida vivida e sentida. São Memórias! Memórias, que contribuíram para a minha formação humana a partir dos ensinamentos das pessoas mais experientes.

## 1.2 NUNCA FOI FÁCIL!

Morando em Ibotirama, ainda na década de 80, era preciso continuar os estudos. A referida cidade não ofertava o Ensino Fundamental dos Anos Finais, que naquela época, recebia outra nomenclatura: ginásial. Desse modo, meus pais não pensaram duas vezes e me encaminharam a cidade de Bom Jesus da Lapa, para assim, continuar meus estudos. Fui matriculada no Colégio São Vicente de Paula, para cursar a 5ª série. Ficava na casa de minha tia madrinha – Maria da Soledade Alencar, durante a semana e no final da sexta feira, voltava para Ibotirama.

Numa época que estradas não existiam. Transportes nem se fala! Era tudo muito difícil. Meus pais pagavam um senhor que fazia linha ente Ibotirama e Bom Jesus da Lapa, assegurando meu deslocamento. E minha rotina, era desenhada pelo sonho de uma educação escolar: segunda feira meu destino era Bom Jesus da Lapa. E na sexta feira voltava para casa, Ibotirama. Aos 12 anos de idade.

Ano seguinte, minha família muda novamente para a cidade de Bom Jesus da Lapa. Naquela época, morar em terras lapense, era sinônimo de dias melhores, pois, oferecia mais condições de emprego, saúde e de estudo, que a cidade de Ibotirama não oferecia. Meus pais sempre acreditaram nas oportunidades impulsionadas pela Educação, por isso, de tudo fizeram para nos proporcionar (irmãos) uma educação escolar. A melhor herança de nossos pais!

Nesta labuta de troca de cidades, consegui com muita dificuldade concluir o ginásio. Ingressei no Ensino Médio, no curso de Magistério. A educação sempre teve um espaço preferencial e especial em minha vida. Eu e a Educação, um cordão umbilical que nos liga, desde quando eu brincava de “escolinha” com irmãos e primos.

Ensino Médio, era pouco para mim. Queria mais! Nesta época, em 1989, eu morava na cidade de Santo Estevão/Bahia. A empresa que meu pai prestava serviço, havia transferido ele para este município, trabalhando em balsa, fazendo a travessia pelo rio Paragussú, entre as cidades de Santo Estevão e Cabaceiras.

A cidade não tinha oferta de faculdades e universidades. Os jovens de classe alta, conseguiam ingressar no Ensino Superior na cidade mais próxima, Feira de Santana/Bahia. E os jovens filhos de trabalhadores, ficavam entregue à própria sorte. Sem perspectiva de um futuro promissor, através da Educação.

Este foi o contexto de uma parte da minha vida. Filha de família pobre e simples. O casamento chegou muito cedo para mim. Primeiro constitui família, para depois lutar por um espaço de trabalho e continuar meus estudos.

A primeira escola que trabalhei foi uma instituição particular. Que fiquei somente um ano. Minha ideologia de vida, não dialogou com as condições impostas pela escola. “Disse não ao modo escravista, que me consumia”. Sempre fui defensora dos direitos humanos. E acreditava em um país democrático e na liberdade de ir e vir.

Em 1994, o município de Santo Estevão, realizou um concurso público para o Magistério. Fui aprovada e classificada. Mas, precisei lutar bastante para ser convocada. Consegui! E fui lotada numa escola de Ensino Fundamental dos Anos Finais (antigo ginásial), para trabalhar Língua Portuguesa, com turmas oriundas do espaço rural, que seriam atendidos numa escola situada no centro urbano. Resumindo: os alunos vinham de suas comunidades rurais para estudar em escolas no centro da cidade. Este foi meu primeiro contato com a Educação do Campo.

Sempre gostei de conversar com meus alunos durante os intervalos das aulas. Só assim, aproximava-me deles. Ganhava confiança. E garantíamos rodas de conversa. Desta forma, passei a conhecer a vidas deles e iniciar um debate acerca do direito a ter uma educação escolar na sua própria comunidade. Debate que acontecia longe das salas de aula.

Minha vida, era uma “vida cigana”. Só vivíamos mudando de cidade. E em 1997, volto para a cidade de Bom Jesus da Lapa. Em 1998, entrei para a educação do município através do concurso público, para trabalhar em Escolas do Campo. E em 2000, consegui entrar no Ensino Superior, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para cursar Pedagogia. Esta vitória se dá, após 9 anos da conclusão do Magistério.

Acreditei que o curso de Pedagogia poderia contribuir com minhas reflexões acerca da Educação do Campo. Mas, as discussões foram bastante resumidas, ou quase nenhuma. Neste sentido, não foi possível extrair do curso elementos que desencadeassem um estudo mais amplo. Assim, comecei a buscar leituras por conta própria. Eu precisava conhecer o desconhecido: Educação do Campo.

E nesta busca encontrei a Especialização em Educação do Campo, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) de Amargosa, em 2011. Cursei com muita dificuldade, porque minha jornada de trabalho não permitia que eu me dedicasse a estudos, e ainda não permite. Ingressei em 2019 no Mestrado Profissional em Educação do Campo, na UFRB, no Centro de Formação de Professores, em Amargosa. E agora em 2022, estou tentando concluindo o Mestrado.

A UFRB abriu um leque de oportunidades na minha vida profissional e pessoal. Através do conhecimento adquirido sobre a Educação do Campo, tive a oportunidade de participar de vários espaços de discussões em algumas cidades da Bahia e principalmente na cidade que moro e trabalho atualmente, Bom Jesus da Lapa.

Entre 2007 a 2012, com um convite da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), fui parte integrante da Coordenação Pedagógica da Educação do Campo. A princípio, fiquei à frente do Programa Escola Ativa (PEA) como Técnica Pedagógica, atendendo as escolas multisseriadas. Após, assumir todas as escolas do campo do município, como Coordenadora Pedagógica do Campo.

Em 2013, com a mudança da gestão municipal, fui desligada da SEMED, e pedi para trabalhar na Escola Municipal Jonas Rodrigues, na comunidade Ilha da Canabrava. Depois de muitos anos, a rotina com idas e vindas nas águas do rio São Francisco, voltam a fazer parte da minha vida. Fui renovada! Eu já estava precisando.

Agora, em 2022, precisei deixar a escola da ilha, por questões de saúde, mas, não me desliguei da comunidade. E sempre que possível estou envolvida nas causas sociais desta população ribeirinha. Existe uma aliança fortíssima: eu e a comunidade.

### 1.3 PELO POVO... É LÁ QUE ESTOU!

Não sou militante de Movimento Social, mas, faço presença onde quer que o povo se reúna para lutar pelos seus direitos. Esta bandeira eu carrego. Nas minhas veias correm sangue revolucionário. Quando eu cursava o ginásio, assim, eu era conhecida: Silvia, a revolucionária. E por conta disto, eu era sempre eleita para representar os colegas, sendo a líder da turma. Momentos de aprendizagens jamais esquecidos. Foi assim, que minha formação humana, social e política começou a despontar.

Quando entrei para a educação do município de Bom Jesus da Lapa, meu passaporte foi me filiar no SINSUB – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais

de Bom Jesus da Lapa. Lembro, que meus pais não aceitaram e ficaram preocupados. Antes de ir para a escola “dar aulas”, fui participar de uma grande mobilização que o sindicato realizava, reivindicando salário e condições de trabalho digno para os professores.

Nos últimos anos (anterior a pandemia da Covid-19) participei com frequência de espaços de discussões como: Romaria da Terra e das Águas; Educação do Campo; Movimento Quilombola; Articulação São Francisco Vivo; Coletivos de mulheres, entre outros. Atualmente, devido a Pandemia da Covid-19, estes momentos presenciais foram suspensos, sob a orientação dos protocolos de segurança da covid.

Estes espaços formativos refletem diretamente na minha vida pessoal e profissional. A cada dia, me constituo um ser humano ainda melhor, lutando contra as injustiças e as barbáries que atingem a classe trabalhadora em nosso país. E na vida profissional, enquanto professora, preciso assegurar espaços de reflexão, para além da sala de aula, com a comunidade escolar e comunidade local. Este é meu compromisso com a Luta do nosso povo.

#### 1.4 EU, O RIO E A ILHA DA CANABRAVA

Figura 2 - Idas e vindas da Ilha da Canabrava



Fonte: Acervo da autora (2018).

Durante mais de nove anos, minha rotina se deu através da relação com o rio São Francisco, navegando para a escola Jonas Rodrigues, na Ilha da Canabrava. A lancha que conduzia os professores, é a mesma dos alunos (Transporte Escolar). O porto onde embarcávamos era na coroa - a prainha do município. Não tinha cansaço que o rio não superasse. Saíamos todos os dias ao nascer do Sol, e voltávamos, muitas vezes com a Lua, dando-nos boa noite.

Rio e ilha, uma dupla que cooperou bastante com a formação da minha identidade cultural. A convivência com a comunidade, buscou raízes familiares que

não imaginava existir. Uma prosa aqui, outra ali, descobri parentes! E assim, fui me encontrando na ilha, lugar que escolhi para exercer a docência e contribuir para o desenvolvimento social, educacional, cultural, econômico e ambiental da comunidade.



## CAPÍTULO II

### 2 DESCRREVENDO O LÓCUS DA PESQUISA

Figura 3 - Morro de Bom Jesus da Lapa



Fonte: Acervo da autora (2017).

Velho Chico em versos

Santuário de fé e romarias,  
Brilha forte Bom Jesus da Lapa,  
E de cima da Gruta vê-se um mapa  
Multicolor, “samba-dores’ e alegrias  
Quilombos de lendas e cantorias,  
De versos de uns “nobres barranqueiros”.  
Da Ilha do Medo – o canoeiro  
Rema nas maretas da inspiração.  
Nos barrancos do “porto solidão”  
Florescem as canções do “violeiro”.  
(FERNANDO ADUÃO, 2020).

## 2.1 MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA / BAHIA

Mapa 1 - Localização do município de Bom Jesus da Lapa



Fonte: Wikipédia (2022).

A pesquisa supra citada, foi desenvolvida no município de Bom Jesus da Lapa, localizada na região Oeste, do interior do estado da Bahia. A história do surgimento deste município se dá através da religiosidade católica. Conta-se que um monge conhecido por Francisco de Mendonça Mar, que andava peregrinando pelo sertão da Bahia, depois de ter doado toda a sua riqueza aos pobres, carregando uma imagem do Bom Jesus, avistou um morro, nas proximidades do Rio São Francisco em 1691. Um lugar que existia ao seu redor, alguns currais de gado, pequenos moradores, empregados das grandes fazendas e a presença de índios Tapuias.

Figura 4 - Morro antigo de Bom Jesus da Lapa



Fonte: Riedel (1868).

O morro da Lapa, situado no perímetro urbano da sede do município, possui 93 metros de altura, 400 metros de largura e aproximadamente 1.000 metros de

extensão. Sua formação é de puro granito e calcário, possuindo uma diversidade de grutas e fendas estreitas.

Francisco de Mendonça Mar, fez morada em uma gruta dentro do morro e de lá espalhou-se a “boa nova” pelas redondezas, que ali um “homem santo”, se instalava. Com o passar dos tempos, devotos do Bom Jesus, começaram a povoar aquele lugar “santo”. Outros devotos, iniciaram uma peregrinação até o morro para receber bençãos e buscar milagres. E assim, inicia-se, as chamadas romarias, em busca do “homem santo”.

E aquele pequeno povoado, se transformou em uma Vila no ano de 1890, devido ao desenvolvimento das peregrinações que ano a ano crescia, e com isto, em 1923, alcança a categoria de cidade, sendo emancipada no dia 31 de agosto. Como expressa o trecho do hino do município, sobre os romeiros do Bom Jesus:

(...)
   
Romeiro que vem,
   
Romeiro que vai,
   
Cidade que é norte,
   
Para chegar ao pai.
   
(...)
   
(Souza / Maciel)

O município de Bom Jesus da Lapa, conhecido como a “Cidade Baiana da Fé”, está distante 796 km de Salvador, capital da Bahia, tem como Lema, “A capital baiana da fé e da fruta: quem chega a estas paisagens jamais a esquece”. Limita-se com Paratinga, Riacho de Santana, Sítio do Mato e Serra do Ramalho.

O município de Bom Jesus da Lapa, realiza a segunda maior festa religiosa e católica do Brasil. A data desta grandiosa manifestação cultural religiosa, é dia 6 de agosto, destinado as homenagens ao padroeiro da cidade, Senhor Bom Jesus, que reúne milhares de devotos, anualmente. Outra peculiaridade do município, que para a população é um orgulho, é o fato do Santuário do Bom Jesus ser a 1ª Maravilha do Brasil.

Dentro deste aspecto de festividade religiosa, temos mais duas romarias que atrai também, diversos romeiros a “capital baiana da fé”, que é: Romaria da Terra e das Águas, que acontece no mês de julho e da Nossa Senhora da Soledade, em setembro.

No entanto, a Romaria da Terra e das Águas, ultrapassa um movimento totalmente religioso. É um espaço de integrar o povo trabalhador, o povo do campo, o

povo que vive as injustiças de uma política opressora e desumana. E a peregrinação dessa romaria, soma-se com a fé, em busca da palavra divina e fortalecimento das forças para lutarem pelos direitos que lhes são negados ao longo do tempo.

Figura 5 - Romaria da Terra e das Águas



Fonte: Acervo da autora (2014).

O quadro abaixo, apresentará outras características e especificidade do município de Bom Jesus da Lapa, com base na leitura de alguns documentos, como: Referencial Curricular do Município (2019); Bom Jesus da Lapa - Resenha histórica (2020); e Atlas escolar municipal de Bom Jesus da Lapa (2015).

Quadro 1 - Características gerais de Bom Jesus da Lapa

Aspectos	Características
Climáticos	Geralmente seco e quente; temperaturas que oscilam entre 18 e 38 graus centígrados; com período de chuvas entre outubro a março.
Vegetação	A vegetação local caracteriza-se em contato caatinga, floresta estacional, formações pioneiras com influência fluvial, arbustiva, floresta estacional decidual.
Hidrografia	<b>Rio principal:</b> São Francisco (Velho Chico) – percorre cerca de 70 km no município; <b>Principais afluentes:</b> Rio Corrente, Rio das Rãs e o Rio Santana. <b>Lagoas:</b> Lagoa das Piranhas, Lagoa da Lapa, Lagoa dos Campos, Lagoa da Batalha, Lagoa da Moita e Lagoa Itaberaba. <b>Ilhas:</b> Ilha da Canabrava, Ilha do Medo, Ilha do Fogo, Ilha da Mariquinha e Ilha do Jogo.
Economia	Turismo religioso; Produção agrícola – cultivo de hortaliças e demais culturas (desenvolvida nas ilhas); Pesca artesanal; pecuária; e Agricultura irrigada – (Projeto Formoso), e Setor comerciário.
População	Censo de 2010 - 63.480 habitantes. Estimativa segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para 2022 é ultrapassar a margem de 70 mil habitantes.
Pontos turísticos	Rio São Francisco - coroas / prainhas, conhecidas como banco de areias; Ponte Gercino Coelho; Barrinha (comunidade Quilombola), as margens do rio; Gruta do Bom Jesus e da Nossa Senhora da Soledade – situada no morro; Praças principais: Marechal Deodoro; Catedral Nossa Senhora do Carmo e Monsenhor Turíbio Vila Nova; Museu do Santuário; Mercado Municipal Dona Firmina.

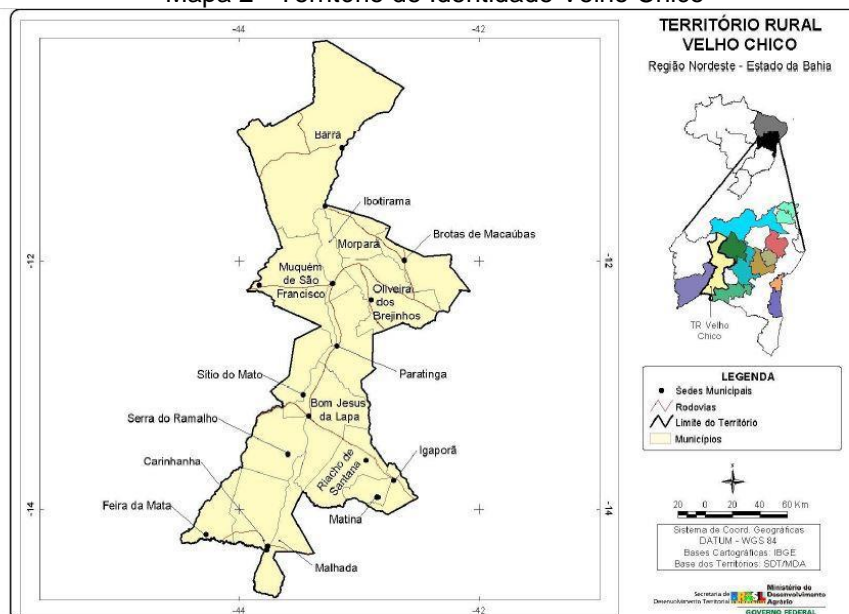
Educação- instituições no município	Escolas da Rede Municipal: 26 instituições na sede; 30 instituições no campo; Escolas da Rede Estadual: 02 instituições; Colégio da Polícia Militar: 01 instituição; <b>Ensino Superior:</b> UNEB – Universidade do Estado da Bahia; UFOB – Universidade Federal do Oeste Baiano; IF BAIANO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano; e UAB – Universidade Aberta do Brasil.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

### 2.1.1 Território de identidade do velho chico

Bom Jesus da Lapa, faz parte do Território de Identidade do Velho Chico, integrando 16<sup>5</sup> municípios, podendo observar no mapa a seguir.

Mapa 2 - Território de Identidade Velho Chico



Fonte: Relatório do impacto da Covid-19 nas comunidades Quilombolas do Território Velho Chico (2020).

O Território Velho Chico engloba parte do Oeste da Bahia, sendo um dos 27<sup>6</sup> Territórios de Identidade, que surge a partir de uma divisão territorial do estado da Bahia, levando em consideração as características semelhantes entre as áreas

<sup>5</sup> Dos 16 municípios baianos que compõem o Território Velho Chico, 11 possuem comunidades negras que se auto reconhecem como comunidades quilombolas, totalizando o número de 45 territórios compostos por mais de 100 comunidades (localidades). (RELATÓRIO CEAQ/BA, 2020).

<sup>6</sup> Desses, temos comunidades que se auto identificam como quilombolas e foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em pelo menos 26 territórios de identidade. (RELATÓRIO CEAQ/BA, 2020).

limites, facilitando assim, a identificação, conhecimento e reconhecimento identitários, dos povos pertencentes às margens do Rio São Francisco.

De acordo Decreto 12.354 de 25 de agosto de 2010:

Considera-se Território de Identidade o agrupamento identitário municipal formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, e reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertence, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial. (BAHIA, 2010).

O Estado da Bahia foi dividida em territórios de identidade, com o objetivo de facilitar a busca por Políticas Públicas de acordo as demandas sociais, políticas, econômicas e culturais de um determinado Território de Identidade, mediante as manifestações e reivindicações das articulações de seus representantes, de seu povo.

### **2.1.2 Comunidades remanescentes de quilombos**

Não pretendemos aprofundar a temática sobre Comunidades Quilombolas na produção deste texto, mas, é essencial registrarmos o entendimento do conceito de quilombo, haja vista que neste capítulo estamos caracterizando o Lócus da Pesquisa (Bom Jesus da Lapa), município que agrega várias Comunidades Quilombolas, sendo relevante então, de forma sucinta, refletir como se dá a formação de um quilombo.

Assim, ao levantarmos as produções acadêmicas a cerca desta temática para fundamentar nossa pesquisa, deparamo-nos, com o texto de Souza<sup>7</sup> (2015) conceituando a palavra quilombo, a partir dos estudos de Kabengele Munanga (2009), que nos diz:

Os quilombos são comunidades que se formaram no período escravocrata ou no pós-escravidão, tornando-se uma estratégia bastante utilizada por escravizados e libertos para garantir sua liberdade e sobrevivência. (SOUZA, 2015, p. 14-15).

Buscando compreender um pouco mais sobre a formação dos quilombos, Souza (2015) destaca que o quilombo é um espaço de resistência, resiliência e

---

<sup>7</sup> Shirley Pimentel de Souza. Quilombola (Comunidade Pedra Negra da Extrema – Barra/Bahia) Pedagoga (UNEB). Pesquisou sobre a Educação Escolar Quilombola – as pedagogias quilombolas na construção curricular. (2015).

afirmação das identidades dos povos africanos e seus descendentes oriundos da vida escrava, e daqueles que se juntavam a este coletivo (indígenas, povos brancos), em oposição ao modo escravista que impera, desde o período colonial.

A partir desta coletividade, a população dos quilombos se organiza tendo como base a diversidade cultural manifestada pelos seus grupos, respeitando seus princípios e saberes, sem perder de vista os conhecimentos ancestrais difundidos nas comunidades quilombolas. Desde modo, “construíram formas de organização social, econômica e política específicas para cada realidade, de modo a garantir a sua manutenção até os dias atuais”. (SOUZA, 2015, p. 15).

É fulcral que busquemos compreender como se origina os quilombos, na ocupação de territórios que favoreçam a liberdade de uma população que ao longo da história sofrem com a escravidão, humilhação, racismo e preconceito, entre tantos outros modos de violência disseminadas por uma política opressora.

E uma informação bastante relevante – não divulgada através dos canais de comunicação de massa, é que os quilombos não foram constituídos somente por meio de fugas.

Muitos territórios quilombolas na atualidade foram frutos de compra de terras por irmandades, por libertos, além de doações, terras de santos (*terras doadas por fazendeiros algum santo católico*), ocupações em fazendas abandonadas e tantas outras formas, que puderam garantir a resistência física e cultural desta população. (SOUZA, 2015, p. 15. Grifo nosso).

Partindo destas ocupações, começa uma luta pelo reconhecimento do Território de Identidade Quilombola, em busca da delimitação e titulação das terras ocupadas pela população remanescente de quilombos. E com a promulgação do Decreto 4887/03, a conquista pela Terra, começa a tornar realidade, considerando principalmente os aspectos sociais e étnico-raciais da população negra que se organiza em torno da esperança (do verbo Esperança, proposta por Paulo Freire – 1992), na luta pela igualdade de direitos, assegurados pela Lei, á qualquer cidadão e cidadã. E Souza, nos aponta que:

(...) Os quilombolas da atualidade têm reivindicado o direito aos seus territórios, o que inclui ainda o direito às diferenças culturais, políticas, históricas, sociais e econômicas, bem como aos direitos universais que são garantidos pela constituição a todos os brasileiros, como saúde, moradia, segurança, alimentação e educação. (SOUZA, 2015, p. 16).

A luta é incessante para a população negra remanescentes de quilombos, pois a resistência quilombola é um processo que se mantém ao longo de décadas, em diferentes contextos históricos, pelo direito a vida.

Contextualizando nosso Locus de pesquisa, o município de Bom Jesus da Lapa/ Bahia, é cenário de luta pelo reconhecimento e titulação de terras, para diversas comunidades quilombolas, como apresenta o quadro a seguir.

Quadro 2 - Comunidades Remanescentes de Quilombos de Bom Jesus da Lapa / Bahia

<b>Territórios Tradicionais</b>	<b>Comunidades Quilombolas</b>	<b>Etapa / processo</b>
Araçá / Cariacá	Patos, Cariacá, Pedras, Retiro Cocho	Certificada
Juá / Bandeira	Bandeira, Juá, Santa Rita, Campo Grande 1 e 2	Certificada
Bebedouro	Bebedouro	Certificada
Lagoa do peixe	Lagoa do Peixe	Certificada
Nova Batalhinha	Nova Batalhinha	Certificada
Rio das Rãs	Rio das Rãs, Vila Martins, Exu, Retiro, Aribá, Mucambo, Cedro, Riacho Seco	Titulada
Barrinha	Barrinha	Certificada
Lagoa das Piranhas	Piranhas, Boa Sorte, Ponte do Mato, Tambuiu	Certificada
Fortaleza	Fortaleza, Sítio Boa Sorte, Ponta do Mato, Tamburil	Certificada
Peroba	Peroba	Certificada

Fonte: Relatório do impacto da Covid-19 nas comunidades Quilombolas do Território Velho Chico (2020).

Destas comunidades representadas no quadro acima, destacaremos a do **Rio das Rãs**, a primeira que obteve titulação fundiária do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) na Bahia, abrindo caminhos para tantas outras comunidades se unir e lutar pela posse da Terra, até os dias atuais.

### **2.1.3 Bom Jesus da Lapa: apontamentos sobre a educação do campo**

No município de Bom Jesus da Lapa, não é diferente de outras cidades quando se fala em Educação do Campo. O cenário nacional que encontramos, é de uma política injusta e cruel, colocando a população campestre a margem da sociedade, não reconhecendo que são sujeitos de direitos (a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados) previsto na Constituição, em seu Artigo 6º. E este quadro de injustiça vem ganhando forças dia a



dia, através de uma conjuntura política de opressão, rompendo, bloqueando e fragilizando a organização dos movimentos sociais que lutam contra a expansão do capitalismo e por políticas públicas, para assim, reduzir a desigualdade social e econômica que opera entre os centros urbanos e rurais de todo o Brasil.

Afunilando esta discussão acerca dos direitos humanos, refletiremos um pouco sobre o Direito a Educação dos povos tradicionais do nosso município, que durante décadas, vem lutando com resistência e resiliência em seus territórios de identidade, afirmando sujeitos de direitos. Como afirma Caldart:

A educação do campo não cabe em uma escola, mas a luta pela escola tem sido um de seus traços principais; porque a negação do direito à escola é um exemplo emblemático do tipo de projeto de educação que se tenta impor aos sujeitos do campo; porque o tipo de escola que está ou nem está mais no campo tem sido um dos componentes do processo de dominação e de degradação das condições de vida dos sujeitos do campo; porque a escola tem tarefa educativa fundamental, especialmente na formação das novas gerações; e porque a escola pode ser um espaço efetivo de fazer acontecer a educação do campo. (CALDART, 2004, p. 10).

Assim, adentrado o espaço das escolas do campo em Bom Jesus da Lapa, a priori, é fundante listarmos alguns problemas e serviços de péssima qualidade enfrentados pela população campesina: inexistência de merenda escolar de qualidade; ampliação do Transporte Escolar *versus* Nucleação (Fechamento de escolas); prédios desestruturados; irregularidades no Transporte Escolar (ônibus, micro ônibus e lanchas) – maioria sem segurança e desconfortável; rotatividade de professores – política dos contratos; inexistência de um Currículo específico; ausência de técnicos da Secretaria Municipal de Educação com estudo e formação em Educação do Campo; falhas no atendimento presencial dos técnicos da SEMED – visitas periódicas nas escolas; indicação política de diretores; ausência de uma política de formação continuada presencial para todos os profissionais; inexistência de incentivos financeiros para incentivo de projetos Arte e Cultura local; ausência de ações que incentivam a prática do Esporte no Campo – com base na cultura local; entre tantos outros. Vários são os problemas que se destacam na Educação do Campo, em Bom Jesus da Lapa.

A partir destas situações preocupantes que circundam a educação das escolas do campo em nosso município, destacaremos duas vertentes para dialogarmos um pouco: Nucleação (Fechamento de Escolas) e a Formação continuada dos professores do campo.

Em função ao **Fechamento de Escolas**, a nível nacional, gestores e representantes do poder público não levam em consideração a Lei 12.960, de 27 de março/2014, que dificulta e estabelece a importância de os órgãos públicos ouvir as comunidades, antes de tomar a decisão de fechar uma escola. E assim, fecham-se escolas, em desrespeito as orientações legais e as diversas vidas presentes em vários territórios camponês.

No município em questão, o Decreto Municipal, N° 026 de 15 de fevereiro de 2018, paralisou inúmeras escolas do campo, sendo 14 Multisseriadas – escolas unidocentes, e 3 consideradas regular, totalizando assim, 17 escolas extintas de uma única vez, descumprindo o previsto na Lei 12.960/2014, que orienta os procedimentos para o fechamento de uma unidade escolar do campo.

A escola para muitas comunidades é um Patrimônio Material e Imaterial, presente no seio de sua população, representando o “coração” de um determinado povo. Fechar uma escola no campo, é enterrar a crença de um futuro melhor, para suas crianças, jovens e adultos, que acreditam no poder da Educação Escolar para transformar e derrubar uma sociedade elitizada. Além, de retirar dos sujeitos do campo, o direito a ter a Educação Escolar, dentro do seu território de identidade.

Nossa segunda vertente de discussão é a **Formação continuada** para os professores das comunidades do campo, outro ponto considerado o calcanhar de Aquiles, na oferta da Educação Escolar, com vistas as especificidades das populações camponesas.

As lutas dos Movimentos Sociais, quando em suas pautas de reivindicações, levantaram a bandeira em defesa a Educação Básica do Campo, afirmando a necessidade de uma formação específica para aqueles que seriam os educadores e educadoras das crianças, jovens e adultos, conduzirem um ensino baseado na identidade cultural dos povos do campo.

A partir desta concepção e com base nas Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo (2002), a Secretaria Municipal de Educação (SEMED – Bom Jesus da Lapa/Bahia), vem tentando chegar-se, as escolas do campo, buscando reconhecer suas especificidades e necessidades, para desenvolver uma educação de qualidade, respeitando a cultura local dos diferentes sujeitos do campo.

E neste contexto de aproximação, a SEMED, ao longo desses últimos três anos, tem desenvolvido algumas ações direcionadas e específicas frente a formação continuada dos professores, em parceria com a UESB – Universidade Estadual do

Sudoeste da Bahia, através do FORMACAMPO<sup>8</sup> – Formação de Professores do Campo.

O FORMACAMPO, é um momento de estudo que acontece *on-line*, para todos os professores do campo. Todos os professores e gestores foram convidados a participarem, inclusive, eu (pesquisadora) participei integralmente. No início a adesão foi bastante significativa, no entanto, no decorrer no curso ocorreram muitas desistências.

Acreditamos que esta evasão se deu por conta do período da Pandemia da Covid-19, onde, professores sobrecarregados com aulas remotas, não conseguiram dar conta de tantas demandas educacionais, pois, o período pandêmico sufocava.

No entanto, o que esperamos da SEMED são formações presenciais a nível municipal. A parceria com a UESB, é válida, mas, precisamos das discussões corpo a corpo, refletir as questões locais e buscar resolvê-los, respeitando os aspectos sociais culturais de cada comunidade. O olhar específico para a educação das escolas do campo começa por este viés, espaços de formação que nos identificam.

Atualmente, através do FORMACAMPO, a SEMED, iniciou uma discussão coletiva – escola e comunidade, sobre as **Diretrizes Municipais para a Educação do Campo**, com previsão de concluir o documento em novembro de 2022.

Com base nessas ações, percebe-se que a SEMED está em movimento, tendo como objetivo tornar a Educação do/no Campo de qualidade, em valorização e respeito a diversidade cultural presente em cada ponta do município. Dessa maneira, para dar conta das demandas educacionais do campo, a SEMED se organiza por Núcleos Regionais, oferecendo atendimento à todas as unidades de ensino, desde as questões burocráticas, administrativas e pedagógicas.

---

<sup>8</sup> FORMACAMPO (Programa Formação de professores do Campo), tem como objetivo central realizar atividades de extensão, por meio da formação continuada dos profissionais que atuam na educação do campo, em escolas dos municípios dos territórios de identidade situados na área de abrangência da UESB. O público alvo da formação são os professores, diretores e coordenadores pedagógicos das escolas do campo, considerando esta como aquela situada no campo como as escolas urbanas que recebem o alunado do campo. Certificados pela PROEX/UESB. Disponível em <[http://www2.uesb.br/gepemdecc/?page\\_id=303](http://www2.uesb.br/gepemdecc/?page_id=303)>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Quadro 3 - Escolas do Campo por região

<b>NÚCLEO REGIONAL I</b>		
<b>Nº</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>COMUNIDADES</b>
01	Antônio Cardoso dos Santos	Projeto Setor – 04
02	Centro Educacional Formoso “A”	Projeto Setor – 33
03	Núcleo Educacional Formoso “A”	Setor – 14
04	Jonas Rodrigues	Ilha da Canabrava – Ribeirinha
05	Josina Maria da Conceição	Lagoa das Piranhas – Quilombo
06	São Francisco	Barrinha – Quilombo
07	Centro Educacional Camilo Balduino	Poço do Urubu
<b>NÚCLEO REGIONAL II</b>		
<b>Nº</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>COMUNIDADES</b>
01	José Batista de Souza	Chapada grande
02	Sagrada Família	Favelândia
03	Senhorinho Barbosa dos Santos	Caraíbas
04	Leobino Favela	Silvestre
05	Tanquinho	Tanquinho
06	José Santana	Morrão – Quilombo
07	Francisco José da Costa	Tanque Novo
08	Izidório Batista da Silva	Mossorongo
<b>NÚCLEO REGIONAL III</b>		
<b>Nº</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>COMUNIDADES</b>
01	Araçá/ Cariacá	Araçá/ Cariacá – Quilombo
02	Emiliano Joaquim Vilaça	Brasileira – Quilombo
03	Elgino Nunes de Souza	Rio das Rãs – Quilombo
04	Francisco Xavier	Exú – Quilombo
05	Núcleo Educacional Batalha	Batalha
06	Lino Soares	Curral das Várzeas
07	Claudemira Rufina	Fazenda Campos
<b>NÚCLEO REGIONAL IV</b>		
<b>Nº</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>COMUNIDADES</b>
01	João Ribeiro Lopes	Fortaleza – Quilombo
02	Nossa Senhora da Conceição	Bandeira – Quilombo
03	Salinas	Salinas
04	Sítio	Sítio de Janoca
05	Santa Rita	Santa Rita – Quilombo
06	Otacílio José das Neves	Lagoa da Pedra
07	Josino Pereira Dias	Lapinha
08	Ismael Alves	Lagoa de Ismael

Fonte: Adaptado de Secretaria Municipal de Educação de Bom Jesus da Lapa - SEMED (2022).

Ressaltando que, para cada Núcleo Regional, existe uma Coordenadora Técnica da SEMED, para responder pelas demandas das escolas que a representam.

A partir do quadro acima, percebe-se também, que o município possui 30 escolas no campo, e segundo dados do Censo Escolar, informados pela SEMED, em 2022, foram matriculados 6.236 alunos, distribuídos nas modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, Ensino Fundamental dos Anos Finais, e Educação de Jovens e Adultos, nas unidades de ensino do campo.

## 2.2 COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA

Figura 6 - Ilha da Canabrava



Fonte: Acervo da autora (2018).

A comunidade Ilha da Canabrava, localiza-se no município de Bom Jesus da Lapa, cerca de 4 km da sede do município, as margens do Rio São Francisco.

Muitos são os relatos diferentes sobre a origem do nome da ilha. Em prosa com a comunidade, ouvi algumas: “existia um engenho na comunidade, e por isso, uma grande plantação da cana. E por terem trabalhadores “bravos”, deu origem ao nome: Ilha da Canabrava”; “existia na ilha, muitas flechas de bambu, que chamava Canabrava, daí esse nome”; e grande plantio de cana brava, originando o nome da comunidade”. São diversas informações que precisamos respeitar e valorizar, porque, são ensinamentos e informações transmitidos de geração em geração. Não buscamos aqui eleger uma única explicação do surgimento do nome da ilha, e sim, buscar entender de onde vem esta origem.

Seu acesso faz-se exclusivamente através de embarcações, navegando pelo rio São Francisco, ou seja, via canoas, rabetas, lanchas/barcos. Existem vários portos de onde saem as navegações sentido a Ilha da Canabrava. No entanto, dois são os principais: Coroa (do lado de cá da cidade); Barrinha (do outro lado do rio – acesso pela Ponte Gercino Coelho e embarcações). Neste movimento, existe outro acesso mais rápido de lancha, que é pela comunidade Campo de Irrigação.

Mediante dados do Agente de Saúde da comunidade, a ilha possui cerca de 140 famílias. E a atividade predominante destas famílias é a pesca artesanal, o plantio de hortaliças e o cultivo de várias plantas frutíferas, destacando as Mangueiras históricas. A população lapense conhece e reconhece o potencial da comunidade,

principalmente pela cultura expressa na produção da Agricultura Familiar.

A Ilha da Canabrava não é uma comunidade isolada, existe uma conexão bastante relevante e essencial, com a sede do município, no que tange a venda dos produtos agrícolas e da pesca, no mercado municipal Dona Firmina. Este movimento constante de ir ao centro da cidade, faz-se também para adquirir/comprar os produtos básicos necessários para o sustento da família e/ou buscar atividades de lazer, que a ilha não oferece.

Outra conexão importante e entrelaçada, faz-se entre algumas comunidades limites, como: Campo de Irrigação; Ilha do Fogo; Ilha Banco do Jogo; Cajazeiras; Lagoa das Piranhas (Quilombola), Barrinha (Quilombola).

Destas, ressaltaremos a comunidade Quilombola de Lagoa das Piranhas, pelo fato de muitos moradores da ilha, terem origem neste quilombo. Muitas famílias, em busca de terra fértil e água em abundância, (rio São Francisco), deixaram o Quilombo de Lagoa das Piranhas, para buscar sobreviver nas terras da Ilha da Canabrava. E esta migração, contribuiu qualitativamente com a formação populacional da comunidade que temos atualmente. Inclusive, boa parte das pessoas que moram na ilha, se assumem quilombolas, devido suas raízes ancestrais estarem ligadas diretamente a população da Lagoa das Piranhas. E tem o desejo de um dia a ilha assumir esta identidade quilombola.

E a relação que estas duas comunidades sustentam, é bastante interessante, isto, porque elas dividem festejos religiosos como a Festa de São Gonçalo e Campeonatos de futebol. Como se fossem irmãs. A impressão é que uma completa a outra. Outro fato interessante ocorre durante as férias escolares, muitas crianças e jovens, se destinam a comunidade Quilombola de Lagoa das Piranhas buscando atrativos, divertimentos, e óbvio, matar a saudade de seus parentes.

A Ilha da Canabrava e a comunidade Quilombola Lagoa das Piranhas, dividiram até um professor bastante conceituado e responsável por levar a primeira escola de Taipa, para a Ilha da Canabrava. Foi o inesquecível Professor João Campos, falecido em 2019.

Esta relação irmãs entre as comunidades, evidencia outra realidade, em relação ao cemitério. Na comunidade Ilha da Canabrava não tem cemitério, deste modo, muitos falecidos são enterrados na comunidade Quilombola de Lagoa das Piranhas, é uma tradição antiga da população.

É necessário neste movimento que a população da Ilha da Canabrava realiza,

citar um município limite, que é Sítio do Mato. Muitas pessoas da ilha vão vender seus produtos na feira livre deste município e também curtir o lazer que ele oferece, as margens do Rio Corrente.

Em 2014, depois de muita luta dos moradores com os gestores municipais e estaduais, a energia elétrica chega para a comunidade. Como todo desenvolvimento também traz prejuízos, percas e danos, a comunidade viu boa parte da ilha indo embora para dar lugar aos postes e os fios condutores da energia.

A destruição de pés de manga, abalou bastante os moradores. Mas, defendendo o desenvolvimento para facilitar a vida de todos que ali se instalam, foram se acostumando com a imagem da destruição, e vislumbrando todo o conforto que a luz elétrica traria. Para a comunidade chegava o momento em que começariam se conectar com o mundo, deixando a condição de sujeitos “isolados”.

Nesta corrente cronológica de fatos envolvendo a Ilha da Canabrava, aconteceu no ano em curso (2022) em Bom Jesus da Lapa uma enchente histórica, atingindo diretamente os ribeirinhos das ilhas distribuídas pelo município.

Figura 7 - Imagem aérea do Rio São Francisco durante a enchente de 2022



Fonte: Jornal Lapa Notícia. (Jan/2022).

Em dezembro de 2021 o município de Bom Jesus da Lapa, foi surpreendido com o início de uma enchente, devido às fortes chuvas que caíam na região de Minas Gerais, e pelo aumento da vazão da Usina de Três Marias, situada também, em Minas Gerais. E desde então, a população lapense começou a se preparar para mais uma enchente, acompanhando as ações de atendimento da Agência Fluvial da Marinha de Bom Jesus da Lapa e do 20º Grupamento de Bombeiro, junto as comunidades ribeirinhas. Quase que diariamente, a sociedade recebia boletim informativo sobre a situação da enchente no município, através de vários veículos de comunicação.

Quadro 4 - Manchetes sobre a enchente do Rio São Francisco em Bom Jesus da Lapa

<b>Data</b>	<b>Manchetes</b>
16/01/2022	Cheia do Rio São Francisco: força-tarefa realiza resgate de ribeirinhos das ilhas em Bom Jesus da Lapa.
17/01/2022	Bom Jesus da Lapa tem 57 pessoas desabrigadas e 292 desalojadas em decorrência da cheia do Rio São Francisco.
21/01/2022	Cheia do Rio São Francisco causa transtornos em Bom Jesus da Lapa: casas e carros ficaram submersas.
22/01/2022	Bom Jesus da Lapa: maior cheia do Rio São Francisco dos últimos 14 anos completa uma semana, e nível aproxima dos 9 metros.
27/01/2022	Nível do Rio São Francisco chega à marca impressionante de 9 metros em Bom Jesus da Lapa.
28/01/2022	Depois de 30 anos, Rio São Francisco ultrapassa a marca de 9 metros.
01/02/2022	Com a conta de 9,14 metros, nível do Rio São Francisco chega a maior marca desde 1992 em Bom Jesus da Lapa.
04/02/2022	Cheia do Rio São Francisco é uma das maiores das últimas décadas. (9,20 m)
06/02/2022	Após atingir pico da cheia, nível do Rio São Francisco começa a baixar em Bom Jesus da Lapa.
02/03/2022	Mesmo com diminuição das chuvas, Rio São Francisco começa março com mais de 9 metros em Bom Jesus da Lapa.
05/03/2022	Com 9,3 metros, segunda cheia do Rio São Francisco em Bom Jesus da Lapa está entre as maiores das últimas décadas.
10/03/2022	Após atingir pico da cheia, nível do Rio São Francisco começa a baixar em Bom Jesus da Lapa.
16/03/2022	Após, três meses, Rio São Francisco tem menos de 8 metros acima do nível normal em Bom Jesus da Lapa.
23/03/2022	Bom Jesus da Lapa: nível do Rio São Francisco reduz após cheia histórica e moradores de cinco ilhas retornam as casas.

Fonte: Adaptado de Lapa Notícias (2022).

As manchetes aqui transcritas, evidencia este contexto que viveu a sociedade lapense, e atingiu as comunidades ribeirinhas, com mais intensidade.

Julgamos fundante apresentar este quadro cronológico, pois, trata-se de uma enchente histórica, depois de 14 anos da última enchente do Rio São Francisco, vivida em nossa região.

É um acontecimento histórico que devemos registrar e resguardar em nossa memória. As comunidades sofreram muito. Tem comunidades ribeirinha que todos os moradores tiveram que deixar suas casas e perderam muitas coisas, animais e plantações. Demais comunidades, algumas pessoas insistiram em ficar e conviver com a cheia do rio diariamente, observando o movimento do rio. Não “arredaram” os pés da sua Terra. Colocaram a fé na frente de tudo e permaneceram na comunidade.



Figura 8 - Casa de uma moradora da Ilha da Canabrava



Fonte: Acervo da autora (2022).

Foi o que aconteceu com boa parte dos moradores da Ilha da Canabrava, não saíram da comunidade. Enquanto que, algumas famílias foram alojadas em escolas no centro da cidade, outras acolhidas em casa de parentes, outras ainda tiveram que alugar um pequeno quarto para fugir da enchente, um grupo resistiu até o fim, ou seja, até as águas do rio baixarem, permanecendo na própria localidade.

Figura 9 - Imagem da parte lateral da Ilha da Canabrava



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 10 - A água no batente da porta



Fonte: Acervo da autora (2022).

E mediante a notícia de 23/03/2022, no quadro das manchetes, “com a baixa das águas do rio, as famílias começam a voltar para suas casas”, e recomeçar mais uma vez.

A enchente trouxe muitos prejuízos, principalmente para as lavouras, mas temos a certeza que trará também muita fartura, através do plantio e da colheita, pois, a enchente vitaminou as terras, deixando-as preparadas para receber uma nova vida.

Figura 11 - Plantações destruídas pela enchente



Fonte: Acervo da autora (2022).

Apresentamos duas imagens surpreendentes, simbolizando a força da enchente e sua dimensão, para os moradores da Ilha da Canabrava.

Figura 12 - Campo de futebol, situado na Ponta de Cima da comunidade, inundando pela enchente



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 13 - A canoa navegando dentro da ilha



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Alegramos com o rio,  
a enchente transborda  
revitalizando suas águas.

Traz a promessa  
de dias melhores,  
para seus barranqueiros,  
para seus ribeirinhos”.  
(Autora da pesquisa).

## 2.3 DAS SOMBRAS DAS MANGUEIRAS AO PRÉDIO ESCOLAR – COMO TUDO COMEÇOU.

Figura 14 - Espaço onde antigamente, acontecia aulas embaixo de pés de manga



Fonte: Acervo da autora (2022).

Cordel

“Antigamente não existia escola  
Os moradores que queriam estudar,  
Iam para outra comunidade  
Terminar seu estudo lá.

O professor João Campos  
Preocupado com os que queriam estudar  
Criou uma sala de taipa  
Para poder ensinar.

Mas antes dessa iniciativa  
Muitos estudaram embaixo de mangueiras  
Pois, não tinha onde estudar  
Até traziam as carteiras. (...)”

(Taís Ferreira; Geovana Oliveira; Daniel Félix. Moradores da comunidade, 2015).

Como bem diz o cordel, o povo queria estudar. Como acontece basicamente em muitas comunidades do campo, a primeira sala de aula, deu-se embaixo de grandes árvores ou em alguma sala, que os moradores cediam dentro da sua própria casa. Destarte, iniciava-se a formação escolar no campo, partindo das condições básicas que a comunidade apresentava. Não sendo diferente para a Ilha da Canabrava.

A árvore simbólica que recebeu a primeira sala de aula, foi a Mangueira. Na imagem, que abri esta seção, apresenta um dos espaços na comunidade que sediou aulas embaixo de mangueiras. Porém, os Pés de Manga, não são desta época. Trouxe, somente para ilustrar o contexto.

Muitas pessoas da comunidade se dedicaram ao ato de ensinar embaixo das frondosas Mangueiras, por vários anos, como diz a moradora Lucimária Rodrigues e Auxiliar Operacional da Educação, na escola Jonas Rodrigues, que também foi alfabetizada embaixo dos Pés de Manga.

Inclusive minhas primeiras professoras foram as professoras, Isabel que era filha do Senhor João de Carlos. E a outra foi professora Almerinda”. (E não conseguindo se lembrar de outros nomes, ela cita alguns professores, pelo apelido). “Alguns outros não conheço o nome verdadeiro de todos mas sei o apelido. Teve um chamado de Chico Brega, professora Lúcia, Nalvinha. Outra chamada Roca, professora Joana e outros. (Lucimária Rodrigues – moradora da comunidade).

Muitos jovens, principalmente homens, preocupados com seu futuro, buscaram estudar na comunidade Quilombola das Piranhas, no período noturno, pois, na Ilha da Canabrava, não existia oferta neste horário. Faziam este deslocamento diariamente, através de canoas, para ter aulas com o Professor João Campos.

O Professor João Campos, (1982) percebendo o interesse destes alunos e também, os riscos que corriam toda a noite ao atravessar o rio para buscar a formação escolar, resolveu conversar com as pessoas da Ilha da Canabrava, com o intuito de construir na comunidade uma Sala de Aula de Taipa, e assim, ele passaria a dar aulas para os moradores da ilha. Foi assim que surgiu a primeira sala de aula para aqueles ribeirinhos.

Muitas pessoas protagonizaram esta iniciativa e fizeram história na construção da primeira sala de aula, como: “Dona Rosa, José de Olga, José Seriacó, Alfredo, Gonçalo, Dona Josina, João Rasteirinha, Otávio e Dona Áurea. Dona Rosa doou a terra e os outros pais se juntaram para doar os materiais”. (Lucimária Rodrigues – moradora da comunidade).

E mesmo com uma Sala de Aula de Taipa, ainda assim, as aulas embaixo das enormes mangueiras, foram mantidas, porque uma única sala não supria a necessidade da escolarização do povo daquela comunidade.

Figura 15 - Casa de Taipa. Simbolizando a primeira sala de aula da comunidade



Fonte: Acervo da autora (2022).

Destarte, inaugura-se em 06 de maio de 1986, a primeira sala de aula na Ilha da Canabrava, com a matrícula de 60 alunos, que buscavam realizar o sonho de “conhecer” as letras e se preparar para enfrentar o mundo letrado, até então desconhecido e negado historicamente.

O nome da escola, foi escolhido de forma inusitada. Pois, sob a orientação do Professor João Campos, fez-se um sorteio com três nomes bíblicos, indicados por ele. Assim, o sorteado foi “Jonas”. Precisavam de um sobrenome e os presentes na reunião, escolheram “Rodrigues”, segundo conta os sujeitos que protagonizaram este momento.

No entanto, vale ressaltar que o sobrenome escolhido foi a maneira encontrada para homenagear Dona Rosa, pessoa que doou o terreno para a construção da escola. Desse modo, temos “Jonas Rodrigues”, o nome que passa a identificar a escola.

A partir de então, a vida do Professor João Campos, sofre uma pequena mudança. Durante o dia, dava aulas na comunidade Quilombola das Piranhas, e à noite, se deslocava para a Ilha da Canabrava.

Rotina esta que perdurou muitos anos. Com isto, o quadro fora invertido: antes eram os alunos que atravessavam o rio para outra comunidade, em busca de um Professor, depois, o professor fez o mesmo movimento de travessia, para encontrar seus Alunos. “Aí eu ia mais ele. Todo dia saía daqui 5 horas da tarde (Comunidade Quilombola das Piranhas). E só retornava 10 horas da noite. Isso a gente atravessava lá, era de barco de remo. era...” (Emanoel Medeiros – Quilombola da Comunidade de

Piranhas) e responsável por atravessar o Professor João Campos até a Ilha da Canabrava.

Tempos depois, percebendo que o cansaço lhe vencia, devido seu deslocamento diário entre as comunidades, o Professor João Campos, resolve morar na ilha. E neste novo Território Ribeirinho, se dedicou ainda mais pelas causas sociais daquele povo, e junto com a comunidade buscou melhorias para aquela população. Inclusive melhorar o acesso de todos a escolarização.

E quem é este migrante, que chega e constrói sua história nas comunidades Quilombola de Lagoa das Piranhas e Ilha da Canabrava? Não sabemos muito da sua biografia, mas, temos a certeza que veio determinado em ajudar e ser solidário com o povo ribeirinho.

Figura 16 - Visita da pesquisadora ao professor João Campos



Fonte: Acervo da autora (2019).

O Professor João Campos (Paraibano), chega em Bom Jesus da Lapa, na década de 70, através de um irmão que aqui já residia. Tomou apreço pela Capital Baiana de Fé, e fez sua morada. Em suas andanças pelo município, encontrou a comunidade Quilombola da Lagoa das Piranhas, e decidiu fazer sua história neste Território Quilombola. Como expressa o senhor Emanuel:

“(...) aí ele começou dando aula, dando aula. Passando a educação para todos, né. Todas as crianças, jovens e adultos, tudo ele ensinou.” (...) “Eu acho que ele era (professor voluntário), ele gostava de ensinar sem receber. Depois foi que a prefeitura o contratou e ele ficou ensinando. Ele não só ajudava na educação, ajudava nas outras coisas (...) (Emanuel Medeiros - Quilombola da Lagoa das Piranhas).

E na comunidade Ilha da Canabrava, a luta continua pela conquista de um

prédio escolar, conseguindo anos depois. Vitória para os ribeirinhos!

Figura 17 - Primeiro prédio escolar da comunidade



Fonte: Arquivo da professora Maria de Lourdes. Moradora da comunidade.

Nesta ocasião, chega à Professora Maria do Rosário, em 1991. Dividindo o espaço escolar, com o Professor João Campo. Com o passar dos anos, outras salas foram sendo construídas, a cantina e o pátio. Com isto, mais professores foram chegando à comunidade.

Ressaltando, que as primeiras turmas da escola foram atendidas no formato da classe Multisseriada, desde a Alfabetização a 4ª série (naquela época a nomenclatura das turmas era identificada por “séries”). E uma realidade comum entre as comunidades do campo, é que, muitas vezes a continuação dos estudos era impedida por não haver oferta. Então, quando os alunos da Escola Jonas Rodrigues, concluíam a 4ª série, para não interditar este processo, ficando sem estudar, escolhiam repetir várias vezes a mesma série, até surgir a oferta da 5ª série. Como afirma Lucimária: “Então...chegava na 4ª série não tinha como continuar, parava... porque não tinha professor para dar a série seguinte. Aí, a gente ficava repetindo, repetindo, repetindo a 4ª série.” (Lucimária Rodrigues – moradora da comunidade).

Surge outra demanda, na escola. A merenda. Como garantir este direito? Foi quando, Dona Áurea, moradora da comunidade assumiu esta responsabilidade voluntariamente, que além de preparar os alimentos na casa de Dona Rosa, dava conta de outras atividades de limpeza da sala de aula e colocava água para as crianças beberem. Diante de tanta dedicação, o Professor João Campos, teve a humildade de retirar do seu próprio salário, um valor mínimo para ajudar Dona Áurea,



porque a Secretaria Municipal de Educação, não supriu a escola com outros funcionários.

E assim, a Escola Municipal Jonas Rodrigues, começou a construir sua História. A oferta do ensino foi ampliando, mais professores e diretor sendo lotados na unidade escolar, número de alunos aumentando, e a escola com a única certeza, de nunca parar.

### 2.3.1 Conquistas, perdas e desafios: panorama atual da escola

Figura 18 - Prédio escola atual



Fonte: Acervo da autora (2019).

Julgamos necessário contextualizar a caminhada da escola antes do período pandêmico que estamos vivendo, pois, inúmeras ações estavam sendo desenvolvidas, até o início do caos da Saúde Pública, que se instalou de forma cruel, obrigando o Mundo a mudar sua rotina e costumes de higiene pessoal, seguindo os Protocolos de Segurança da Covid-19.

A Escola Municipal Jonas Rodrigues, que passa por uma reforma atualmente, conta com um espaço físico com 06 salas de aulas grandes, 01 sala de aula pequena, 01 cantina, 01 dispensa, 01 área coberta, 01 Laboratório de Informática (sem funcionamento e sem máquinas), 01 secretaria, (que serve também como espaço para guardar materiais pedagógicos) e 04 banheiros. Tudo em péssimas condições de uso.

A escola recebe alunos de diferentes comunidades ribeirinhas, ao seu entorno. Como: Ilha do Fogo, Campo de Irrigação, Ilha da Canabrava – comunidade de origem

da escola. O deslocamento dos alunos, se faz através do Transporte Escolar Fluvial, navegando pelo rio São Francisco. Três (3) lanchas são responsáveis por este movimento, diariamente.

Figura 19 - Transporte Escolar (Lancha)



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (2022).

Quando os alunos terminam sua trajetória escolar no Ensino Fundamental dos Anos Finais, tem duas opções: continuar o estudo no Ensino Médio, nas escolas do centro da cidade e/ou cursar o Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec), ofertado pela rede Estadual de Ensino da Bahia, na Modalidade a Distância, tomando como empréstimo as salas da Escola Municipal Jonas Rodrigues, a partir de uma parceria firmada entre município e estado.

Uma das lutas da Educação do Campo, refere-se à formação específica dos profissionais das escolas do campo. É preciso oportunizar espaços de estudos, de formação para aqueles que lidam diariamente com os alunos camponeses.

Na escola Jonas Rodrigues, dois anos antes da Pandemia da Covid-19, por iniciativa da coordenação pedagógica, Especialista em Educação do Campo, atualmente, Mestranda em Educação do Campo, foi possível implantar um Projeto Específico de Formação Continuada, para a equipe pedagógica da unidade escolar. O que deu muito resultado! Professores motivados e com novos olhares para suas práticas, começaram a rever dinâmicas das aulas, e assim, conhecer melhor seus alunos e suas comunidades. Atualmente (2022), a unidade escolar projeta ações para o retorno destas formações, depois de dois anos, sem planejamentos e atividades presenciais.

Figura 20 - Formação continuada específica para professoras da Escola Jonas Rodrigues



Fonte: Acervo da autora (2018).

Referente a Organização do Trabalho Pedagógico (OTP), a escola segue as orientações gerais da Secretaria Municipal de Educação (Semed), em relação as questões burocráticas, administrativas e também pedagógicas. Ao mesmo tempo, a escola busca autonomia para decidir algumas ações tendo em vista o contexto social de seus alunos, principalmente no que diz respeito a relevância dos conteúdos dialogados durante as aulas.

A comunidade escolar e local, é convidada a participar ativamente das decisões da escola, decidindo coletivamente acerca do seu funcionamento, através das seguintes ferramentas: Projeto Político-Pedagógico, Reuniões com pais e responsáveis, Reuniões do Colegiado Escolar. Como toda e qualquer escola, infelizmente, o que ainda define os conteúdos é o Livro Didático. Por ser mais fácil e prático para o professor. Mas, e os alunos? Como são vistos neste processo de distanciamento do seu contexto de vida, quando se adota um Livro Didático? A decisão de qualquer conteúdo precisa ter ligação com as experiências coletivas de qualquer comunidade. Mesmo tendo um referencial curricular que auxilia neste momento de priorização de conteúdos, o Livro didático, ainda assim, é o mais acessado.

No município de Bom Jesus da Lapa, em 2020, através de um estudo coletivo com toda a Rede Municipal de Ensino, de forma online, construiu-se o Referencial Curricular do Município de Bom Jesus da Lapa, com a participação dos professores, de todas as Modalidades de Ensino. E em 2021, este documento foi impresso e

destinado para todas as escolas, com o objetivo de orientar e contribuir para o bom funcionamento pedagógico das unidades escolares.

E na Escola Jonas Rodrigues, este documento curricular, é um dos instrumentos que orienta a escolha dos objetos do conhecimento, dialogando com as expectativas de aprendizagem dos alunos, discutidas durante os planejamentos semanais que ocorrem na escola. Não só a escolha dos conteúdos, adiciona também, reflexões sobre vários elementos referentes ao contexto educacional e necessário a formação dos profissionais da educação. É um documento fundante no alicerce de nossas práticas, mas, não é o único. É essencial à busca constante de outras literaturas para embasar construções metodológicas contextualizadas com a vida dos alunos, suas experiências, saberes e vivências.

Finalizamos esta seção, apontamos o maior destaque, que a escola já conquistou até hoje: Banda de Percussão. A comunidade da Ilha da Canabrava é bastante conceituada e reconhecida na sociedade lapense, pela produção agrícola de hortaliças, e também por ter a única banda de percussão, representando a Educação do Campo.

Esta proeza, se deve a implantação do Programa Mais Educação (2013), permitindo a realização da oficina de música percussionista. A palavra “proeza”, radicalmente utilizada, expressa uma ação corajosa, que poderia ser impossível para uma escola do campo, “constituir uma banda musical”. Uma utopia para os ribeirinhos! Mas, com a garra dos alunos e dedicação do regente musical, Jussinei Marques, assumiram o desafio e mostrou a sociedade como fazer música de qualidade.

Assim, a Banda Canabrava, passou a ser convidada para participar de vários eventos realizados pelo município, em escolas da rede estadual e municipal. Ressaltando, que a banda possuía uma pauta fixa, participando anualmente de eventos voltados para a comemoração do Dia da Consciência Negra, e o Desfile Cívico, no dia 7 de setembro.

Atualmente a banda está desarticulada, devido a Pandemia da Covid-19. Agora, em 2022, a escola planeja ativá-la, e coloca-la a disposição da sociedade, novamente. Pois, a Banda Canabrava, representa a sede de vida dos seus ribeirinhos. Muitos alunos encontraram suas identidades culturais, através dos estudos com a música. E a comunidade como um todo, orgulha-se, de ver seu povo desbravando territórios desconhecidos e ocupando espaços, a partir do direito de qualquer cidadão e cidadã, de ir e vir.

Figura 21 - Desfile Cívico (7 de setembro). Banda Canabrava



Fonte: Acervo da autora (2018).

Mediante contextualização, sabemos que o processo pandêmico que estamos vivendo, congelou várias ações dentro das unidades escolares em todo Brasil, assim, para a Escola Jonas Rodrigues, o recomeço é diário, alicerçada com muita dificuldade, sofrendo com o descaso constantemente dos poderes públicos. Mas, a resistência e resiliência que caminham junto a escola Jonas Rodrigues, alimentará a luta por uma educação de respeito, investindo na qualidade de suas práticas pedagógicas, dialogando com as vivências e experiências diárias da população da Ilha da Canabrava.

## CAPÍTULO III

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PERCURSO DA PESQUISA

Entendendo esta pesquisa como uma ação genuinamente coletiva, torna-se necessário pontuar passo a passo o seu desenrolar, sinalizando os caminhos metodológicos que transcorremos através de um plano estratégico, dividido em quatro (4) etapas, a saber:

**1ª Etapa:** Mobilizar a comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava para construir o inventário de sua própria realidade, a partir dos aspectos culturais, ambientais, sociais, econômicos e políticos. A priori, é essencial ganhar a confiança, credibilidade e a parceria da comunidade. E nada melhor do que fazermos visitas às famílias, “arrastar uma cadeira e prosear”.

**2ª Etapa:** Discutir com os sujeitos da pesquisa (professores, alunos, famílias) o planejamento estratégico e metodológico para a construção do inventário da realidade: 1. Apreciação do filme, “Narradores de Javé”; 2. Apresentação e discussão do “Inventário da Realidade: Guia metodológico para o uso nas escolas do campo” (CALDART et al. 2016, p. 1); 3. Discutir estratégias para a realização da pesquisa.

**3ª Etapa:** Levantar as informações da realidade da comunidade a partir da proposta do guia metodológico da construção do inventário para as escolas do campo. Para isto, priorizamos: Questionário, Roda de conversa, Diário de campo, e Registro de Imagem: fotos e vídeos.

**4ª Etapa:** Analisar e sistematizar através do inventário da realidade, as informações levantadas pelo coletivo durante a realização da pesquisa. De acordo com o guia metodológico do inventário, a etapa da sistematização precisa ser pensada e idealizada ainda na primeira reunião de planejamento, “é preciso que se discuta isso no momento do planejamento do inventário, para que se chegue a um formato de documento que seja prático e para uso frequente”, (CALDART et al. 2016, p. 5).

De fato, é necessário que se tenha um desenho prévio - mesmo sabendo que poderá sofrer alterações no decorrer da pesquisa – de como os dados serão avaliados, interpretados e sistematizados. Pois, pela grandiosidade da pesquisa é possível lançar mão de uma diversidade de instrumentos para análise dos textos, como: síntese textual, mapas, tabelas, gráficos, quadros, fotos, a depender da natureza das questões trazidas pelos “blocos temáticos”, (CALDART et al. 2016, p. 3).

Outro indicador, além dos objetivos formadores, que o guia metodológico apresenta é a elaboração de um roteiro para subsidiar o levantamento das informações do inventário, dividido em duas fases e distribuídos por “blocos temáticos”, citado neste último objetivo específico. Exemplificando melhor “(...) A primeira fase se refere aos levantamentos gerais básicos para usos diversos na escola e pela comunidade; e (...) A segunda fase do inventário supõe a realização da primeira e a sistematização dos dados nela levantados, para que sirvam de base para este novo passo do trabalho.” (CALDART et al. 2016, p. 3). As duas fases se complementam. A primeira toma a responsabilidade de coletar as informações básicas e a segunda da continuidade buscando registrar dados mais específicos, de interesse da escola e, por conseguinte, a análise do material pesquisado.

Nesta linha metodológica, o guia do inventário organiza em sete blocos como se dará a materialização do levantamento das informações partindo das duas fases de planejamento, citado anteriormente. Assim, estes blocos se organizam na expectativa de qualificar a construção do inventário, além de trazer um grupo de questões a serem levantadas:

1 - Recursos Naturais: (re)conhecendo a biodiversidade; 2 - Pessoas / famílias que compõem a comunidade da escola: características de constituição, aspectos sociais, econômicos e culturais; 3 - Produção: sistemas produtivo e uso de tecnologias; 4 - Formas de trabalho e sua organização; 5 - Lutas sociais e formas de inserção e organização política das famílias; 6 - Escola: estrutura física, formas de organização do trabalho e aspectos curriculares; 7 - O que fazem as crianças e jovens no tempo em que não estão na escola. (CALDART et al. 2016, p. 5-13).

Estes blocos temáticos gerais, dão sustentabilidade na construção do inventário, seguindo uma ordem linear, conseqüentemente, “as informações a serem levantadas estão indicadas por blocos”, (CALDART et al. 2016, p. 3). O que está posto são sugestões, podendo escola e comunidade trazer outros blocos temáticos, a depender da sua realidade na intenção de responder suas expectativas.

Neste sentido, com base na proposta do guia metodológico do inventário da realidade, a pesquisa em questão aconteceu na comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, situada na cidade de Bom Jesus da Lapa-Bahia, pertencente ao Território de Identidade do Velho Chico <sup>9</sup>. Sua população possui uma relação diária com o rio

---

<sup>9</sup> Velho Chico: Foi o “apelido” que os ribeirinhos deram ao Rio São Francisco, como forma de agradecimento.

São Francisco, tirando dele o sustento, através da pesca artesanal e na produção agrícola de vários produtos, destacando os canteiros de hortaliças. Desta relação, o rio se transforma na própria vida para as comunidades tradicionais ribeirinhas:

[...] Rio e ribeirinho são partes de um todo. Se o rio oferece os seus alimentos, fertiliza as suas margens no subir e baixar das águas. O ribeirinho lhe oferece sua proteção, através de suas representações (seus mitos) como a mãe d'água, a cobra-grande que come os desavisados (que não respeitam a natureza) e tantas outras, que nascem desta humanização da natureza e naturalização do homem. (CRUZ, 1999 apud LIRA; CHAVES, 2016, p. 8).

E desta humanização que se forma através da reciprocidade numa relação de dependência e de cuidado entre ambos, as comunidades ribeirinhas vão construindo sua identidade sociocultural, influenciada pelo convívio diário com o rio.

A escolha pela comunidade se justifica primeiro pela minha origem que se dá as margens do rio São Francisco entrelaçando com vivências construídas no espaço rural; segundo ponto a destacar, é que há mais de nove anos, trabalhei como professora da comunidade; e um terceiro ponto que merece mencionar, é que no decorrer deste período que convivi com a comunidade descobri parentescos com várias famílias, o que me torna também, sujeito desta pesquisa. Ressalvo que esta última informação não foi fator determinante para a realização da investigação.

Os sujeitos convidados a contribuir com a pesquisa são as famílias da comunidade, representação de professores e de alunos, da escola Jonas Rodrigues. Não priorizamos quantidade de participantes, por que:

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori, tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo "dados" originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso, as entrevistas precisam continuar sendo feitas (DUARTE, 2002, p. 143).

Esta citação vai de encontro diretamente com a nossa pesquisa, pois, muitas pessoas foram envolvidas, que a princípio não tínhamos como definir esta quantidade. Tudo depende da ordem do levantamento das informações e do percurso natural da pesquisa. Deste modo, pesquisa se deu com o seguinte quantitativo: 27 representantes da comunidade; 02 Agentes de Saúde; 02 professoras; e 05 alunos da escola.



O caminho metodológico pelo qual a pesquisa se concretizou, teve início no Levantamento Bibliográfico, etapa essencial que teve como objetivo pesquisar produções já registradas na área do tema a ser estudado. E neste navegar, ancoramos nas pesquisas e publicações de teses, dissertações, livros, artigos, em plataformas, como: *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*; *Google Acadêmico*; *BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)*; e *Revistas Eletrônicas*.

Tendo em vista que o inventário é uma ferramenta capaz de coletar dados referentes aos aspectos materiais e imateriais de qualquer comunidade, através de “levantamentos quantitativos e ou qualitativos”, (CALDART et al. 2016, p. 1) poderemos utilizar dados quantitativos, como por exemplo, dados estatísticos sobre a comunidade. Mas, a abordagem prevalente no processo da pesquisa, é a abordagem qualitativa.

E nesta trilha metodológica, de acordo com os objetivos, a pesquisa é descritiva, com base no seu principal objetivo, que é descrever uma comunidade. Neste sentido, a pesquisa descritiva, “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.” (GIL, 1991 apud SILVA, 2005, p. 21).

Em relação aos procedimentos, por ser uma pesquisa de campo, foi realizada a partir da pesquisa-ação, porque “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, como recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)”, (FONSECA, 2002 apud CORDOVA, 2009, p. 37). A pesquisa-ação é um tipo de investigação capaz de conduzir o percurso da pesquisa por outros caminhos que poderão surgir antes do planejado.

Outra especificidade e particularidade da pesquisa-ação que caracteriza melhor sua aplicabilidade, é o contato direto do pesquisador com a pesquisa (objeto) que ela permitiu, oportuniza e contempla. Este aconchego, (pesquisador/pesquisa), favorece um olhar mais de perto e aprofundado no campo pesquisado.

Diante da objetividade da pesquisa-ação, que possibilita esta comunhão entre pesquisador e os sujeitos pesquisados, optamos por utilizar o Diário de Campo, ferramenta essencial neste processo de observação, onde serão registrados dados,

informações e reflexões diariamente. É um instrumento indispensável neste tipo de pesquisa, pois, entre várias funções, uma delas é acompanhar a evolução da pesquisa.

O diário de campo é um instrumento de anotações, um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexões, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de escrever e observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos. (FALKEMBACH 1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 76).

Dada esta funcionalidade e objetividade do diário de campo, justifica assim, nossa escolha por esta ferramenta de ampla utilidade que contribuiu com o levantamento das informações na construção do Inventário da Realidade.

Outras técnicas utilizadas para coleta de dados, foram a Roda de Conversa e o Questionário. Numa análise estratégica, o questionário não é bem aceito durante uma pesquisa-ação. No entanto, por se tratar de um levantamento da realidade da comunidade, em alguns aspectos da pesquisa, foi necessário aplicar questionário, para levantamento de dados quantitativos. De acordo com estudos de Gil (1999, p. 128 apud CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 10) entende-se o questionário “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Para isto, optamos por aplicar um questionário com questões abertas e fechadas. Na visão de Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 12), “As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante”, ou seja, o colaborador pesquisado terá mais oportunidade de expor ideias, pensamentos e opiniões acerca do objeto pesquisado. Enquanto que as questões fechadas, “trarão alternativas específicas para que o informante escolha uma delas” (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 12). Destarte, as questões fechadas limitam as respostas, por apresentar opções de respostas, mesmo assim, foi aplicada durante a pesquisa com o objetivo de levantar dados quantitativos.

E por ser uma pesquisa de campo, realizaremos Rodas de Conversa, com os grupos participantes. E a escolha por esta ferramenta se justifica pelo fato da pesquisa se realizar com pessoas que em um dado momento, iam narrar suas próprias

memórias, sua própria história. E nada melhor, que uma conversa para conduzir este momento.

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014, p. 2).

Na roda de conversa, o diálogo toma o espaço de maneira prazerosa, onde as pessoas compartilham e dividem seus conhecimentos, memórias, perspectivas e desabafos, praticando assim, o processo de saber ouvir e falar.

Numa etapa posterior, foi realizada a análise dos dados obtidos, tendo em vista detectar se os objetivos foram alcançados, respondendo à pergunta que conduziu o processo da pesquisa. Para a análise das informações sobre as características de constituição, aspectos sociais, econômicos e culturais da comunidade, usamos inicialmente a técnica de tabulação, pois, “a tabulação é o processo que consiste em agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise; ou seja, a tabulação simples consiste na simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto”, (GEHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 80), para assim sistematizar em tabelas, gráficos, quadro, entre outras ferramentas de análise.

No quesito dos dados qualitativos, a técnica aplicada foi a análise de conteúdo, porque “é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência”, (GEHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84).

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa realizada, foi solicitada a participação dos moradores, apresentando o respectivo projeto da pesquisa, explicitando os procedimentos de realização e esclarecido que a participação é voluntária, deu-se ciência dos riscos e benefícios relacionados aos procedimentos da pesquisa e que os mesmos poderiam deixar de participar da mesma quando quisessem. Os participantes maiores de idade, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os menores de 18 anos tiveram o Termo de Consentimento, assinado pelos pais ou responsáveis. (Anexo A).

### 3.1 ANALISANDO OS PASSOS DA PESQUISA

Figura 22 - Primeiros passos no campo de pesquisa: Ilha da Canabrava



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (2022).

Elaboramos um plano estratégico para a pesquisa de campo, determinando algumas etapas de desenvolvimento, com o objetivo de organizar o processo de coleta de dados, junto aos colaboradores desta caminhada, sinalizado no início deste capítulo.

A seguir, faremos alguns apontamentos sobre a realização destas etapas, percorrendo sobre algumas situações, que de certa forma, dificultou em parte a realização da pesquisa de campo (Pandemia da Covid- 19; Enchente do Rio São Francisco), obrigando-nos a substituir elementos metodológicos para garantir o levantamento das informações necessários e concretizar a investigação.

#### **Primeira etapa**

A primeira etapa definida para a mobilização da comunidade, não aconteceu no formato desenhado, devido a dois grandes problemas:

1. Pandemia da Covid-19, que impossibilitou realizar encontros com a comunidade, tendo representantes de várias pontas da ilha, em função dos protocolos de segurança da Covid-19, pois, o momento era de preservar e cuidar da saúde de todos;

2. Enchente do Rio São Francisco, que acometeu o município e conseqüentemente a população das comunidades ribeirinhas. Muitas pessoas foram obrigadas a deixar suas casas e procurar abrigos em escolas no centro da cidade, e outras, foram acolhidas por parentes e amigos.

Com isto, o desenvolvimento da pesquisa de campo, foi impedida de acontecer, nos dois primeiros meses do ano (janeiro e fevereiro), período determinado para a coleta de dados.

Somente em abril (2022), quando as pessoas começaram a retomar para a ilha, foi possível iniciar a pesquisa de campo. No entanto, sem nenhuma condição de visitar a comunidade, pois, estávamos vivendo um novo alerta do contágio do Coronavírus, foi necessária uma mudança de planos: entrar em contato com os sujeitos da pesquisa, através do celular.

E por meio desta ferramenta digital e do aplicativo do *WhatsApp*, socializamos o objetivo da pesquisa, agendamos datas para as entrevistas que aconteceram por meio da Roda de Conversa, com as pessoas mais velhos da comunidade. Lembrando que, este momento teria sido planejado para acontecer com a reunião de pequenos grupos de moradores, mas devido os cuidados do contágio (Covid-19) não foi possível, desde modo, realizamos individualmente, na residência dos colaboradores.

E para outro grupo de participantes (alunos, ex-alunos, professores) da Escola Municipal Jonas Rodrigues, foi necessário constituir um grupo de pesquisa pelo *WhatsApp*, com permissão dos participantes, para apresentar o projeto de pesquisa, mobilizar o grupo, e dar seguimento nas atividades propostas na sua aplicabilidade. Os passos desta primeira etapa foram alterados, no entanto, garantimos a mobilização com a comunidade ribeirinha e sua posterior participação na pesquisa.

### **Segunda etapa**

Este momento planejado com o objetivo de reunir os colaboradores para discutir a metodologia da pesquisa e assistir ao filme “Narradores de Javé”, não foi possível realizar, presencialmente - pesquisadora e colaboradores, pelos mesmos fatores sinalizados na primeira etapa.

Em função da enchente a comunidade tinha sofrido um impacto muito grande: plantações destruídas e muitas casas engolidas pelo rio. Deste modo, não tivemos como organizar um momento para assistir o filme, “Narradores de Javé”, como propunha a pesquisa, porque as pessoas estavam bastante fragilizadas e ocupadas com o recomeço de suas vidas. No entanto, não queríamos abrir mão desta atividade, então replanejamos o momento do filme.

A ideia a priori foi editar o filme, deixando a parte inicial, cerca de 17 minutos e postar no grupo de *WhatsApp* (alunos, ex-alunos, professores), sujeitos da pesquisa, com objetivo de sensibilizá-los a assistir em família, e por conseguinte, expressar no grupo o entendimento do filme, e sua relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Figura 23 - Coletivo Casa de Farinha. Assistindo ao Filme “Narradores de Javé”



Fonte: Acervo da autora.

No entanto, em conversa com a professora Rosana Ferreira, que faz parte do Coletivo Casa de Farinha, tivemos a ideia de reunir este coletivo (todas/os da mesma família) para assistir o filme “Narradores de Javé”, na organização e comando da própria professora. A priori, seria na escola Jonas Rodrigues, mas, foi impossível, porque a escola estava iniciando uma reforma na estrutura física. Assim, a professora Rosana Ferreira, bastante envolvida com a pesquisa, cedeu sua casa para reunir as pessoas de sua família e assistir ao filme. Desafio aceito, representado pela imagem acima. Devido o alerta aos cuidados do contágio da Covid-19, não pude comparecer a este momento, que reuniu somente pessoas da família da professora.

Ação bastante exitosa, pois, o retorno dos participantes do grupo, foi exemplar. Como demonstram algumas falas a seguir. Utilizamos nomes fictícios para os colaboradores, para resguardando assim, suas identidades.

Tendo em vista as temáticas abordadas durante as reflexões do grupo, sentimos a necessidade de dividir as falas em blocos, afim de uma análise mais cuidadosa. Pois, algumas pessoas se posicionaram defendendo a importância de a comunidade contar e registrar sua história, enquanto que outras, se atentaram para a questão da organização dos moradores, fortalecendo a união e lutando por direitos iguais, a partir de uma associação de moradores.

### 3.1.1 Bloco temático: nossa origem, nosso patrimônio

“O filme mostra a união de um povoado em prol de sua localidade, sua comunidade. As histórias de um povo, só podem ser contadas pelo mesmo. E, percebe-se então, que em diversos momentos, essas histórias se perdem pela falta da fala, do contar, do transmitir (...) quando são negligenciadas as raízes de uma comunidade, ela enfraquece, tende a se repartir. Em consonância a isso, posso dizer que as histórias da nossa Ilha, estão se repartindo, sumindo aos poucos, bem como a união entre nosso povo.” (Laranja).

“A Ilha da Canabrava, assim como Javé possui várias histórias apenas contada do surgimento do nome da nossa comunidade, porém, não registrada, como também de pessoas que antigamente tinha mais conhecimentos, tanto de leitura, quanto de tecnologias.” (Acerola).

“Eu tenho algo a dizer, que do filme eu entendi assim: o que aconteceu neste filme a gente também está preste a acontecer (...) sair um dia da nossa comunidade...e para isto não acontecer a gente tem que correr atrás da nossa origem... do nosso patrimônio, e especificar em documento para que a gente não venha ser despejado (...) a gente não se ver morando em outro lugar sem ser aqui. Pra isso, a gente tem que correr atrás dos nossos direitos...da nossa origem, na verdade, nem eu mesma sei a origem da minha comunidade.” (Participante do Coletivo Casa de Farinha).

Estes três posicionamentos, revelaram o desejo de ver a história da comunidade ser contada e registrada, resguardando as raízes ancestrais como patrimônio imaterial. E quando compararam com o filme “Narradores de Javé”, vem à tona uma inquietação: de um dia serem obrigados a sair da Ilha da Canabrava, e não terem nenhum registro da história da comunidade para lutar e permanecer no seu território ribeirinho.

O filme tocou profundamente no grupo que assistiu, ao ponto de deixá-los sob alerta, e escrever sua própria história o mais rápido possível, partindo dos relatos e memórias das pessoas mais antigas da comunidade até os dias atuais.

As falas denotam certa preocupação, pois, a história da comunidade vem se perdendo, principalmente, referente as manifestações e tradições culturais do local. O que existe atualmente são as memórias e lembranças de um tempo que deixou saudades. Esta angústia foi percebida durante as conversas com todos os sujeitos da pesquisa.

E com a proposta de construir o Inventário da Realidade, os moradores da ilha viram a oportunidade de um sonho ser realizado e a certeza de um dia as novas gerações conhecerem a história da ilha através de relatos e memórias da própria comunidade.

### 3.1.2 Bloco temático: Organização da comunidade – a força da união

No filme podemos ver um povo que luta pelos seus direitos, cada um com uma opinião de forma que todos contribuem para chegar a uma conclusão. Na nossa comunidade temos uma divisão, a maioria do povo tende a se afastar de tudo, alguns nem participam de reuniões que é do interesse de todos e em algumas ocasiões a comunidade mesmo que excluí, então não é um povo tão unido, não possui um líder [...]. (Manga).

Comparando com o filme, aqui em nossa comunidade, nem sempre isso acontece...eu assim, na minha opinião, não acho uma comunidade unida...a comunidade Ilha da Canabrava...sempre quando tem alguma coisa, tem uns contra uns que não aceitam, uns que não concordam (...) No filme, todos concordaram, com o que deveria ser feito, para salvar a cidade deles. (...) A comunidade da Ilha da Canabrava não tem uma organização, não é uma comunidade organizada. Não existe uma interação, na luta por alguma coisa(...). (Goiaba).

Ao assistir o filme, consegui compreender a coragem, a bravura, a necessidade de ter seu lugar, seu lar, a origem de suas raízes daquela comunidade. Eles não desistiram mesmo diante de uma situação complicada, e se uniram para um bem de todos os moradores, para não deixar morrer os valores daquela terra. (...) Vejo na minha comunidade, Ilha da Canabrava, algo muito parecido. Se faz presente a vontade dos moradores de lutar por seus direitos e de ajudar todos.” (Caju).

A posição do grupo evidencia o desejo em ver a história da sua comunidade sendo contada, registrada e divulgada, ao mesmo tempo, expressa preocupação em reconhecer que a sua comunidade não é organizada, não é unida, e julgam a necessidade urgente de uma liderança capaz de sensibilizar a população da ilha a lutar pelos seus direitos.

Entendemos a posição de algumas pessoas do grupo em delegar uma liderança para resolver inúmeros problemas da comunidade, no entanto, e o mais importante, é a população ribeirinha buscar sua auto-organização. Óbvio, que os moradores precisarão de parceiros que contribuirão com formações ou informações para este novo formato de organização. Destarte, todos participarão ativamente das ações sociais elaboradas pela comunidade, buscando junto as esferas municipal, estadual e federal, resolver os problemas que acometem toda a população da ilha.

#### **Terceira etapa**

Nesta etapa, levantamos informações a respeito da Ilha da Canabrava, nos aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, por meio dos



mecanismos metodológicos, ou seja, dos instrumentos e técnicas adotadas para este fim, com o objetivo de construir o documento, Inventário da Realidade da Comunidade Ilha da Canabrava. O referido documento encontra-se no Apêndice deste trabalho.

A proposta da construção do Inventário da Realidade (CALDART et al., 2016), sugerido no Guia Metodológico, organiza por blocos temáticos o processo de levantamento de dados. No entanto, optamos por priorizar alguns desses blocos, relevantes e condizente com os objetivos da pesquisa em foco. A priori, não foi intenção nossa seguir todos os itens e orientações do guia metodológico, porque cada comunidade possui uma realidade peculiar. Deste modo, fizemos um recorte da proposta pautada nos objetivos da pesquisa, pois, o cenário atual que a sociedade enfrenta de Covid-19, e da enchente (2022) que atingiu a comunidade Ilha da Canabrava, não nos permitiu avançar e explorar melhor o contexto sociocultural da localidade.

O movimento desta investigação, proposto no capítulo “Caminhos Metodológicos”, começa a ser desenhada com as visitas de campo, tomando todos os cuidados com os protocolos de segurança da Covid-19 e também, a partir da interação no grupo de *WhatsApp*, isto porque, não teríamos muito tempo para atingir todos os sujeitos protagonistas da nossa pesquisa.

Destarte, adotamos os seguintes instrumentos de coleta de dados:

Questionário – aproveitamos o grupo de mobilização do *WhatsApp*, para enviar o questionário (Anexo – B).

Solicitamos ao grupo, que respondesse o questionário em família, pois, muitas perguntas exigiram um olhar mais amplo da comunidade. Até porque, muitos jovens participantes do grupo, precisariam recorrer a outras pessoas para responder as perguntas, dado a idade deles. Muitas das questões solicitadas no questionário, somente pessoas com mais idade e conhecedora da ilha saberia responder. E assim foi feito.

O retorno das respostas se deu através de quatro instrumentos: digitado pelo *WhatsApp*; por áudios pelo *WhatsApp*; redigido pelo *word* e enviado pelo *WhatsApp*; e ainda, transcrito em uma folha e entregue pessoalmente a pesquisadora. A pesquisa precisa caminhar de forma flexível, oportunizando a participação e colaboração de todos, justificando assim, as inúmeras formas do envio das respostas do questionário.

Quadro 5 - Grupo de colaboradores que participaram do questionário

N°	Colaboradores	Idade	Ocupação / Escolarização
01	Camila Cordeiro Santos	21 anos	Estudante
02	Daniela Primo da Costa	18 anos	Estudante
03	Evile Ili Medeiros de Souza	14 anos	Estudante
04	Geovana Vitória Santos de Oliveira	18 anos	Estudante
05	Juliana da Silva Costa	14 anos	Estudante
06	Lucimária da Costa Rodrigues	48 anos	Auxiliar Operacional da Educação
07	Rosineide da Silva Santos	36 anos	Pedagoga
08	Táís Ferreira Xavier Santos	18 anos	Estudante

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Das 14 pessoas, que receberam a solicitação para participar da pesquisa respondendo ao questionário, somente oito devolveram respondido.

Os instrumentos de coleta, Roda de Conversa / Diário de Campo – caminharam juntos. A cada visita a comunidade, para realizar a Roda de Conversa com os moradores, agendávamos com antecedência, registrando através de fotos e escritos no diário de campo, os feitos desta caminhada.

O resultado dos diálogos através da Roda de Conversa, se converterem em: Memórias do meu lugar”, inserido na primeira parte do “Inventário da realidade da comunidade”. Vale salientar que este diálogo com os sujeitos da pesquisa aconteceu em três espaços totalmente diferentes: 1 - centro da cidade de Bom Jesus da Lapa (Bairros – Cavalhada e Magalhães Neto); 2 - comunidade Quilombo Lagoa das Piranhas; e 3 – comunidade Ilha da Canabrava.

Figura 24 - Roda de Conversa. Quilombo Lagoa das Piranhas. (Casal: Emanuel /Joana)



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (2022).

“A ansiedade foi grande para esta visita, pois, fomos dialogar sobre a luta do Professor João Campos, para trazer Educação Escolar para a comunidade Ilha da Canabrava e a conquista da primeira Sala de Aula de Taipa.” (Diário de Campo. 22/04/2022).

Para realizar esta visita, contei com a parceria da Secretária Municipal de Transporte, enviando um carro para fazer meu deslocamento até a comunidade Quilombola Lagoa da Piranhas, contribuindo assim, para eficácia da pesquisa.

Dando continuidade as visitas, dias depois, começaram as primeiras caminhadas à Ilha da Canabrava, sendo guiada pela lancha do Transporte Escolar, responsável pelo deslocamento de alunos da comunidade da Ilha do Fogo e professoras que residem no centro da cidade. A lancha saía do porto da “Virada do Cais”, as seis horas e vinte minutos, e retornava a este mesmo porto, quase dezoito horas, na chegada da noite.

Não poderia deixar de sinalizar a importância do meu amigo e piloto condutor da lancha, responsável por minhas viagens durante o desenvolvimento da pesquisa de campo. José Wilson, é o seu nome. Já morou na Ilha da Canabrava, por muitos e muitos anos. Mas, ainda possui ligação com a ilha, pois, tem um terreno onde desenvolve o cultivo de vários produtos, como horta, feijão mandioca, entre outros.

Figura 25 - José Wilson. Piloto da Lancha. (Transporte Escolar)



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (maio/2022).

Além de conduzir a lancha, quando em terra firme, na Ilha da Canabrava, acompanhou-me por várias vezes em algumas casas, pois, não conheço a ilha por completo. E durante este trajeto tanto pelas águas, quanto pela terra, contou-me um pouco da sua vida na comunidade. A família do seu José Wilson, mudou para o centro

urbano do município, para dar oportunidade de suas filhas continuarem os estudos e cursarem uma faculdade. O que se tornou realidade!

A ele, só tenho que agradecer pela paciência e cuidado que teve comigo, durante as visitas à comunidade.

A preparação para cada ida a ilha, começava um dia antes, com ansiedade para voltar em um ambiente onde vivi como professora e amiga, por nove anos seguidos. Uma nova vida construí com os ribeirinhos daquela comunidade.

“Por problemas de saúde, este ano fui afastada da comunidade Ilha da Canabrava. Pedi remoção para outra comunidade mais próxima de minha casa... está sendo muito triste para mim, e para a comunidade também (...) E esta minha volta como pesquisadora, mexeu bastante com meu emocional...cheguei a me arrepender de ter saído da ilha...” (Diário de Campo, 24/04/2022).

Imagina como não foi chegar na ilha...

“E a sensação maior ainda, foi quando cheguei na escola, sendo recebida por pais, alunos e colegas...(chorei)...Nossa! ninguém sabia da minha visita na ilha, mas a impressão que transpareceu, que todos me esperavam...me aguardavam. Nunca esquecerei este momento.” (Diário de Campo, 24/04/2022).

Na escola, iniciando a pesquisa, teve um momento especial com os alunos, quando conversamos sobre suas tarefas quando não estão na escola e o resultado deste diálogo foi bastante significativo para a pesquisa. Antes, porém, expliquei o objetivo da pesquisa e a relevância da contribuição deles. O grupo envolvido pertence a faixa etária dos 6 anos de idade até 18 anos. Para as turmas menores, a Roda de Conversa foi através de gravação no celular. E para as turmas maiores eles registaram em uma folha suas respostas.

A Roda de Conversa aconteceu na Quadra Poliesportiva, devido as aulas estarem acontecendo neste ambiente. Isto se deve ao fato de o prédio escolar ter sido interditado e passa por uma reforma.

Figura 26 - Roda de Conversa. Alunos do Fundamental II



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (abril / 2022).

Encontrei uma dificuldade no caminho, que não complicou o andamento da pesquisa. Muitos dos colaboradores resistiram em não querer posar para fotos, justificando o traje no momento, ou questões de beleza, alegando ainda não serem fotogênicos. Por isso, o acervo gráfico das Rodas de Conversa, teve poucos registros. No entanto, ficou acertado que mandariam uma foto via *WhatsApp*, para ser inserida no texto das memórias, e cumpriram com o acordo.

Seguindo o cronograma da pesquisa de campo, outras Rodas de Conversa foram acontecendo, e a cada dia o desafio só aumentava, pois, muitas pessoas ainda precisavam ser ouvidas, e o tempo estava sufocando o desenrolar da investigação, mais a caminhada continuou.

“E uma das mais esperada foi a conversa com seu João Gomes. Ele que ficou à frente da associação da comunidade por mais de 19 anos, muito tinha a contar sobre a Luta da comunidade em busca de uma vida digna e respeitada. Acompanhei parte da caminhada e contribuindo também, em alguns momentos de formação e decisões da comunidade.” (Diário de Campo, 03/05/2022).

Figura 27 - Rumo à casa do Sr. João Gomes.



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (maio / 2022).

Figura 28 - Roda de Conversa. Casa de Sr. João Gomes



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (maio / 2022).

Outra emoção tomou conta, quando segui para entrevistar seu João Cordeiro, um dos primeiros moradores a pisar na Ilha da Canabrava, e com mais de cem anos de idade, vive na comunidade a contemplar a tranquilidade do meio ambiente, na presença do rio São Francisco. Memória já atingida pela idade, porém, contribuiu bastante com suas memórias afetivas para a nossa pesquisa.

Figura 29 - Roda de Conversa. Casa do Sr. João Cordeiro



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo (maio / 2022).

Pesquisa que segue, e agora é a vez de visitar a Casa de Farinha. E lá vou eu! O grupo já me esperava, para a grande prosa.

Figura 30 - Trajeto à Casa de Farinha



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo. (maio /2022).

“Eu estava muito ansiosa, primeiro a Casa de farinha, remete a minha infância... acompanhei minha mãe, numa Casa de Farinha, que era de sua madrinha, na cidade de Ibotirama... e lá aprendi o ofício da fabricação da farinha, observando a movimentação... e até raspar mandioca, isto eu fiz...” (Diário de Campo, 17/05/2022).

“Segundo, minha ansiedade é explicada pelo fato de ser a primeira Roda de Conversa, realizada num grande coletivo. Isto se deve a uma grande parceira, a professora Rosana Ferreira, que providenciou todos os detalhes...” (Diário de Campo, 17/05/2022).

Figura 31 - Roda de Conversa. Coletivo Casa de Farinha



Fonte: Acervo da autora. Diário de Campo. (maio / 2022).

A Roda de Conversa, contou com a participação de treze (13) famílias, ou seja, um representante por grupo familiar, de várias pontas da ilha, além de dois grupos: o de alunos e o Coletivo da Casa de Farinha. Para apresentar os colaboradores responsáveis pelos registros das “Memórias Afetivas” no inventário, seguimos a ordem pelas datas das conversas, sinalizado no quadro abaixo.

Quadro 6 - Participantes da Roda de Conversa / Conversa *online*

N°	Colaboradores	Idade	Profissão	Data da entrevista
<b>Entrevista Online</b>				
01	Mariovaldo Costa	46 anos	Agricultor/ Pescador	16/02/21
02	Antônio Ferreira da Silva	67 anos	Agricultor/ Pescador	15/03/21
03	Jeane Pereira de Souza Rodrigues	32 anos	Agricultora / Pescadora	18/05/22
04	Juscélio Pereira de Oliveira	42 anos	Agricultor/ Pescador	22/05/22
05	Marcelo Ferreira do Carmo	47 anos	Agente de Saúde	24/05/22
06	Francisco Félix da Cruz	46 anos	Agente de Saúde	01/06/22
07	Gilberto Pereira Bispo	44 anos	Pescador	12/10/22
<b>Roda de Conversa</b>				
08	Otacílio Eugênio dos Santos	94 anos	Contra mestre da Marinha	01/11/21
09	Joana Costa Rodrigues	78 anos	Agricultora	04/11/21
10	Emanoel Salvador Medeiros	56 anos	Agricultor/ Pescador	22/04/22
11	Joana Pereira Medeiros	54 anos	Agricultora	22/04/22
12	João Gomes da Silva	61 anos	Agricultor	03/05/22
13	Belarmina Barbosa da Silva	63 anos	Agricultora	03/05/22
14	Antônio G. dos Santos	66 anos	Agricultor / Pescador	03/05/22
15	Josina Maria da Cruz	72 anos	Agricultora	12/05/22
16	João Cordeiro dos Santos	100 anos	Agricultor	12/05/22
<b>Coletivo Casa de Farinha</b>				
17	José Reinaldo da Silva	81 anos	Agricultor / Pescador	17/05/22
18	Sebastiana Jardim dos Santos	48 anos	Agricultora	17/05/22



19	Arlindo A. dos Santos Silva	50 anos	Agricultor / Pescador	17/05/22
20	Arnaldo Jardim dos Santos	48 anos	Agricultor / Pescador	17/05/22
21	Izabel Jardim dos Santos	38 anos	Agricultora	17/05/22
22	Arlete Ferreira Xavier Santos	37 anos	Agricultora	17/05/22
23	Arlene Xavier dos Santos	32 anos	Agricultora	17/05/22
24	Pedro Xavier dos Santos	35 anos	Agricultor / Pescador	17/05/22
25	Rosana da Silva Ferreira	31 anos	Agricultora/ Professora	17/05/22
26	Marilene Jardim Silva	48 anos	Agricultora	17/05/22

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para ilustrar um pouco mais o inventário, convidamos alguns pessoas da comunidade, ex-alunos da escola Jonas Rodrigues, conhecedoras da Arte Visual, para desenhar um mapa da comunidade, representando a parte da ilha que moram. De início resistiram, justificando não ter tanto dom para o desenho artístico. Mas, com muita conversa, os convenci a participar e se auto reconhecer como artistas exemplares.

Algo me surpreendeu, quando um aluno da escola, percebendo meu movimento dentro da comunidade com várias atividades para construir o inventário, fez o desenho da parte da ilha em que mora e entregou-me. Com apenas 10 anos de idade. Iniciativa extraordinária!

Como não tivemos tempo para realizar oficinas para a construção de mapas trabalhando com a Cartografia, devido a enchente na comunidade, a alternativa foi convidar representantes da Arte Visual, para contribuir artisticamente para a beleza do trabalho.

Quadro 7 - Participantes da Arte: Desenho da Ilha da Canabrava (mapa)

Nº	Colaboradores	Idade	Localização geográfica
01	Luiz Fernando Cavalline	16 anos	Rio de Fora
02	Gisele Alencar Cordeiro	18 anos	Ilha completa
03	Anderson Gonçalves da Silva	16 anos	Vila Santo Antônio
04	Táilson Ferreira dos Santos	08 anos	Rio de Fora

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como já citado anteriormente, todo o levantamento da realidade da comunidade, que a pesquisa apurou, através das estratégias de pesquisa, estão compondo o “Inventário da Realidade da comunidade Ilha da Canabrava”, apresentada no Apêndice, deste texto.

## CAPÍTULO IV

### 4 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: PRIMEIRAS PALAVRAS

O lugar onde vivo

O lugar onde eu vivo é um  
lugar cheio de plantas e pássaros,  
e quando é cedo os pássaros  
ficam a cantar para acordar  
quem está dormindo.  
Eles estão acordados a cantar  
estão a cantar, a cantar.

(Laura Vitoria, 2019, aluna da Escola Jonas Rodrigues).

É deste lugar, de significação simples e rica em “Vidas”, que precisamos enxergar e resistir por nele estar, como diz a pequena poesia. É perceber que vidas são produzidas, não no sentido biológico de “dar a vida”, é muito mais que isto. Estamos falando das vidas que são construídas a partir do contato com a Terra, o Rio, as plantas, os animais e as pessoas. E neste movimento de construir “Vidas”, de relacionar-se com tudo que a Terra produz e reproduz, identidades vão se fazendo, refazendo e fortalecendo. Nesta reflexão das vivências peculiares com a Terra e a vida do campo, compreendemos que:

A terra é mais do que terra. A produção é mais do que produção. Por quê? Porque ela produz a gente. A cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É cultivo do ser humano. É o processo em que ele se constitui sujeito cultural. Por isso, vocês não separam produção de educação, não separem produção de escola (ARROYO, 1999, p. 21).

A partir desta citação é perceptível a relação umbilical presente entre os camponeses e a Terra. E desta subordinação (camponeses/Terra), amparada pelo cuidado, sujeitos são produzidos culturalmente. Ou seja, é ver o campo não somente pela lógica da produção alimentar, e sim entender como um espaço de fertilização humana.

Traduzindo especificamente para os sujeitos desta pesquisa, os ribeirinhos, na representatividade também, de povos camponeses, esta “relação umbilical” com os elementos da natureza, se estende até o Rio São Francisco. Além do contato diário que estes sujeitos possuem com a Terra, o mesmo acontece com o Rio. São duas fontes de vida que produzem a sustentabilidade da população. Ao mesmo tempo, Terra

/ Rio, contribuem para a formação da identidade cultural de seus habitantes. Poderemos ousar a dizer que existe uma tríade de interdependência entre estes três (3) elementos: Terra – Rio – Ribeirinhos.

Rio São Francisco  
 (...) São tempos de reviravolta  
 Para aquele que sempre nos sustentou  
 Nascente seca, poluição desenfreada  
 Mas ele nunca nos abandonou.  
 (...) Ele é o profeta do sertão  
 Que traz consigo esperança  
 Que ajuda a população ribeirinha  
 Da seca que nos alcança.  
 (...)

(Daniela Primo; Gleice Medeiros. Literatura de Cordel, 2018. Alunas da Escola Jonas Rodrigues).

O rio São Francisco exerce uma grande influência na vida dos ribeirinhos. Além de fornecer água para as necessidades básicas domésticas, é o canal de sustento das famílias que moram as suas margens, como bem referenciado no texto acima, “Ele é o profeta do sertão”.

A população que vive nessas localidades encontra no rio uma alternativa para vencer as dificuldades da escassez de água, desenvolvendo atividades de pesca e agricultura. Além disso, os ribeirinhos utilizam o rio para desempenhar várias atividades cotidianas, desde lavar pratos, a regar as plantas, como também lavar roupas e para o próprio lazer. Assim, criou-se uma relação de dependência entre essas pessoas e o rio, que passou a ser não somente fonte de sobrevivência, mas também se constituiu numa referência para costumes e hábitos (DEIRÓ; OLIVEIRA, 2011, p. 2).

Para além da relação de subsistência que os ribeirinhos mantêm com a natureza, a partir do convívio com a Terra (manejo das plantações) e as Águas (pesca artesanal), destacamos uma característica predominante, que é a identidade cultural que se constrói neste movimento de interdependência. Deste modo, a identidade se organiza, a partir de “número de elementos que caracteriza ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo” (CLAVAL, 1999, p. 15 apud SOUZA; SOUZA, 2017, p. 8).

No entanto, é fulcral ressaltar que a população ribeirinha do Rio São Francisco, também sofre com inúmeras dificuldades. Não é pelo fato de terem acesso a Água com mais facilidade, e Terra fértil para plantar, que não sentem na pele o descaso proveniente da conjuntura política, que oprime e nega a todo o momento os direitos

humanos para os sujeitos que vivem e dependem do campo. Neste momento, trago não somente os ribeirinhos para demarcar esta crueldade, mas todos aqueles que constroem suas vidas em comunidades tradicionais. O povo ribeirinho mesmo sentindo as chicotadas de uma política negacionista se coaduna na perspectiva de manter preservada a memória ancestral e a identidade cultural coletiva, alinhavada no sentimento de pertencimento, resistência e resiliência.

#### 4.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: TERRITÓRIO DE LUTA E RESISTÊNCIA

A luta pela Educação do Campo surge na base dos Movimentos Sociais do Campo, particularmente através das mobilizações do MST – Movimento dos trabalhadores Sem Terra, quando em suas pautas de reivindicações assume também a luta pela Educação do Campo. E de acordo com Caldart (2002, p. 20), a gênese deste “movimento por uma educação do campo” se articula mediante a realidade desumana vivida pelas pessoas do campo. “Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes”.

Conseqüentemente, uma jornada de articulações e mobilizações, começou a ser liderada por Movimentos Sociais Populares do Campo, tendo apoio de Universidades; Órgãos Governamentais; o PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, Secretarias de Educação; Organismos de Igrejas; Representantes dos Trabalhadores em Educação, Entidades de Educação; Escola Famílias Agrícolas - EFA's; e pessoas outras, que se juntaram ao Movimento pela Educação Básica do Campo. A referida informação consta nos documentos de sínteses elaborados após as Conferências realizadas em 1998 e 1999.

E destas mobilizações e reflexões sobre o tipo de projeto de educação almejado pelas comunidades tradicionais do campo, temos o seguinte:

Quando dizemos Educação Básica do Campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do direito à educação e à escolarização no campo; pela constituição de uma escola que não apenas esteja no campo, mas que sendo do campo, seja uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos sociais do movimento do campo (FERNANDES, 1999, p. 59).

Neste sentido, concebe-se a Educação, também, como uma ferramenta necessária e propensa na defesa dos interesses dos povos do campo, “uma escola

do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população” (FERNANDES, 1999, p. 52).

E esta luta por um projeto de educação escolar para o campo, conduziu uma análise profunda nas terminologias: no / do. Pois, estes dois termos é o que diferencia e específica, qual educação estamos exigindo e buscando. Como expressa Caldart (2002, p. 18): “*No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”.

Reconhecer que a educação do campo precisa levar em consideração a vivência dos camponeses, é reconhecer também a diversidade dos povos que habitam o espaço rural brasileiro, os posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, quilombolas, ribeirinhos dentre outros. Com a ampliação do espaço de discussão sobre a Educação do Campo desde a década de 90, somaram-se algumas conquistas, a exemplo do marco legal que legitima a luta por uma educação escolar no e do campo, alicerçada no contexto histórico de cada povo que vive e depende do campo, respeitando sua identidade sociocultural.

Construímos um quadro cronológico, para socializar a caminhada dos Movimentos Sociais do Campo e parceiros na luta e no Movimento pela Educação do Campo. Ressaltando que a partir destas conquistas, que serão citadas, outras surgiram mediante a demanda sociocultural de um determinado povo.

Quadro 8 - Panorama cronológico da Educação do Campo

<b>DATA</b>	<b>AÇÃO / CONQUISTA / AVANÇOS</b>
Julho / 1997	I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA).
Abril / 1998	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). PORTARIA Nº 10 DE 16 DE ABRIL DE 1998.
Julho / 1998	I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo.
Abril / 2002	Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002.
Julho / 2004	A II Conferência Nacional por uma Educação Básica do campo para o campo.
Abril / 2008	Estabelece Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo, RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008.
2010	Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC).
Novembro / 2010	Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). (DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010)

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Percebemos através deste quadro os principais passos percorridos pelo Movimento da Educação do Campo, numa jornada de luta contra hegemônica, fortalecida pela resiliência e resistência em busca dos direitos humanos. Pois:

Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; sujeitos da resistência na terra dos quilombos e pela identidade própria desta herança; sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas (CALDART, 2002, p. 20).

Deste modo, analisando o quadro “Panorama cronológico da Educação do Campo”, percebe-se que o evento pioneiro desta luta, foi o I Enera (1997), tornando-se o maior responsável na organização posterior de duas grandes conferências pela Educação do Campo. O Enera nasce da necessidade de analisar os problemas de ensino enfrentados pela população do campo, organizado pela UNB (Universidade de Brasília) em parceria com o MST, UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura) e CNBB (Conferência Nacional para os Bispos do Brasil).

Seguindo a ordem cronológica dos fatos, o Governo Federal – sob pressão dos movimentos sociais e universidades, institui o PRONERA (1998), como Política Pública, com objetivo de assegurar a educação para os sujeitos (crianças, jovens e adultos) da Reforma Agrária, mediante Portaria nº 10 de 16 de abril de 1998. O referido programa surge após o resultado de um diagnóstico que apontou a existência de um grande número de pessoas analfabetas existentes no campo, feito pelo MST. A partir de então, passaram a cobrar responsabilidade do poder público, exigindo uma educação de qualidade e significativa para as comunidades dos assentamentos.

De início, o PRONERA atuaria diretamente em ações referentes ao processo de alfabetização para as modalidades iniciais de escolarização e posteriormente desenvolveriam projetos para atender o Ensino Médio, alcançando também o Ensino Superior, estendendo ao curso de Pedagogia, ampliando para Ciências Agrárias.

Na passagem do aniversário de “20 anos da Educação do Campo e do PRONERA”, temos a seguinte reflexão, nas palavras de Molina:

O PRONERA e a Educação do Campo escrevem um novo capítulo da educação brasileira. Defendemos a seguinte tese: as experiências do PRONERA e da Educação do Campo, resultantes do conjunto de imensas experiências e práticas pedagógicas que construímos juntos ao longo desses últimos 20 anos, nos diferentes níveis de escolarização, da Educação Básica à Educação Superior, articuladas a estas também as experiências fundamentais de Educação do Campo no âmbito das formações populares, não vinculadas aos processos de escolarização, que se materializaram nesses 20 anos, foram capazes de escrever um novo capítulo da história da educação brasileira. (MOLINA. 2018, p. 35).

Ocorre que, dois anos após a comemoração e o reconhecimento das conquistas fruto da atuação do PRONERA em conjunto com a Educação do campo, basicamente no dia 20 de fevereiro de 2020, a população do campo, Assentados e Quilombolas, sofrem um golpe: a extinção do Programa Nacional de Educação para assentados da Reforma Agrária e Quilombolas - Pronera, através do Decreto 10.252. É a propagação de uma política negacionista, que não “quer / pretende” reconhecer a população do campo, como sujeitos de direitos.

Como citado anteriormente, duas conferências seriam mobilizadas a partir da realização do I Enerà. A primeira aconteceu em 1998, discutindo a “Educação Básica do Campo”, com o objetivo de ampliar as discussões e levantar a bandeira pela Educação, direito universal a qualquer cidadão, cidadã.

Somos herdeiros e continuadores da luta histórica pela constituição da educação como um direito universal, de todos: um direito humano, de cada pessoa em vista de seu desenvolvimento mais pleno, e um direito social, de cidadania ou de participação mais crítica e ativa na dinâmica da sociedade. Como direito não pode ser tratada como serviço nem como política compensatória; muito menos como mercadoria. (CALDART, 2002, p. 18).

Com a necessidade de intensificar as discussões e confrontar a conjuntura política dominante e capitalista, idealizaram e concretizaram a segunda conferência em 2004. Desta vez, com um número maior de apoiadores e parceiros que juntaram num só lema, contabilizando mais de mil participantes. Ressaltando que, está mobilização apostou numa temática mais abrangente, intitulada, Conferência Nacional por uma “Educação do Campo”:

O lema formulado na II Conferência Nacional, “*Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado!*”, expressou o entendimento comum possível naquele momento: a luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, deve se dar no âmbito do espaço público, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que a garantam massivamente, levando à universalização real e não apenas princípio abstrato. (CALDART, 2012, p. 260, grifo nosso)

A partir deste lema “Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado!” os protagonistas desta luta, reivindicam responsabilidade do Estado na implementação de projeto de educação que conheça e reconheça o campo como um espaço de produção de saberes e sujeitos de direitos. Vale salientar, que esta luta ainda é nossa! O Estado ainda não reconheceu que sujeitos do campo são seres humanos e que precisam ser assistidos pelas Políticas Públicas.

Em 2002, temos a promulgação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, com o parecer da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), n. 36/2001, e na resolução do CNE/CEB n. 01/2002. Destacamos aqui o Art. 2º das Diretrizes:

Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal. Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p. 1).

A elaboração das Diretrizes operacionais é o resultado das mobilizações do Movimento da Educação do Campo, com fins de validar e direcionar caminhos para a construção de uma proposta educacional do campo que valorizasse e respeitasse as especificidades dos seus sujeitos e seus territórios de identidade, ou seja, “... ver o campo como parte do mundo e não como aquilo que sobra das cidades” (FERNANDES, 2002, p. 62). Assim, a conquista das Diretrizes é a possibilidade de alcançar um projeto de educação do campo, contrapondo o modelo de educação capitalista e hegemônico.

A cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo ou de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção. (ARROYO, 1999. p. 23).



Nesta esfera do marco legal, haja vista, que o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (9394/96), no Artigo 28, já fazia referência no sentido da educação escolar do campo, priorizar ações pedagógicas no contexto de vida e experiências do coletivo camponês, construídas através da diversidade cultural peculiar a este grupo.

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p. 22).

Percebe-se que a LDB (9394/96), se refere a Educação do Campo, como Educação Rural, ressaltando que o ensino para as escolas do campo se efetivará mediante adaptações, tornando óbvio, que a referência para a formulação das propostas pedagógicas terá como norte o ensino das escolas urbanas.

Deste modo, o referido artigo não caracteriza os sujeitos do campo como protagonistas da sua própria história de vida e construtores de saberes mediante as experiências provenientes da relação com o meio ambiente, extraindo a subsistência na labuta com a Terra. E acima de tudo, não admite o campo como terra fértil e propícia na construção de uma educação específica sem precisar fazer adaptações, adequações, pois, as comunidades tradicionais possuem elementos socioculturais capazes de projetar sua própria educação, no chão de suas vivências.

Construir o ambiente coletivo de uma escola é conseguir combinar num mesmo movimento pedagógico as diversas práticas sociais que já sabemos ser educativas, exatamente porque cultivam a vida como o todo: a luta, o trabalho, a organização coletiva, o estudo, as atividades culturais, o cultivo da terra, das memórias, dos afetos... Numa escola este movimento se traduz em tempos, espaços, formas de gestão e de funcionamento, métodos de ensino e opções de conteúdos de estudo, processos de avaliação, jeito da relação entre educandos e educadores (CALDART, 2003, p. 15).

Nesta perspectiva, temos então a elaboração das Diretrizes Operacionais (2002) que contempla a realidade da população do campo, legitimando a relevância das práticas educativas se originarem do contexto histórico, social e cultural da população do campo. No entanto, foi necessário à homologação da Resolução

CEB/CNE, n. 02 (2008)<sup>10</sup>, que estabelece Diretrizes Complementares e Normas mais específicas no tocante à nucleação, sinalizando a preocupação do deslocamento dos alunos e alunas, quando tiverem que seguir para outra comunidade em busca do direito à Educação. Basicamente, o ponto chave desse texto, é defender o acesso escolar na própria comunidade: “§ 1º Sempre que possível, o deslocamento dos alunos, como previsto no caput, deverá ser feito do campo para o campo, evitando-se, ao máximo, o deslocamento do campo para a cidade.” (BRASIL, 2008, p. 2).

No bojo das Conferências e Resoluções aprovadas, é criado em 2010 o FONEC - Fórum Nacional de Educação do Campo, que de acordo com Caldart (2012, p. 262), surge “No esforço de retomar a atuação articulada de diferentes movimentos sociais, organizações sindicais e outras instituições, com destaque agora para uma participação mais ampliada de universidades e institutos federais de educação.” Com isto, o FONEC, elabora um documento expressando seu posicionamento, contra o fechamento das escolas do campo e o projeto do Agronegócio, defendendo o campo, como produção de vida e cultura.

Considerando que a Educação tem sua especificidade e natureza delimitada ontologicamente nos fundamentos e princípios que possibilitam nos tornarmos seres humanos, fechar escolas representa um violento ataque à própria humanização da população da nação brasileira. Configura-se um crime contra uma nação e sua classe trabalhadora, em especial aos povos do campo, às florestas e às águas. (FONEC, 2012, p. 399).

Infelizmente, nos últimos anos, o campo tem sofrido golpes profundos, em função da aceleração exacerbada e descontrolada do fechamento das escolas no campo, em detrimento da ampliação de escolas nucleadas e o fortalecimento da política do Transporte do Escolar. A Resolução de 2008 já vinha dando sinais desta preocupação e com o advento do FONEC, esta realidade torna-se pauta das discussões sobre a Educação do Campo. E como contraproposta do Fonec:

[...] ao invés de as escolas do campo serem fechadas, que elas sejam instaladas, ampliadas em todos os graus, níveis e modalidade, permitindo o acesso de todos os que residem no campo, garantido a permanência, o percurso educativo com qualidade e a conclusão exitosa da escolarização até seu mais elevado patamar. (FONEC, 2012, p. 399).

---

<sup>10</sup> Munarim (2011, p. 6), destaca dois aspectos fundantes nesta Resolução: “O primeiro situa-se no campo simbólico, isto é, pela primeira vez num documento normativo aparece a denominação “Educação do Campo”; (...) e esta Resolução impõe disciplina ao transporte de crianças e jovens, coibindo o uso abusivo do Transporte Escolar”.

É nesta perspectiva que a luta contra o fechamento de escolas no campo precisa acontecer: por uma escola que atenda a demanda de escolarização de toda a população do campo, dentro dos seu próprio território.

Assim, mediante pressão dos movimentos sociais, foi sancionada a Lei, nº 12.960, de 27 de março de 2014, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas:

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (BRASIL, 1996, p. 22).

O que não vem ocorrendo. Escolas são fechadas sem nenhum respeito com as comunidades. Não existe um procedimento de escuta, de diálogo entre os interessados – poder público, com as vítimas – os camponeses. A política do fechamento de escolas vai se propagando e se fortalecendo, desconsiderando as orientações legais, e ainda, alinhado à barbárie do Agronegócio, fruto de um projeto predador do capital.

Encerrando, por enquanto, o que foi posto no quadro cronológico, temos o Decreto de 2010, que dispõe sobre a política de Educação do Campo e o PRONERA. Este decreto foi instituído com o objetivo da ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, como também da regulamentação do PRONERA. Em Artigo 1º, reforça a importância do regime de colaboração entre os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, em parceria com a União, na elaboração de uma proposta educacional para o campo respeitando os direitos de sua população.

O Decreto de 2010, na oportunidade, nomeia e legitima os princípios básicos, em seu Art. 2º para a educação do campo:

São princípios da educação do campo:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia; II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo

e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho; III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo; IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010, p. 1-2).

É de grande relevância a elaboração destes princípios, o que nos remete a refletir de qual educação estamos falando; de qual especificidade, um projeto de educação para o campo, precisa dar conta; quem são seus sujeitos; e qual estrutura pedagógica que melhor casará com a realidade da comunidade no entorno da escola? E uma provocação: até que ponto estes princípios estão sendo levados em consideração numa proposta pedagógica nas escolas do campo? A comunidade escolar do campo tem conhecimento deste decreto? A lei existe, mas a sua operacionalização, é concreta? São questionamentos pertinentes quando o tema é legislação. É natural procurarmos por evidências da efetividade do que é posto na lei.

O quadro “Panorama cronológico da Educação do Campo”, nos apresentou um compacto dos primeiros passos da caminhada de luta pela Educação do Campo, através da força coletiva do MST, provocando algumas mobilizações, e a conquista do Marco Legal. Assim sendo, muitos estudiosos, teóricos, pesquisadores se dispuseram a contribuir produzindo material teórico metodológico, de acordo com as vivências e experiências das populações do campo, que necessitam assumir seu destino, pois: “A perspectiva da Educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção do seu destino” (CALDART, 2002, p. 19), e este movimento se faz na luta contra hegemônica.

O problema é que todo este esforço inicial mobilizado contra o Estado, e pelos direitos humanos dos que vivem e dependem do campo, pode cair no esquecimento, se os movimentos sociais não assumirem novamente uma pauta de luta pela Educação do Campo. É uma preocupação que Caldart (2009), socializa:

(...) penso, sobretudo, nos impasses relacionados à atuação dos movimentos sociais em relação à Educação do Campo, pela importância atual da retomada deste protagonismo e, especialmente na relação com o Estado, do desafio de manter vivo o contraponto da Pedagogia do Movimento. Desafio

que não é apenas dos próprios movimentos sociais, mas de todos os sujeitos comprometidos com o projeto político-pedagógico originário da Educação do Campo, através de uma ação política articulada e não por fragmentos, como se está tendendo a fazer hoje (CALDART, 2009, p. 21-22).

Dialogando com este pensamento de Caldart (2009), faremos uma retomada no tempo, quando Arroyo (1999), ao palestrar durante a 1ª Conferência por uma Educação Básica, em Luziânia / Goiás, no dia 28 de julho de 1998, ao tecer comentários positivos sobre a nova proposta educativa que estava sendo gestada pelos movimentos sociais, instiga o grupo presente a questionar e refletir, diante da grandiosidade de material formativo construído a partir das experiências dos sujeitos do campo. “(...) E o que falta, então? Faltam encontros como este, para que procuremos entender quais são as matrizes dessa nova Educação Básica do campo, que já está acontecendo (...)”, (ARROYO, 1999, p. 16). Na época deste pronunciamento, o movimento pela Educação do Campo, estava surgindo, se espalhando por vários espaços. E atualmente, ainda fazemos o mesmo questionamento que Arroyo fez. “O que falta então, para a Educação do Campo ocupar seu lugar de direito? Nesse caso, é prosseguir com a luta que teve início há mais de 20 anos, criando novas estratégias e ferramentas políticas de enfrentamento contra o Estado, numa perspectiva amparada pelo estado constante da resiliência.

#### 4.2 EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: SABERES RIBEIRINHOS E FORMAÇÃO HUMANA.

A Educação escolar, para a comunidade Ilha da Canabrava chega por volta de 1950, quando os ribeirinhos percebem a necessidade de uma escola para as crianças e procuraram o poder público municipal para reivindicar os seus direitos. No entanto, não conseguiram garantir um prédio para implantar o ensino. Decidiram, pois, organizar a primeira sala de aula, embaixo de uma enorme Mangueira, os próprios alunos levavam seus bancos e deste modo, iniciou-se o processo de alfabetização das crianças. Coincidentemente, o Patrono da Educação do Brasil, Paulo Freire, também teve suas primeiras palavras apreendidas embaixo de uma Mangueira no final do quintal de sua residência, de acordo com Brandão (2015).

Esta vivência inicial com o ciclo de alfabetização embaixo das mangueiras, é um processo que começa a caminhar no campo da resistência na luta pelo direito a Educação, até os dias atuais.

Conceber a educação como direito humano significa incluí-la entre os direitos necessários à realização da dignidade humana plena. Assim, dizer que algo é um direito humano é dizer que ele deve ser garantido a todos os seres humanos, independentemente de qualquer condição pessoal. Esse é o caso da educação, reconhecida como direito de todos após diversas lutas sociais, posto que por muito tempo foi tratada como privilégio de poucos. (HADDAD, 2012, p. 217).

Assim como Haddad reconhece a “educação como direito humano”, os povos do campo também reconhecem seus direitos, por isso, se articulam numa luta em busca dos seus direitos, numa conjuntura política que desdenha as populações das comunidades tradicionais, em todo território nacional brasileiro:

Quando situamos a escola no horizonte dos direitos temos que lembrar que os direitos representam sujeitos. Sujeitos de direitos, não direitos abstratos. Que a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social, por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo. (ARROYO, 1999, p. 19).

As palavras de Arroyo, chamam atenção para o fato do direito a uma educação escolar, que dialoga com o contexto histórico dos povos do campo, instrumentalizando-os através de uma formação política e incentivando-os a participar e intervir na sociedade que se insere. Assim, o papel da escola que almejamos, precisa ser o de humanização.

Possibilitar um espaço escolar humanizador que tenha como dialética a relação da alteridade ajuda a compreender uma escola que, continuando a ser tempo-espaço em que as pessoas ensinam e aprendem, engaja-se por uma educação humanizadora, onde se detenham às especificidades de cada ser no âmbito humano. Na perspectiva da filosofia da libertação, Fiori (1991) aponta que para se libertar junto à sociedade é necessário inserir-se profundamente na cultura e nos modos de ser dos povos, neste caso, do alunado que compõe o espaço escolar. (ALVES; ZANOTO, 2019, p. 139).

Nesta perspectiva, teremos uma escola democrática, aberta ao diálogo com todos os envolvidos na unidade escolar, e principalmente uma mudança de comportamento, pois, o professor deixa de ser figura protagonista no processo de ensino aprendizagem na vida dos alunos, e reconhece que todos tem o direito a fala, ao expressar seus conhecimentos de mundo, construída com seus pares dentro da comunidade, e assim, alunos passam a gerenciar sua formação humana dialogando

com seu contexto histórico.

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria e que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade (FREIRE, 1993, p. 89 apud ALVES; ZANOTO, 2019, p. 141).

É dessa escola que nossos alunos precisam. Um espaço de confraternização de conhecimentos, exercitando a democracia e valorizando a diversidade de saberes presentes no ambiente escolar. E quanto aos professores, é urgente uma formação política e específica da Educação do Campo, para refletirem a prática pedagógica e buscar mudar algumas posturas diante do fazer docente.

Diante do exposto:

O ambiente da sala de aula deve ser o lugar do educando, em que se perceba parte, onde reconheça sua vida, seus modos de ser e viver para assim, contribuir na construção de conhecimentos. Esse espaço deve, portanto, ser organizado e arquitetado de acordo com a realidade social, pois o contexto social e educativo permite dialogar com o processo de ensino-aprendizagem. (COELHO; SOUZA, 2019, p. 9).

Partindo da minha vivência como professora e coordenadora, há mais de nove (9) anos na comunidade Ilha da Canabrava, afirmo que este ambiente alfabetizador contextualizado às vidas dos povos ribeirinhos, ainda não é uma verdade. É preciso que se construa o Projeto Político Pedagógico das Escolas Ribeirinhas, para assim, garantir uma educação que vislumbre a identidade cultural e social desses sujeitos.

Cotidianamente, as crianças, jovens e adultos da Ilha da Canabrava, constroem suas experiências culturais, movidas pelo manejo com o rio através da pesca, e do cultivo de hortaliças e outras produções agrícolas. Numa memória não muito antiga, enquanto eu lecionava para alunos da Educação Infantil, numa Roda de Conversa (procedimento diário em minhas aulas), um aluno de quatro anos de idade, nos ensinou o manejo da pesca que aprendeu, de tanto ele acompanhar seus pais em busca do alimento para saciar a fome da família. Este não foi o único depoimento que aconteceu na turma. Alguns nos ensinavam a construir canteiros para plantio de hortaliças, enquanto outros nos ensinavam sobre ervas medicinais, entre tantas outras contribuições, que afloram da interação do ser com as raízes de sua comunidade e dialogada entre seus pares.

É deste movimento de troca de conhecimentos e saberes, entre, alunos – professora / alunos – alunos, que a escola precisa assumir por meio das práticas pedagógicas significativas oriundas da realidade da comunidade do seu entorno.

A escola ribeirinha precisa compreender: o movimento que a comunidade realiza na produção de seus conhecimentos na relação diária com a Terra e o Rio; os mecanismos de sobrevivência que constroem coletivamente; reconhecer e legitimar a identidade cultural da população no fazer pedagógico; contribuir para a auto-organização da comunidade; e proporcionar uma educação autônoma e emancipatória.

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque *não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo*, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro. (CALDART, 2003, p. 7, grifo nosso).

Neste sentido, quando a escola é parte de uma comunidade, vivenciando as experiências dos sujeitos em seu entorno, poderemos arriscar a dizer, que assim, estará exercendo sua função social e conseqüentemente, contribuirá com as causas da Luta dos trabalhadores do campo.

[...] a escola pode criar um ambiente educativo que recupere, forme, fortaleça os valores humanos, aqueles que permitem cada pessoa crescer em dignidade, humanidade. E que problematize, combata e destrua os valores antihumanos, que degradam o ser humano e impedem a constituição de coletividades verdadeiras e fortes. Mas a escola não fará isto apenas com palavras, e sim com ações, com vivências, com relações humanas, temperadas por um processo permanente de reflexão sobre a prática do coletivo, de cada pessoa. (CALDART, 2003. p. 11).

Destarte, a citação revela a dimensão da atuação da escola, quando esta permite um movimento entre os sujeitos presentes na escola (alunos, professores, demais funcionários, família), num processo democrático participativo com olhares que ultrapassam os muros ou as cercas da escola. Ou seja, não é trazer as questões socioculturais da comunidade ribeirinha para dentro da escola, e sim, ultrapassar esta ideia abstrata, contrariamente, é deslocar a escola até o seio da comunidade, compartilhar conhecimentos e vivenciar suas práticas culturais.



Quando este movimento entre escola e comunidade se concretiza, juntos assumem o papel social na luta em busca dos direitos, nas diferentes esferas: saúde, educação, saneamento básico, água tratada, lazer, e a posse da Terra. Justificando, desde então, a relevância de um ensino pautado na realidade dos povos do campo.

Diante da reflexão acerca da Educação Ribeirinha que apresentamos até aqui, é fato concluir, que precisamos avançar e ocupar espaços onde vozes ribeirinhas precisam ser ouvidas nas suas demandas específicas e serem respeitadas. Através do inventário da realidade da comunidade, a escola poderá articular suas ações pedagógicas, pois, o documento é construído a partir das memórias da comunidade, expressando seus modos culturais, saberes articulados com as vivências diárias com o rio São Francisco.

No município de Bom Jesus da Lapa, não existe um olhar diferenciado para a Educação Ribeirinha. A Educação do Campo, organizada e planejada para as comunidades tradicionais, é contemplada de forma vertical, de cima para baixo. A educação do município, não reconhece as especificidades dos povos ribeirinhos. Os sujeitos do campo são atendidos da mesma forma, como se os aspectos culturais fossem homogêneos. Cabe a cada unidade escolar, projetar suas ações pedagógicas, com vista a realidade da comunidade, tendo como base o currículo urbanístico, e as adequações, ou seja, as adaptações necessárias.

É fundante que o município propicie espaços de discussão com os sujeitos ribeirinhos, para assim, elaborar um documento curricular específico ao contexto histórico e cultural dessa população, transformando-o numa ferramenta educacional com vistas a formação humana de toda a comunidade escolar.

## CAPÍTULO V

### 5 CULTURA: CATEGORIA PRESENTE NA PRODUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS.

Cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva ao estabelecimento de modos de vida. Trata-se da criação e da recriação que emergem daquelas relações em que os humanos, ao transformarem o mundo, simultaneamente transformam a si próprios. (TARDIM, 2012, p. 178).

Desde o início da civilização, os indivíduos buscam criar maneiras para viver e sobreviver, o que designa a produção cultural, nas interações que os humanos fazem entre eles e a própria natureza. É preciso se apropriar dos recursos da natureza para manter a sobrevivência. E desta relação surgiu uma interdependência entre humanos e recursos naturais. E assim, grupos sociais vão se organizando em torno de pensamentos, valores e saberes em comum, porque, a cultura é um produto do movimento que os humanos fazem, em busca do seu próprio desenvolvimento social.

Ao longo dos séculos, a palavra cultura sofreu mudanças radicais em relação ao seu significado, a partir de como cada sociedade em determinada época histórica, compreendeu e defendeu seu sentido. Desta maneira, evidenciou-se um movimento ativo, em busca de um marco conceitual que caracterizasse o significado de cultura, conduzida pelos interesses das classes dominantes.

Antes, porém, de adentrarmos na análise do conceito de Cultura, julgamos necessário apresentar um quadro histórico, evidenciando como as mudanças vem ocorrendo acerca da compreensão da palavra cultura ao longo da história da formação humana. O quadro a seguir, é com base nos estudos de Moreira e Candau (2008, p. 26), que buscou interpretar como a sociedade em cada período histórico, concebia a palavra cultura.

Quadro 9 - Sentido da palavra Cultura

SÉCULO	SIGNIFICADO DE CULTURA
XV	“Cultivo de terra, de plantações e de animais”.
XVI	“Mente humana”.
XVIII	“Consolida-se o caráter classista da ideia de cultura”.
XX	“A noção de cultura passa a incluir a cultura popular”.

Fonte: Adaptado de Moreira e Candau (2008, p. 26).

Mediante o exposto no quadro acima, percebe-se que a cada época histórica o sentido da palavra cultura resignificava, de acordo a evolução da civilização. O século

XV, nos apresenta um significado para cultura, presente atualmente nas comunidades rurais, entre os sujeitos que habitam áreas com terras férteis para o plantio e criação de animais. Para esta população, cultura, também é a produção da subsistência de um povo. No entanto, o referido século compreende a cultura, somente por este viés.

Já o século XVI, radicaliza esta compreensão de cultura, e expande o seu significado, para defender que é através das relações construídas entre as pessoas, que se produz cultura. E de maneira preconceituosa, faz-se a divisão de classes sociais, determinando um padrão de cultura. Ou seja, a cultura pertencia aos povos considerados “civilizados”, pertencentes à classe dominante. A cultura pertencia a classe dominante. A população mais pobre não tinha o direito de pertencer a este movimento social, que caracterizava um determinado grupo.

Mais tarde, no século XVIII, temos o reforço de uma cultura classista, colocando a sociedade europeia como a única possuidora de conhecimentos, capazes de atingir o grau mais alto de refinamento, caracterizando-as como pessoas cultas. Ou seja, “o sentido de cultura, que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nessa segunda concepção: cultura, tal como as elites a concebem, corresponde ao bem apreciar música, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura, filosofia”, (MOREIRA e CANDAU, 2008, p. 26). Como sempre, todos os direitos para a classe dominante e para a classe trabalhadora, só restava as migalhas.

O século XX, anuncia mudanças radicais e amplia o conceito de cultura, agregando o termo Cultura Popular, que foi disseminado pelo poder dos meios de comunicação de massa. Deste modo, um conflito de ideias instalou-se, entre a cultura elitista e a cultura popular. Pois, a cultura popular é tida como inferior, subalterna, que não sobreviveria a pressão dos desmandos de uma sociedade classista.

Destarte, é da articulação e saberes do povo, que a cultura popular vem ganhando espaço, através da resistência e resiliência, a estes desmandos. Deste espaço, fazem suas vozes serem ouvidas, gritam por direitos iguais, lutam por uma vida de respeito, sem discriminação e sem preconceito. É necessário salientar, que atualmente a cultura popular ainda enfrenta dificuldades e desafios para ser respeitada e ter o direito de representar e caracterizar a população que vive as margens de uma sociedade negacionista.

Ainda nesse processo de compreensão e estudos acerca da palavra cultura, os antropólogos, deram um salto, pluralizando a palavra “culturas”. Entendendo assim, que é através de “diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por

diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais, de gênero, etc.) e períodos históricos”, (MOREIRA e CANDAU, 2008, p. 27), que a população constrói sua própria cultura ou culturas.

Esta visão colocada pelos Antropólogos, permite-nos um olhar horizontal, alertando-nos para o sentido da palavra cultura. É preciso pensar em “culturas”, por que a humanidade se organiza mediante princípios e valores eleitos por determinado grupo social. Desta maneira, é primordial reconhecer que a cultura está, onde indivíduos se articulam, se organizam coletivamente para viver e sobreviver, compartilhando seus conhecimentos e saberes. Assim, a cultura é “a forma geral de vida”.

Neste sentido, cultura se faz por meio das relações dos indivíduos, e desta convivência criam e recriam em comunidade conjuntos de aprendizados, manifestações, valores, ideais e instrumentos de resistência e de luta contra a classe opressora. Nesta abordagem histórica ao longo dos séculos, sobre a compreensão de cultura, é relevante trazer para este diálogo as reflexões de Santos (2006), agregando várias contribuições de seus estudos acerca do sentido de cultura.

A priori, para Santos (2006, p. 44-45), “cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade”. (...) “cultura diz respeito a todos os aspectos de vida social, e não se pode dizer que exista em alguns contextos e não em outros”. Ou seja, a cultura é um processo em constante construção partindo das relações sociais dos indivíduos, e não um efeito natural que não precise da intervenção humana para se desenvolver. Nesta análise, “cultura é um produto coletivo da vida humana”. (ibid.).

Neste alinhavar da compreensão de cultura, um novo elemento surge, quando relacionamos cultura e poder (território de luta), ambos caminham juntos. E Santos (idem, p. 45), percebe a cultura como “(...) um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor”, e óbvio, que a busca por uma vida melhor, é a luta do povo que vive as margens da sociedade, sendo explorados e humilhados, em meio a uma conjuntura política negacionista, que prega a desigualdade social e opressora.

Outra contribuição de Santos (2006), o qual refletimos nos últimos parágrafos na compreensão de Candau e Moreira, faz referências a Cultura Popular e Cultura Erudita. A primeira considerada atrasada, inferior e a segunda, caracteriza as classes dominantes, e são interpretadas como a melhor, a superior.

A época atual, conseguiu filtrar a importância da cultura popular, e através da articulação do povo, vem tentando assegurar este espaço como um mecanismo de

denúncias, manifestações e reivindicações, através do enfrentamento diário contra o preconceito, racismo e a injustiça social. Pois, para além de um produto coletivo, a cultura, também exerce uma característica histórica e decisiva de relações de poder. E “O que se busca na cultura popular é seu caráter de resistência à dominação, ou seja, seu caráter revolucionário em relação a esta”. (SANTOS, 2006, p. 56).

Haja vista, que foi a própria classe dominante que elegeu a cultura popular, com o objetivo de desqualificar e fragilizar o conhecimento do povo, ressaltamos que a palavra “povo”, expressa neste texto, se refere a população mais pobre de uma determinada sociedade.

É importante ressaltar que é a própria elite cultural da sociedade, participante de suas instituições dominantes, que desenvolve a concepção de cultura popular. Esta é assim duplamente produzida pelo conhecimento dominante. Por um lado, porque, na formação de seu próprio universo de legitimidade, muitas manifestações culturais são deixadas de fora; por outro porque é o conhecimento dominante que decide o que é cultura popular (SANTOS, 2006, p. 55).

Ressaltando que a cultura erudita, a “alta cultura”, dominada e controlada pela sociedade que mantém o poder, se expressa por meio da Filosofia e da Ciência, pertencente a elite. Mediante os estudos de Santos (2006, p. 54-55),

“(…) de fato, ao longo da história a cultura dominante desenvolveu um universo de legitimidade própria, expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzido e controlado em instituições da sociedade nacional, tais como a universidade, as academias, as ordens profissionais (de médicos, advogados, engenheiros e outras)”. (SANTOS, 2006, p. 54-55).

Ao povo, nega-se este acesso a diversas ciências que explicam e difundem o desenvolvimento da civilização.

Refletindo um pouco mais acerca de cultura, um elemento ameaçador que vem tomando espaço no desenvolvimento da civilização, é a Indústria da Cultura. Com o controle dos meios de comunicação de massa nas mãos, o grupo social do poder, cria artifícios para implantar uma cultura única e nivelada. Ou seja, o interesse é o controle social. E para isto utiliza-se dos meios de comunicações, atrelado ao avanço tecnológico, que chega com mais rapidez as populações de forma geral e dissemina informações de interesse da elite, pulverizando, principalmente a população as margens da sociedade, à obediência coletiva.

(...) esses meios de comunicação de massa fazem parte da paisagem social moderna. Eles penetram em todas as esferas da vida social, no meio urbano ou rural, na vida profissional, nas atividades religiosas, no lazer, na educação, na participação política. Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar. (SANTOS, 2006, p. 69).

Percebe-se, na contemporaneidade, que o controle da cultura através dos meios de comunicação de massa, a televisão, rádio, internet, cinema, entre outros, são ferramentas utilizadas contra a classe pobre operária, menosprezando o pensamento, os valores, os saberes, as vidas desta população.

E neste processo de aculturação, a população oprimida encontra resistência dentro da cultura popular, lutando e defendendo suas raízes, ao passo que denuncia os feitos da classe dominante.

Estudar, pesquisar e compreender a categoria cultura, torna-se um desafio bastante cauteloso. Desde o início da civilização e cada época histórica, novos sentidos e significados caracterizam a palavra cultura. É a evolução de um conceito que parte dos interesses da classe dominante, determinando uma cultura superior (elite) e uma inferior (população pobre).

No intuito de ampliar a visão acerca do conceito e significado de cultura, torna-se relevante inserir neste debate algumas colocações que William (2019), discute no seu livro, “Apropriação cultural – Feminismos plurais”.

Inicialmente, William (2019), cita o pensamento de Munanga (2017), quando diz que desenvolvimento e cultura são sinônimos de evolução de uma determinada sociedade e acrescenta:

Desenvolvimento também é cultura, pois só os seres humanos e as sociedades humanas transformam a natureza, produzem riquezas, inventam ciências e tecnologias que ajudam na transformação da vida em termos de melhoria de saúde, alimentação, transporte, comunicação e instituições que abrigam os nacionalismos cívicos, as formas democráticas e o bem-estar em geral. (MUNANGA, 2017 apud WILLIAM, 2019, p. 16).

Este pensamento comunga com ideias de outros estudiosos citados anteriormente, pois, cultura é produzida, ao contrário, de um resultado natural da relação entre os indivíduos. E Munanga (2017), traz uma complexidade fundamental para esta categoria:

A cultura não é somente música, dança, artes, religião, cinema, literatura. A ciência, a tecnologia e a educação como veículo de transmissão do conhecimento também são categorias de cultura. Diz-se que os países que investiram maciçamente em educação de qualidade são os mais desenvolvidos hoje. Mas o desenvolvimento equilibrado é aquele que não degrada a natureza e não destrói a cultura de um povo, isto é, a sua visão do mundo e do universo, as suas religiões, a sua história e as suas tradições, embora tais tenham dinâmica própria. (MUNANGA, 2017 apud WILLIAM, 2019, p. 18).

Partindo desta citação, compreendemos que cultura é tudo que envolve as características e especificidades de uma determinada população, independe de sua classe social. Ou seja, todo e qualquer grupo tem direito a produzir sua própria cultura e não viver a sombra de outras culturas. E desta peculiaridade que nomeia os grupos sociais, William afirma que:

O jeito de andar, falar e pensar; de se vestir, se portar e sentir; a fé, a visão de mundo, as relações; as criações, as instituições e os valores de um grupo; a arte e o saber. Em síntese, cultura pode ser compreendida sob vários ângulos: ideias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões, abstrações, instituições, técnicas etc. Tudo isso, inserido na cultura de um povo, possui significados e história. (WILLIAM, 2019, p. 18).

E ainda:

Todos os seres humanos ou sociedades humanas produzem culturas. A cultura é um fenômeno universal porque não há cultura sem sociedade e não há sociedade sem cultura. No entanto, as culturas são diferentes como criação do ser humano no encontro com o meio ambiente, com a história, com as condições sociais e psicológicas. (MUNANGA apud WILLIAM, 2019, p. 19).

Assim, cultura é vida, e por ser vida, a população precisa conduzir seu desenvolvimento com base nos ensinamentos dos seus antepassados, produzir sua própria cultura no berço “da” e “com” a comunidade, construindo coletivamente seus saberes, seus conhecimentos, suas ferramentas de luta e resistência. Como expressa a citação acima, sociedade não tem vida sem cultura e vice versa. O direito à cultura é de todos!

E a proposta que este estudo traz da construção do inventário da realidade da comunidade em foco, nada mais é, que retratar a cultura que envolve as relações sociais da comunidade, sua organização, ações coletivas, crenças, valores, tradições, manifestações, memórias, lutas, e acima de tudo, identificar como a população da ilha da Canabrava lida com os conhecimentos ancestrais, dos seus antepassados.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“O lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro” (SANTOS, 2001, p. 114 apud RAMOS; MOREIRA; SANTOS, 2004, p. 38).

O caminhar deste processo investigativo, afim de construir o Inventário da Realidade, se deu com a participação coletiva dos ribeirinhos da Ilha da Canabrava e com a expectativa de terem sua história escrita, divulgada, reconhecida e valorizada.

Por se tratar de um documento que precisa ser alimentando com frequência, devido as mudanças que ocorrem dentro da comunidade em vários aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos, é um equívoco pensar que esta pesquisa encerra o levantamento de informações da realidade da população que está em constante movimento de transformação.

Neste sentido, a pesquisa irá contribuir e sensibilizar a comunidade local e escola, a continuarem este processo da escrita. Por isso, ao invés de “Considerações finais”, deste projeto, iremos fazer “Algumas Considerações”, por entender que a pesquisa precisa continuar na responsabilidade de outras pessoas, outros pesquisadores. Deste modo, julgamos essencial retomar alguns elementos norteadores da pesquisa, assim como as observações do processo de levantamento das informações, inquietações da pesquisadora e dos moradores, em relação ao futuro da comunidade da Ilha da Canabrava, e o destino do Inventário da Realidade quando disponibilizado para conhecimento da sociedade em geral.

A pesquisa intitulada, “VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM”: Inventário da Realidade da Comunidade Ilha da Canabrava no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia, foi planejada com o intuito de escutar os moradores da comunidade, oportunizando-os a narrar suas histórias, ou seja, rememorar as lembranças para assim contribuir para a compreensão da realidade atual, expressa no problema da pesquisa: como a história da comunidade Ilha da Canabrava, pode contribuir para a compreensão de sua realidade?

E conseguimos atingir este problema, porque durante as prosas realizadas nas Rodas de Conversa, surgiram vários questionamentos dos sujeitos da pesquisa, como por exemplo: “por que será que os jovens não querem continuar com os festejos realizados pelos mais velhos da comunidade?” Ao mesmo tempo, tinham a resposta:



“a tecnologia e o acesso à internet, tomou conta de nossos jovens”. Não que o acesso as Tecnologias da Informação sejam dispensáveis, não é isto, mas, agregar interesses, voltando olhares para o que a comunidade produziu e vem produzindo culturalmente.

O que as pessoas mais antigas da comunidade desejam, é que os jovens se interessem pela história da ilha, preservando-a, e conduzindo novos rumos, novas caminhadas de valorização da comunidade a partir da história contada e escrita. Em resumo, para compreender a realidade da comunidade, é preciso buscar suas raízes, suas memórias e lembranças.

Assim, os elementos que nos ajudaram a responder à pergunta da pesquisa, foram o Objetivo Principal, “Organizar, a partir de narrativas orais dos moradores, a história da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, para construção do inventário da realidade”. Sendo norteado pelos Objetivos Específicos:

1. Levantar, junto à comunidade, dados sobre os aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos;
2. Descrever a comunidade Ilha da Canabrava, em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos;
3. Organizar, a partir das narrativas orais, o inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava;
4. Apresentar para a escola, o inventário da realidade, como uma possível ferramenta pedagógica para trabalhar conteúdos relacionados à realidade dos alunos.

Pensar esta pesquisa na proposta do Inventário de Realidade, a priori, tomamos como responsabilidade a missão de proporcionar a comunidade Ilha da Canabrava, a oportunidade de conhecer, refletir e rememorar fatos históricos, situações coletivas que contribuíram para a formação da identidade de seus sujeitos e justificassem a cultura construída ao longo dos anos, com a participação direta e ou indireta da população ribeirinha que fez morada as margens do Rio São Francisco, em busca de dias melhores.

A proposta da pesquisa conseguiu adentrar o mundo ancestral da comunidade, trazendo à tona lembranças, relatos bastante relevantes para uma suposta compreensão da origem da ilha. Teve momentos que o auge da emoção nos fez chorar, ao lembrar, principalmente de pessoas queridas que já não mais faz parte desta vida. Em algumas Rodas de Conversa, por várias vezes, o silêncio invadiu nossas emoções. Era uma saudade que reinava a cada palavra dos participantes. Em

outros momentos, risos surgiram contagiando a todos. E neste emaranhado de emoções, seguíamos a trilha pela pesquisa afora.

O primeiro desafio enfrentado durante a pesquisa foi justamente as características emocionais dos sujeitos participantes. Isto se deve a vários fatores: primeiro pela questão de que a investigação provocaria – lembranças, memórias; e segundo, a comunidade estava sofrendo com as consequências da enchente do Rio São Francisco (2022), que abalou toda a estrutura emocional das pessoas, devido as perdas causadas pela cheia. De certa forma, embrenhar neste contexto atual vivido pela população da ilha, não foi fácil, pois, no momento que iniciei com a pesquisa de campo, a Ilha da Canabrava, começara a se (re)estruturar coletivamente.

E o terceiro fator, não mais importante, porém, se deu na relação de confiança, entre a pesquisa e a comunidade. A população da ilha recebeu a proposta com bastante entusiasmo, mesmo estando frágeis emocionalmente. E neste acolhimento, a cada Roda de Conversa, os participantes listavam outros moradores para adentrar na investigação. Isto porque, cada morador/a, complementaria suas lembranças. Nesse sentido, consideramos como desafio, a procura de outros colaboradores, para concluir certas informações, aumentando ainda mais, o ciclo de conversas e, claro de participantes.

Destarte, pela grandiosidade da pesquisa, não foi possível chegar-se, a tantos outros moradores, devido o tempo que não estava a nosso favor. Até porque, não era intenção atingir toda a comunidade nesta pesquisa. Ficando para outro momento a continuidade e o aprofundamento no contexto de origem e formação populacional da Ilha da Canabrava.

A realização da pesquisa tendo como base teórica o Guia metodológico do Inventário da Realidade para as escolas do campo (CALDART et al. 2016), é uma proposta bastante complexa, demandando um tempo considerável para sua realização, ou seja, para o levantamento das informações da comunidade pesquisada. Tal metodologia impulsionou-nos adentrar no chão da comunidade, desenvolvendo um olhar atento e cauteloso, a querer saber cada vez mais das memórias, dos guardados que aquela população preservava em suas lembranças. Ou seja, descortinar os pequenos detalhes da vida cultural de um povo que escolheu viver as margens do Rio São Francisco. Uns chegando de outros estados do Brasil, de outros municípios baianos, de comunidades quilombolas, e da própria cidade de Bom Jesus da Lapa.

Como já mencionamos anteriormente, o tempo destinado a pesquisa, não permitiu esse avanço para melhor conhecer a Ilha da Canabrava e seus encantos. Assim, foi necessário fazer um recorte das orientações do guia metodológico, priorizando alguns Blocos Temáticos, relevantes para este primeiro momento.

O desenho planejado para o levantamento das informações da comunidade, para constar no inventário da realidade, que deu conta do objetivo da pesquisa, apresentou-se da seguinte maneira: relatos das memórias afetivas e dados atuais (2022).

Era inevitável contextualizar os dias atuais da comunidade, sem criar uma ponte com suas memórias, buscando conhecer o surgimento da Ilha da Canabrava. Justificando assim, o cuidado com as Rodas de Conversa, pois, a prosa se deu com pessoas ilustres e mais antigas do local. São os guardiões das lembranças e memórias, de uma época que não mais existe na comunidade. E agora é só saudade!

Nesses momentos de prosa, os participantes consideraram a pesquisa plausível, por está registrando a história da comunidade que servirá as gerações futuras contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural dos ribeirinhos, conhecendo os fatos, os acontecimentos, as lutas, as dificuldades, os desafios, as alegrias, a organização coletiva, as manifestações e tradições de outros tempos. Construir este inventário para a comunidade, é valorizar o Patrimônio Imaterial desconhecido, até então, por muitos moradores.

Neste sentido, a partir das memórias, elaboramos a primeira parte do inventário, intitulado “Relatos das memórias afetivas da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava - Vozes ribeirinhas: lembranças do meu lugar”. O grupo externou muitas lembranças desde quando chegaram a ilha, principalmente das Festas Religiosas – existiam muitos festejos de vários santos na comunidade, sendo a maior recordação. Sinalizando também, as inúmeras dificuldades com o plantio (colheita e escoamento dos produtos), meio de transportes e comunicação, assistência da saúde e as grandes enchentes. E claro, o aspecto comum entre as Rodas de Conversa, foi sobre o desenvolvimento da Educação Escolar na comunidade. Todos estes relatos constam no inventário da realidade, no Apêndice, deste texto.

A segunda parte do inventário, intitulado de “Contexto atual da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava”, foi construído através da participação de outros colaboradores da comunidade (alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, da Escola Jonas Rodrigues; Pescadores; Lavradores e Agente de Saúde), mediante um

questionário.

Por meio do questionário, foi possível levantar inúmeras informações e dados da comunidade em vários aspectos: ambiental, social, educacional, tradições culturais, saneamento básico, produção de renda, assistência à saúde, consequências da pandemia (Covid-19), implicações ocasionadas pela enchente (2022), atividades de crianças e jovens da comunidade. Todos estes dados, constam também, no inventário da realidade.

O grupo selecionado para contribuir através da aplicação do questionário, teve a abstenção de alguns participantes, sem justificativa. Como o contato para convidar este grupo foi pelo aplicativo *WhatsApp*, não obtivemos retorno de alguns convidados. Nem por isso, a pesquisa ficou comprometida, mesmo ficando alguns dados sem aprofundamento, a exemplo da saúde da comunidade.

Necessitaria de um tempo maior para colher as informações precisas e analisar documentos/registros que demonstram a realidade da saúde da comunidade, por faixa etária e os serviços que a população recebe mediante planejamento da gestão municipal de Bom Jesus da Lapa.

Durante toda a escrita e desenvolvimento da pesquisa, evidenciamos a relevância do inventário da realidade como um produto complementar, senão, o único, até o momento, a ser capaz de reunir dados históricos e atuais da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, resguardando relatos, memórias e lembranças de um coletivo que se espelha na ancestralidade do seu povo, e nestes, buscam forças para resistir e lutar por direitos negados por uma conjuntura política do negacionismo. Relatos deixaram óbvio as vontades e desejos da comunidade: que os políticos cuidassem de seu povo; e que as tradições culturais da ilha, pudessem voltar, para alegrar e unir, novamente as pessoas.

O que a população da ilha, almeja, nada mais é, Políticas Públicas para os Ribeirinhos. Políticas, decorrentes de ações e programas, oriundas de todas as esferas governamentais (federal, estadual, municipal), provendo assim, o bem estar da comunidade. Pois, em vários momentos das conversas com os sujeitos da pesquisa, a frase que surgia era: “A ilha está esquecida”! E neste momento, refletíamos a importância do inventário da realidade, como um instrumento de luta da comunidade.

E a segunda relevância deste inventário da realidade, é a contribuição que trará a escola Jonas Rodrigues, inserida na comunidade. Um dos objetivos da pesquisa é

ofertar a unidade escolar, uma cópia deste documento, somando assim, as práticas pedagógicas, favorecendo uma educação escolar contextualizada, mediante um registro levantado com a participação dos moradores da ilha.

A pesquisa de campo, despertou-nos para outro objetivo, não sinalizado no texto. Além, de socializar o produto final desta investigação para a comunidade Ilha da Canabrava, buscar também, outros espaços para socializar no município de Bom Jesus da Lapa. A exemplo da Semed, analisando a oportunidade de apresentar em Jornadas e Formações Pedagógicas. A Educação do Campo do nosso município, precisa ser construída a partir dos seus protagonistas e esta ferramenta, que é o inventário pode contribuir significativamente.

Vale ressaltar, que a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII – Bom Jesus da Lapa, tomou conhecimento desta pesquisa através de uma docente do Campus, o qual me fez o convite, para apresentar na instituição, logo após a defesa, justificando a importância desta pesquisa para valorização da Ilha da Canabrava, que tanto contribui para o desenvolvimento econômico e cultural do município, através da comercialização dos produtos oriundos da Agricultura Familiar.

É desta maneira que visualizamos este inventário da realidade, ocupando vários espaços da sociedade e refletindo sobre a Educação do Campo, e em particular, a vida dos ribeirinhos do nosso município, que não se limite somente a Ilha da Canabrava. O município de Bom Jesus da Lapa, é formado por tantas outras ilhas, no curso do Rio São Francisco (Ilha do Fogo, Ilha da Banca do Jogo, Ilha da Mariquinha, Ilha do Medo), guardando também suas histórias, de luta, resistência e resiliência. No entanto, a Ilha da Canabrava, é a única a possuir uma escola.

Pensar, estruturar e desenvolver esta pesquisa, permeou um campo de grandes desafios e muitas surpresas. Tive receio e medo de adentrar o mundo interior da comunidade. Pois, a pesquisa provocaria, ou seja, provocou o despertar de várias emoções, lembranças e memórias, até atingir o objetivo geral. E muitas destas surpresas que enriqueceram o caminho desta pesquisa, necessitaria de uma investigação mais apurada.

Neste aspecto, acreditamos que as ponderações apresentadas durante a escrita deste trabalho, incentive a sua continuidade, e que a escola Jonas Rodrigues, assuma esta responsabilidade com o coletivo da comunidade, buscando investigar detalhadamente a ilha como um todo, nos aspectos sociais, ambientais, culturais, econômicos e políticos, fechando as lacunas deixadas por esta pesquisa piloto, que

abarcou uma parte da comunidade Ilha da Canabrava.

E quando se trata de construir o inventário da realidade de uma comunidade, a finalidade é atingir todo o território pesquisado, investigando minuciosamente os aspectos culturais de um determinado grupo social, por isso, este levantamento demanda tempo e mais pessoas envolvidas.

Por enquanto, “entre caminhos cheios de pedras e águas”, esta primeira etapa da pesquisa é concluída com a certeza que atingiu seu objetivo geral e específico, e a partir de então, que a Escola Jonas Rodrigues e a comunidade da ilha da Canabrava - como propunha a metodologia da construção do inventário da realidade da comunidade, possa assumir o compromisso da continuidade desta escrita.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. 1999. Disponível: <<https://docplayer.com.br/104853-O-metodo-nas-ciencias-naturais-e-sociais.html>>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- ALVES, Fernando Donizete; ZANOTTO, Luana. **A função social da escola e a educação do campo**: uma proposta humanizadora. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 11, n. 22, p. 133-144, jan./abr. 2019. Disponível: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5581>>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- ALVES, Whendelly Lorena Leite. **Da realidade ao inventário**: a construção coletiva do inventário da realidade na educação do campo. Dissertação (Mestrado em Ensino da Matemática) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2020. Disponível: <[https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5052/7/LD\\_PPGMAT\\_M\\_Alves%2C%20Whendelly%20Lorena%20Leite\\_2020.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5052/7/LD_PPGMAT_M_Alves%2C%20Whendelly%20Lorena%20Leite_2020.pdf)>. Acesso em: 07 ago.2022
- AMARO Ana; PÓVOA Andreia; MACEDO Lucia. **A arte de fazer questionário**. Disponível: <<<https://s.educacaoadventista.org.br/escola/arquivos/XJegfN86bKzQzkYk8v4v8YygDjOSQ9QjJUYAnFyl.pdf>>>. Acesso em: 07 ago. 2022
- ARROYO, Miguel Gonzales; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo,1999. Coleção por uma Educação Básica do Campo, nº 2.
- \_\_\_\_\_. **Política de formação de educadores (as) do campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jL4tKcDNvCggFcg6sLYJhwG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- BAHIA. **Decreto nº 12.354 de 25 de agosto de 2010**. Institui o Programa Territórios de Identidade e dá outras providências. Disponível: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1024959/decreto-12354-10>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- BOM JESUS DA LAPA. **Decreto nº 026 de 15 de fevereiro de 2018**. Dispõe sobre a nucleação de unidades escolares localizadas na sede e no interior do município de Bom Jesus da Lapa e dá outras providências.
- BONFIM, Elizabeth de Melo. **O homem no vale do São Francisco**: um legado de Donald Pierson às ciências humanas e sociais no Brasil. Universidade Federal de São João Del Rei. Psicologia & Sociedade; 18 (1): 81-85; jan/abr. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/dVWcZybF5gVfgFswTjFv8kr/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: Educar para transformar**. Instituto Paulo Freire (São Paulo, SP). Editora: Fundação Banco do Brasil; Mercad Cultural, 2005. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Paulo\\_Freire.html?id=V-HjAQAACAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Paulo_Freire.html?id=V-HjAQAACAAJ&redir_esc=y)>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. **Referências para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telma Maria Moreira, Clarice Aparecida dos Santos. – Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004. 48 p.

BUENO, Miriam Aparecida. **Atlas escolar municipal de Bom Jesus da Lapa**. Miriam Aparecida Bueno, Valney Dias Rigonato (orgs.). Goiânia: Editora C&A Alfa Comunicação, 2015.

CALDART. Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. Brasília, DF: articulação nacional Por uma Educação do Campo, 2002. Coleção por uma Educação do Campo, número 4.

\_\_\_\_\_. **A Escola do Campo em Movimento**. Currículo sem Fronteiras. v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003. Disponível em: <[http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-1/Educacao-MII/3SF/A\\_ESCOLA\\_DO\\_CAMPO\\_EM\\_MOVIMENTO.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-1/Educacao-MII/3SF/A_ESCOLA_DO_CAMPO_EM_MOVIMENTO.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2022.

\_\_\_\_\_ et al. Dicionário da Educação do Campo. **Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão



Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação do Campo:** notas para uma análise de percurso. 2009. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

\_\_\_\_\_ et al. **Inventário da realidade:** guia metodológico para uso nas escolas do campo. Veranópolis: Instituto de Educação Josué de Castro, 2016. Disponível: <http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Inventario-da-Realidade-Guia-Metodologico-para-uso-escolas-do-campo-Jul16-2-1.pdf> >. Acesso em: 07 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo.** Ano 2 / Número 2 / 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/3644/3444>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

COELHO, Maria Auxiliadora dos Santos; SOUZA, Josenildo Santos. **A prática pedagógica para a diversidade cultural na escola do campo ribeirinha.** Nova Revista Amazônica, Vol. VII, Nº 02, setembro/2019. ISSN: 2318-1346 Disponível: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/7510/5671>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DAVI, Tripp. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em: 09 de jul. 2016.

DEIRÓ, Fernandes Fontes; OLIVEIRA, Lana Santos. **Ser-tão do Velho Chico:** Construção de narrativas sobre a identidade e a cultura dos sertanejos no Vale do São Francisco. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1898-1.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo (2002). Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 out. 2021.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. **Diário de Campo:** um instrumento de reflexão. Disponível: <[encurtador.com.br/gDHK7](http://encurtador.com.br/gDHK7)>. Acesso em: 13 out. 2021.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo.** 1999. Disponível: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).** Dicionário da

Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A Escola Única do Trabalho**: explorando os caminhos de sua construção. Caderno: Caminhos para a transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **Escola Única do Trabalho**. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1989. Disponível: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível: <<http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/lobelia.faceira/ensino/programa-de-pos-graduacao-em-memoria-social/seminario-de-pesquisa-doutorado-memoria-social/textos/goldenberg-a-arte-de-pesquisar/view>>. Acesso em: 13 out. 2021.

HADDAD, Sérgio. **Direito à Educação**. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes. Petrópolis, 2000. Disponível: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnpXZGVudGlyYWRlcG9zfGd4OjU3Mzc2MGJiOTUwODQwNTM>>. Acesso em: 23 out. 2021.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Inventário cultural do Rio São Francisco**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <[https://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/8/Inventario%20Cultural%20do%20Sao%20Francisco.pdf](https://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/8/Inventario%20Cultural%20do%20Sao%20Francisco.pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2021.

INVENTÁRIO da realidade: **as experiências das escolas do campo no Distrito Federal**. I Encontro formativo - PIBID 2020. Subprojeto Formação docente e

Educação do Campo. 1 vídeo (02h03min50s). Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=qSQkMRqD0B8>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

KOCIR, Lucas (Pe.). **Bom Jesus da Lapa V / Maravilhas do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Poemas, cânticos e Benditos em louvor ao Senhor Bom Jesus da Lapa.** Gráfica Bom Jesus, 1987.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI Paulo Ricardo; osfs e CALDART, Roseli Salete (org.). **Por uma Educação do campo:** Declaração 2002. Brasília, DF: articulação nacional por uma Educação do Campo, 2002. Coleção por uma Educação do Campo, nº 4. Disponível:  
<<http://www.forumeja.org.br/ec/files/Vol%204%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20do%20Campo.pdf>>. Acesso em: 07ago.2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Jorge “Zahar”. Ed.2001. Disponível em:  
< <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/875>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

LIMA, M. A. R. de; GUSMÃO ANDRADE, E. dos R. **Os ribeirinhos e sua relação com os saberes.** Revista Educação em Questão, [S. l.], v. 38, n. 24, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4027>>. Acesso em: 29 set. 2021.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia:** organização sociocultural e política. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016. Disponível:  
<<https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/593/678>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MANZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa.** Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, 2012. Disponível em:  
<[https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino\\_2012\\_1/ELABORACAO\\_QUESTIONARIOS\\_PESQUISA\\_QUANTITATIVA.pdf](https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MAPA. **Localização de Bom Jesus da Lapa na Bahia.** Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bom\\_Jesus\\_da\\_Lapa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bom_Jesus_da_Lapa)> Acesso em: 07 ago. 2022.

MELO, Waisenhowerk Vieira de; BIANCHI, Cristina dos Santos. **Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa.** 2015. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1946>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

**MEMÓRIA dos 20 anos da Educação do Campo e do PRONERA.** Brasília. Universidade de Brasília; Cidade Gráfica. 2018. Disponível em:  
<[https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/Memoria-dos-20-anos-da-educacao-do-campo-e-do-PRONERA\\_16.04.2021.-1.pdf](https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/Memoria-dos-20-anos-da-educacao-do-campo-e-do-PRONERA_16.04.2021.-1.pdf)>. Acesso em: 09 dez. 2021.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu. **Avanços e desafios na construção da educação do campo.** 2011. Disponível em:

<<https://seminarionacionallecampo2015.files.wordpress.com/2015/09/avanc3a7os-e-desafios-na-construc3a7c3a3o-da-educac3a7c3a3o-do-campo.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura** / [Antônio Flávio Barbosa Moreira, Vera Maria Candau]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/texto\\_capa03.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/texto_capa03.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2022.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível.** (2014). Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

MUNARIM, Antônio. **Educação do Campo no cenário das políticas públicas na primeira década do século 21\***. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 51-63, abr. 2011. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3074/2809>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

PACHÊCO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira; MOREIRA, Telma Maria; SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Coordenação). **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios.** Brasília: Secretária de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

RIEDEL, Augusto. **Imagem antiga do morro de Bom Jesus da Lapa.** (1868) Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>> Acesso em: 07 ago. 2022.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio histórico, memória, história e construção de Saberes.** XXIII Simpósio Nacional de História. Natal – RN, julho de 2013.

SACHS, Línlya. **Potencialidades do inventário da realidade para escola do campo em áreas de reforma agrária.** Hipátia – Revista Brasileira de História, Educação e Matemática, v. 4, n. 1, p. 38-47, jun. 2019. Disponível em: <<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/hipatia/article/view/1089/805>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Clarice Aparecida dos et al (org.). **Dossiê educação do campo: documentos 1988 – 2018.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: <[https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/Dossie\\_Educacao\\_do\\_Campo\\_Ebook-1.pdf](https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/Dossie_Educacao_do_Campo_Ebook-1.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SANTOS, Jenijunio dos. **Licenciatura em educação do campo e território ribeirinho**: desafios e potencialidades na formação de educadores para a resistência na Amazônia. 2020. 236 f., il. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38895>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767487/mod\\_resource/content/1/O%20que%20%C3%A9%20Cultura%20-%20Jose%20Luiz%20dos%20Santos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767487/mod_resource/content/1/O%20que%20%C3%A9%20Cultura%20-%20Jose%20Luiz%20dos%20Santos.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SEGURA, Turíbio Villanova. (Padre). **Bom Jesus da Lapa - resenha histórica**. 6ª Ed., São Paulo: Gráfica da Ave Maria, 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEMED). **Referencial Curricular de Bom Jesus da Lapa**. Bom Jesus da Lapa, 2020.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p. Disponível em: <<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

SILVA, Giuslane Francisca da Silva. (Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva**). Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/50076956-Halbwachs-maurice-a-memoria-coletiva-traducao-de-beatriz-sidou-2a-ed-sao-paulo-centauro-2013.html>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SILVA, Cícero da Silva; VARGAS, Maria Augusta da. **Travessias e itinerários que fazem o “ser” ribeirinho sertanejo no baixo rio São Francisco. (2020)** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/1982-5153.2020v35n74p375>>. Acesso em: 22 de nov. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SOUZA, Suzana Grazielle de. **Rio São Francisco**: vínculos territoriais, identidades e territorialidades. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária GT 2 – Comunidades tradicionais na luta por territórios. Curitiba, 1 a 5 de novembro de 2017. Disponível em: <[https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt02\\_1506784361\\_arquivo\\_artigoan\\_gelasinga-2017.pdf](https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt02_1506784361_arquivo_artigoan_gelasinga-2017.pdf)>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular** / Shirley Pimentel de Souza. – 2015.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; JUNIOR, Cláudio de Lira Santos; ESCOBAR, Micheli Ortega (org.). Coordenação Adriana D'Agostini, Erika Suruagy Assis de Figueiredo, Mauro Tilton. **Cadernos didáticos sobre educação no campo** – Universidade Federal da Bahia. Salvador: Editora, 2010.

TARDIM, José Maria. **Cultura camponesa**. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

TEIXEIRA, Sérgio Luiz. **Inventário da realidade: saberes, fazeres e sujeitos campesinos em prosas e rimas**. (2020). Disponível: <<https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32951>>. Acesso em: 12 nov. 2021.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_ depois de  
conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios  
da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou  
depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),  
AUTORIZO, através do presente termo, da pesquisadora **Silvia Leticia Santos  
Figueirêdo**, com a orientação da **Profª Drª Débora Alves Feitosa**, no projeto de  
pesquisa intitulado “**VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM**”: Inventário da Realidade da  
Comunidade Ilha da Canabrava no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia, a realizar  
as fotos, utilizar meus depoimentos e relatos sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes, ao mesmo tempo, libero a utilização de meus depoimentos para  
fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da  
pesquisa, acima especificada.

Bom Jesus da Lapa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura do entrevistado/a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANEXO B – Questionário 01 (*on-line*): dados gerais da comunidade

Pesquisa: “**VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM**”: Inventário da Realidade da Comunidade Ilha da Canabrava no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia

**PESQUISADORA:** Sílvia Leticia Santos Figueirêdo

**Questionário 01 (On-line): dados gerais da comunidade**

<b>IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO OU ENTREVISTADA</b>
NOME: IDADE: NATURALIDADE: FORMAÇÃO/ ESCOLARIZAÇÃO: QUANTAS PESSOAS MORAM EM SUA CASA? QUAL A RELIGIÃO DE SUA FAMÍLIA?
<b>BLOCO 1: RECURSOS NATURAIS: (RE)CONHECENDO A BIODIVERSIDADE</b>
- COMO É A VEGETAÇÃO NATURAL? QUE PLANTAS NATIVAS/ESPONTÂNEAS ESTÃO PRESENTES. CITE O NOME DE ALGUMAS PLANTAS QUE FAZEM PARTE DA VEGETAÇÃO DA ILHA. - QUE ANIMAIS EXISTEM NO LUGAR: NATIVOS E DOMÉSTICOS.
<b>BLOCO 2: PESSOAS / FAMÍLIAS QUE COMPÕEM A COMUNIDADE DA ESCOLA: CARACTERÍSTICAS DE CONSTITUIÇÃO, ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS</b>
- COMO É O ACESSO A LUZ ELÉTRICA, SANEAMENTO, ÁGUA, DA FAMÍLIA?



- QUAIS OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DE ACESSO ÀS INFORMAÇÕES QUE SÃO UTILIZADOS PELA FAMÍLIA?
  - HÁ USO DE INTERNET, NA FAMÍLIA, PARA QUE FINALIDADE E COM QUE REGULARIDADE?
  - QUAIS OS MEIOS DE TRANSPORTE MAIS USADOS PELA FAMÍLIA?
  - RELATE UM POUCO SOBRE AS ATIVIDADES DE LAZER QUE SÃO REALIZADAS COLETIVAMENTE OU POR DETERMINADOS GRUPOS, NA COMUNIDADE DA ILHA. E SUA FAMÍLIA PARTICIPA DE ALGUM MOMENTO DESSES DE LAZER? QUAIS?
  - HÁ FESTAS TRADICIONAIS QUE SE REALIZAM NA COMUNIDADE? QUE DATAS COSTUMAM SER CELEBRADAS? E SUA FAMÍLIA PARTICIPA DE ALGUMAS? CITE-AS.
  - QUE IGREJAS/RELIGIÕES ATUAM NA COMUNIDADE E QUE PRÁTICAS DESENVOLVEM COM AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE?
  - QUAIS OS PROBLEMAS DE SAÚDE MAIS COMUNS ENTRE AS FAMÍLIAS E COMO COSTUMAM SER TRATADOS?
- COMO É O ATENDIMENTO DE SAÚDE? HÁ INICIATIVAS DE TRATAMENTOS ALTERNATIVOS, QUAIS E COMO É SUA RECEPTIVIDADE PELAS FAMÍLIAS? EXISTE POSTO DE SAÚDE NA COMUNIDADE OU PRÓXIMO?

#### **BLOCO 2.1: ATIVIDADES ECONÔMICAS / RENDA FAMILIAR**

- O QUE SUA FAMÍLIA PRODUZ NA CULTURAL AGRÍCOLA? HOTALIÇAS, PLANTIO DE FRUTAS, PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CASA DE FARINHA, OUTROS.
- FALE UM POUCO SOBRE A PESCA E A RELAÇÃO COM A RENDA DA SUA FAMÍLIA. É UMA ATIVIDADE COMERCIAL (OS PEIXES SÃO VENDIDOS) OU SOMENTE PARA AJUDAR NA ALIMENTAÇÃO?
- DE FORMA GERAL, EXISTEM NA COMUNIDADE ESPAÇOS COMERCIAIS, COMO: MERCADOS, BARES, LANCHONETES, SORVETERIA, OUTROS... SENDO SIM, INFORME EM QUAL PARTE DA ILHA ENCONTRAMOS ESTES PONTOS COMERCIAIS.

Adaptado do guia metodológico para uso nas escolas do campo, na construção do Inventário da Realidade. (CALDART et al. 2016).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANEXO C - Questionário 02 (*on-line*): contexto educacional

<b>IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO OU ENTREVISTADA</b>
NOME:
IDADE
FORMAÇÃO/ ESCOLARIZAÇÃO:

<b>BLOCO 6: ESCOLA: ESTRUTURA FÍSICA, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E ASPECTOS CURRICULARES</b>
<p>- QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE INFRA-ESTRUTURA DA ESCOLA: SALAS DE AULA, BIBLIOTECA, EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS, ACESSO A LUZ ELÉTRICA, ÁGUA, SANEAMENTO, INTERNET, LOCAL PARA PRÁTICA DE ESPORTES, ...</p> <p>- QUEM SÃO OS EDUCADORES: DE ONDE VÊM, QUAL A FORMAÇÃO, QUAL O REGIME DE TRABALHO, SE HÁ ROTATIVIDADE...</p> <p>- QUEM SÃO OS ESTUDANTES?</p> <p>- HÁ FORMAS DE INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE? QUAIS?</p> <p>- QUAL A REFERÊNCIA SEGUIDA PELA ESCOLA NA SELEÇÃO DE CONTEÚDOS DE ENSINO? QUEM DECIDE SOBRE O QUE ENSINAR? EM QUE FORMA OS CONTEÚDOS SÃO TRABALHADOS: POR DISCIPLINA, POR ÁREA, COM ALGUMA FORMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE AS DISCIPLINAS OU ÁREAS? HÁ USO DE LIVROS DIDÁTICOS PELOS PROFESSORES E ESTUDANTES?</p> <p>- HÁ PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA ESCOLA? QUEM FAZ? QUAIS OS NÍVEIS DE PLANEJAMENTO QUE EXISTEM?</p>

Adaptado do guia metodológico para uso nas escolas do campo, na construção do Inventário da Realidade. (CALDART et al. 2016).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ANEXO D - Questionário 03 (presencial): atividades de crianças e jovens, quando não estão na escola

<b>IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO OU ENTREVISTADA</b>
NOME:
IDADE:

<b>BLOCO 7: O QUE FAZEM AS CRIANÇAS E JOVENS NO TEMPO EM QUE NÃO ESTÃO NA ESCOLA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES PRODUTIVAS FAMILIARES OU COMUNITÁRIAS.</li> <li>- PARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS DOMÉSTICOS (QUAIS ATIVIDADES EM QUANTO TEMPO DIÁRIO MÉDIO?)</li> <li>- PARTICIPAÇÃO EM JOGOS E BRINCADEIRAS (QUAIS ATIVIDADES, INDIVIDUAIS E COLETIVAS, EM QUE TEMPO:DIÁRIO OU SEMANAL?)</li> </ul>

Fonte: Adaptado do guia metodológico para uso nas escolas do campo, na construção do Inventário da Realidade. (CALDART et al. 2016).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANEXO E - Questionário 04 (*on-line*). Fenômenos da natureza: enchente de 2022

<b>IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO OU ENTREVISTADA</b>
NOME:
IDADE:
FORMAÇÃO/ ESCOLARIZAÇÃO:

<b>FENÔMENOS DA NATUREZA</b>
- COMENTE OS IMPACTOS OCACIONADOS PELA ENCHENTE DO RIO SÃO FRANCISCO, EM 2022, PARA A POPULAÇÃO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA.
- QUAIS AS EXPECTATIVAS, PARA O PÓS ENCHENTE? CONTEXTUALIZAR ESTE RECOMEÇO DA COMUNIDADE.

Fonte: Adaptado do guia metodológico para uso nas escolas do campo, na construção do Inventário da Realidade. (CALDART et al. 2016).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

APÊNDICE A - O inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava

# VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM



## INVENTÁRIO DA REALIDADE DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA



SILVIA LETÍCIA SANTOS FIGUEIRÊDO  
DÉBORA ALVES FEITOSA

A descrição do processo de construção deste inventário, está no texto da dissertação **“VIDAS RIBEIRINHAS IMPORTAM”**: Inventário da realidade da Comunidade Ilha da Canabrava no município de Bom Jesus da Lapa- Bahia, de Silvia Letícia Santos Figueirêdo.

## Homenagem ao Sr. Argemiro



Esta singela homenagem ao seu **Argemiro José da Costa**, se deve pelo fato de sua participação histórica para o desenvolvimento da Ilha da Canabrava reconhecida por toda a comunidade, destarte, dedico este inventário a ele, que se entre nós estivesse, participaria da construção deste documento, com toda alegria. A ele nosso imenso obrigado, que em vida, nunca mediu esforços para lutar com e para a comunidade, em busca de dias melhores.

O Sr. Argemiro José da Costa, filho do senhor João neto da Costa e da Dona Ana Elias, nasceu no dia 15 de março de 1952, na cidade de Santa Mariana estado do Paraná, Brasil. Faleceu no dia 12 de julho de 2018, na cidade de Goiânia, estado de Goiás, onde realizava tratamento médico.

Morou na comunidade Ilha da Canabrava por 25 anos, chegando a estas terras em 1996 aos 39 anos de idade. Juntamente com seu Argemiro, vieram morar na ilha cerca de 17 famílias.

Cuidava de gados e fazia entrega de produtos naturais para o projeto, "Produção de Aquisição de Alimentos - PAA, que fazia parceria com a Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Ilha da Canabrava.

Ele era muito feliz com o modo de trabalho que praticava, pois, desde pequeno era apaixonado pela natureza. E era casado com a Dona Maria do Socorro Lima da Costa.

O seu Argemiro, tendo sua profissão como lavrador, sempre gostou de participar de projetos que ajudasse a gerar empregos para a comunidade local. Foi tesoureiro, organizador e também um dos sócios da associação da ilha. Fazia este trabalho com muita dedicação, porque sabia que iria trazer recursos para a comunidade.

Ele tinha uma linda relação com a sua fé, frequentava a igreja São João Batista como coordenador geral, Evangelista e Catequista, e ainda organizava os encontros de oração, reuniões e demais ações, com outras representações da comunidade.

Seu Argemiro se relacionava muito bem com a Escola Municipal Jonas Rodrigues. Era participativo nas ações da escola: apresentações culturais, reuniões diversas, palestrava, entre outras atividades.

A escola da ilha foi muito importante para seu Argemiro, porque foi nela que muitos dos seus filhos e netos estudaram.

Juntamente a comunidade, implantou muitos benefícios para a comunidade como por exemplo, as Cisternas de Água (captação da água da chuva) e a Energia Elétrica.

Um dos pontos mais bonitos da vida do senhor Argemiro na comunidade Ilha da Canabrava, era a perseverança e a esperança que ele colocava em tudo que fazia e realizava. Respeitava as pessoas do jeito que elas eram, na religião que seguiam, nas suas crenças. Não era preconceituoso, nem racista.



Ele deixou um legado: “ser participativo na sociedade e ajudar cada vez mais no desempenho dos projetos da comunidade”, é uma condição relevante para a prosperidade da população.

Seu Argemiro, exemplo de Vida Bela.

(Esta pequena biografia sobre seu Argemiro José da Costa, foi solicitado pela pesquisadora, Silvia Letícia Santos Figueirêdo, à família, tendo como escriba responsável, sua neta Juliana da Silva Costa, na época com 13 anos de idade e aluna da Escola Municipal Jonas Rodrigues)



# SUMÁRIO

<b>I - APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>II - RELATOS DAS MEMÓRIAS AFETIVAS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA.....</b>	<b>7</b>
<b>III - CONTEXTO ATUAL DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA.....</b>	<b>29</b>
3.1 Aspectos dos recursos naturais: (re) conhecendo a biodiversidade.....	31
3.2 Aspectos das tradições culturais: festejos santos e comemorações.....	34
3.3 Aspectos do lazer e entretenimento: atividades tradicionais da comunidade.....	35
3.4 Aspectos religiosos: atividades realizadas na comunidade.....	37
3.5 Aspectos do contexto educacional: organização escolar.....	37
3.6 Aspectos da rotina de crianças e jovens: atividades que fazem quando não estão na escola.....	40
3.7 Aspectos da comunicação e informação: acesso as tecnologias da informação e comunicação.....	41
3.8 Aspectos do saneamento básico: serviços que atendem a comunidade.....	41
3.9 Aspectos da saúde pública: assistência e qualidade de vida.....	42
3.10 Aspectos das atividades econômicas: renda familiar.....	43
3.11 Aspectos fenômenos da natureza: as implicações da enchente do Rio São Francisco em 2022.....	45
3.12 Aspectos do empoderamento feminino: o protagonismo da mulher nas diversas atividades desenvolvidas na comunidade.....	47
3.13 Aspectos do percurso histórico: transformações no território - divisão de terras e seus cercados.....	48
<b>IV - ALGUMAS PONDERAÇÕES.....</b>	<b>49</b>
<b>FONTES DAS IMAGENS.....</b>	<b>50</b>
<b>SOBRE A DIAGRAMAÇÃO.....</b>	<b>50</b>

## I. APRESENTAÇÃO

Construir este inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava, com os protagonistas da própria localidade, é a realização de um sonho, pois, desde quando pisei neste chão ribeirinho como professora, fiquei fascinada pela cultura produzida pela sua população.

Em vários momentos de prosa com meus alunos e moradores da ilha, aos poucos queria entender mais e mais os mistérios que envolviam a comunidade. Contagiando-me dia a dia!

Óbvio que me identifiquei com a comunidade, porque, também sou ribeirinha. Minha vida desde a infância era subir e descer o rio, em companhia da minha família. Morei certo tempo na Ilha do Fogo, enquanto menina pequena. Mas, a Ilha da Canabrava conheci recentemente, há 9 anos.

O fascínio que tenho pelo rio São Francisco e o respeito pelas pessoas que moram no campo, nesse caso, ribeirinhos, impulsionou-me, a contar a história de vida da comunidade Ilha da Canabrava. Registrar seus saberes, organização coletiva, manifestações e tradições culturais, costumes, conhecimentos da lida com o plantio e pesca, vida social, e claro, dificuldades e preocupações que acometem esta população, passou a ser uma missão para mim.

A comunidade Ilha da Canabrava é bastante conhecida no município de Bom Jesus da Lapa, pela comercialização de seus produtos oriundos da Agricultura Familiar, que abastece o Mercado Municipal Dona Firmina.

Sua valorização não decorre somente nesta área. Além do nosso município, muitas comunidades e cidades vizinhas, a reconhece também, como uma comunidade que realizavam inúmeros festejos santos, e infelizmente, foi se perdendo.

Neste sentido, segui minha caminhada enquanto professora, buscando uma oportunidade para contribuir com a comunidade, na preservação de sua história, de suas vivências, lutas e conquistas.

Eis que surge a oportunidade do Mestrado em Educação do Campo, alimentando minhas expectativas de construir um documento que registrasse “As histórias da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava.”

Dialogando bastante com minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Alves Feitosa, decidimos pela construção do “inventário da realidade”, documento este, que metodologicamente, oferece orientações mais ampla, no sentido de levantar informações a respeito da realidade das comunidades camponesas.

Desafio enfrentado! A comunidade recebeu com entusiasmo a proposta da pesquisa, e se prontificou a ajudar, no que fosse preciso. E assim, caminhamos!

Seguimos cada etapa determinada no projeto de pesquisa, para assim, viabilizarmos a construção do inventário.

Vale ressaltar, que se tivéssemos tido um tempo maior para realizar a pesquisa, iríamos descortinar ainda mais, inúmeras informações, relatos e memórias da comunidade. Mesmo assim, o fruto desta pesquisa, que é o inventário, não perdeu sua beleza e objetividade.

O inventário da realidade da comunidade Ilha da Canabrava está estruturado em duas partes.

A primeira, intitulado “Relatos das memórias afetivas da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava - Vozes ribeirinhas: lembranças do meu lugar!” foi pensada com o objetivo de ouvir pessoas com mais idade, e guardiãs de memórias históricas sobre a origem e formação da comunidade.

Seria um equívoco não assegurar este espaço dentro do inventário. Claro que o inventário tem o compromisso de levantar informações da realidade, então, que possamos refletir “as realidades de outros tempos” e confrontar “as realidades atuais”, produzidas pela população ribeirinha. E nesse movimento, identificamos um ponto preocupante, pois, muito do que fora construído culturalmente, já se perdeu.

E as pessoas mais antigas da comunidade, sentem com saudades o tempo vivido, e justifica, ser o desinteresse dos jovens em não continuar e preservar a memória cultural deixada por eles e seus ancestrais, e também pelo fato de muitas pessoas deixarem de ser católicas/os e passarem a Evangélicas/os.

Nesta primeira parte, teremos relatos de conquistas, vitórias, ganhos, perdas, ou seja, é o desenvolvimento que chega para a Ilha da Canabrava, a partir da braveza, resistência e resiliência da coletividade de outrora.

Cada história que os convidados trazem em suas lembranças e memórias, a partir de agora, está resguardada neste documento. É o povo contando a sua própria história. Suas riquezas transformadas em Patrimônio Imaterial.

Lembro-me de uma certa feita, quando na casa de seu Mariovaldo, morador da ilha, ele externou a vontade de ver a história da ilha ser contada. E o desejo dele juntou-se com o meu sonho. E ele (Mariovaldo), claro, faz parte desta pesquisa, tendo suas memórias registradas neste inventário.

Já a segunda parte, intitulado “Contexto atual da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava”, que agrega este documento, tem o objetivo de levantar informações mais atuais da comunidade. Resumindo, é o espelho que reflete a situação vivida pela população no contexto de 2022. E para colher estes dados, vários questionários foram elaborados, tendo vista a temática e os colaboradores da comunidade. Este momento aconteceu de forma on-line, através do aplicativo de whatsapp.

Mediante estes questionários foi possível apontar dados e informações, sobre: biodiversidade da localidade, aspectos sociais e culturais, acesso a políticas públicas, atividades econômicas (renda familiar), contexto educacional da comunidade, lazer, atividades das crianças e jovens, fenômenos da natureza (enchente de 2022), atendimento à saúde, e outras situações que acometem o povo da ilha. Para cada grupo de participantes, foram destinados questionários condizentes com temáticas, idades e função que desenvolve.

De forma geral, o resultado deste levantamento para compor este inventário, além de apresentar informações riquíssimas da comunidade, trouxe também dados preocupantes e situações críticas que os moradores estão passando. Principalmente em relação a saúde e educação escolar. Ambos, esquecidos pela gestão municipal!

Outro elemento bastante citado, tanto nas Rodas de Conversa, quanto nos Questionários, é a questão da inexistência de uma organização sólida da comunidade para buscar melhorias para seu povo. Em vários momentos, escutamos ou lemos a seguinte frase: “A comunidade precisa se unir”!

Percebe-se que a comunidade da Ilha da Canabrava vem perdendo o movimento de luta, pela falta de união entre as pessoas. Ressaltando que antigamente, a comunidade vivia em harmonia, numa coletividade sadia e organizada em prol da qualidade de vida de todos seus moradores. Desejamos que esta união reestabeleça entre as pessoas e que eles possam lutar por políticas públicas para converter as situações críticas que vivem atualmente.

Destarte, convidamos cada um que tomou conhecimento deste inventário, para embarcar, navegar e conhecer um pouco da Ilha da Canabrava.



## II- RELATOS DAS MEMÓRIAS AFETIVAS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA

Arquivo da pesquisadora. Diário de Campo (12/05/2022)

Iniciamos estes relatos e memórias, com a participação de algumas pessoas que viveram ou vivem na comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, com o objetivo de deixar registrado alguns dados, informações e marcas, do processo de desenvolvimento da comunidade, assim, como memórias e lembranças a serem preservadas.

Cada convidado ou convidada, viajou em suas memórias buscando lembranças de suas raízes culturais, quando na comunidade chegou e fez morada.

E destas memórias longínquas, conseguiram dialogar com a condição atual que a comunidade ribeirinha se encontra, avaliando perdas e ganhos.

Este momento de prosa, foi realizado através de Roda de Conversa. As memórias trazidas pelo grupo, mexeu bastante com o emocional de todos. “Momento de atenção”, porque muitos já tem idade avançada.

Convidamos o leitor/ a leitora, a viajar no Túnel do Tempo, da história desta comunidade ribeirinha. Muitas surpresas encontrarão!!!

## Sr. João Cordeiro dos Santos



Seu João, completou 100 anos de vida em 2022, e é considerado um dos primeiros habitantes a pisar nesta Terra, chamada Ilha da Canabrava. Constituiu família e fez sua morada as margens do rio São Francisco.

Uma pessoa bastante solidária e prestativa a todos que a ele chegam.

Nossa prosa tem início através da lembrança de sua mãe, Dona Isabel, e de seu pai de criação, Carlos. Na comunidade ele é conhecido carinhosamente por “João de Carlos”.

Suas lembranças buscaram a abundância de água do rio São Francisco, anos atrás. E com sentimento, nos mostra onde a água entrava na ilha, e hoje, o que se ver é mais terra que água.

Sua casa fica em frente ao rio, numa região alta da comunidade, e de lá, da varanda de sua humilde casa, a descansar numa rede, fica a contemplar a nostalgia de um rio, que só lhe traz saudades.

Com esta idade, seu João ainda trabalha com o plantio de algumas culturas como: mandioca, milho, batata, melânica, abóbora, feijão.

E ao falar de sua falecida esposa, recitou um pequeno poema:

*“Casa que não tem mulher a porta é aberta. A mulher ajuda muito o homem. A mulher dar à direção ao homem.”*

E acrescentou, ao falar da relação com as pessoas da comunidade.

*“Eu fui criado aqui...graças a Deus(...) eu ando com todo mundo graças a Deus, não tenho malquerença com ninguém...o que eu puder ajudar uma pessoa eu ajudo.”*

Eis que surge uma curiosidade em nossa prosa:

**CURIOSIDADE:** Segundo seu João, na comunidade não existia pés de manga quando ele chegou. Só existia o plantio de mandioca, milho, feijão, batata, abóbora. Com a chegada de novos moradores, esta cultura se torna realidade.

Relembrou de quando aprendeu as primeiras letras, embaixo de um Pé de Tamarindo, numa localidade vizinha conhecida por Itiberaba, que não existe mais.

*“Eu aprendi o pouco em casa...tinha um senhor de Bastiãozinho...ele era professor quem dava escola...em Itibiraba.”*

Seu João tem um ritual de ascender velas, para seus entes queridos que já se foram. E com muita emoção relatou alguns momentos dentro da ilha, com famílias e amigos.

A conversa foi transcorrendo no comando de seu João. E trouxe para a prosa, sua rotina diária, com os afazeres domésticos, pois, ainda consegue realizar várias tarefas dentro de casa, aos 100 anos de idade.

*“Eu estou aqui...eu sei fazer de comer, eu sei bater roupa, eu sei fazer tudo...eu compro sabão em pó, boto na bacia...boto os panos, jogo água, deixo aí... amanhã vou torcer e pronto.”*

E para finalizar nossa prosa, veio em suas lembranças a época dos festejos santos, que para ele era o melhor que a ilha tinha, e hoje se perdeu.

*“Aqui, a mãe de Carlos, meu criador, ela festejava o Divino...a mãe dele festejava Nossa Senhora da Conceição...este Bastiãozinho, que era professor festejava Todos os Santos... a minha avó festejava Nossa Senhora da Conceição...tudo era católico...minha mãe festejava Santa Isabel...ela chamava Isabel, tinha uma santa no nome dela.”*

Tendo em vista a idade de seu João, muita coisa ainda guarda em suas memórias. Muito ainda tem a nos relatar! Em respeito à sua idade, não estendemos a nossa prosa.

Temos só que agradecer este tempinho que ele se dedicou a expressar suas lembranças e saudades.

### **Sr. Otacílio Eugênio dos Santos**



Seu Otacílio, um jovem que migra de sua Terra natal, Casa Nova, para buscar condições melhores de vida as margens do rio São Francisco, no município de Bom Jesus da Lapa, Bahia, em 1954. Fazendo morada primeiro na comunidade de Cajazeiras, vizinha a Ilha da Canabrava. Opta por viver e trabalhar nas Terras deste território, pela fartura de terras propícias a produção de produtos agrícolas.

Em 1992, ele resolve morar na cidade, por conta da idade um pouco avançada, não conseguia mais lidar com a labuta diária da produção de hortas e outras atividades com a Terra.

Em seu relato, seu Otacílio nos conta que não foi fácil pisar no chão da ilha, porque os moradores impediram sua entrada e das famílias que chegavam, sendo assim, precisou buscar apoio na gestão municipal. A partir de então, ele, mais 40 famílias conseguiram um pedacinho de Terra para plantar e sobreviver.

Depois, se preocuparam com a Educação Escolar das crianças.

*“Aí, veio a preocupação das crianças. Nós estamos aqui e nossas crianças como é que estuda? Nossas crianças precisam estudar! Aí, eu vim na prefeitura falar com o prefeito: tem crianças para estudar, e como é que faz? O prefeito disse, que não tinha como colocar professor lá, porque não tinha espaço físico.” (Uma escola).*

*“Um senhor conhecido por Francisco Fogueteiro, morava na cidade e plantava lá, e ele lecionava, já lecionava lá, para as poucas crianças que moravam, antes da gente chegar. Eu fui até ele e disse que ele não dava conta de tanto aluno, como é que vai fazer?”*

*“Então, eu decidi também dar aulas, para outro grupo de crianças. Fomos no mato (as famílias), tiramos madeira, fizemos uns banquinhos. E a sala foi embaixo de um Pé de Manga.”*

**CURIOSIDADE:** Ao lado da Ilha da Canabrava, existia a Ilha Itibiraba, divididas pela Lagoa do Sabão. Com o aterro que o rio vinha sofrendo a cada ano, as duas ilhas se transformaram numa só. Sobressaindo a Ilha da Canabrava, pelo número de moradores presentes na época.

Seu Otacílio lembra com saudade sobre sua vivência na comunidade da ilha. Das lutas e mobilizações que realizavam em prol da qualidade de vida de todos que ali moravam. E lembra de um contexto com muita alegria, que

são os campeonatos de futebol que a comunidade participava, enfrentando times de outras localidades, como Lagoa das Piranhas, Bela Vista e os times do centro da cidade. Como ele disse; *“Era o divertimento da nossa época”*.

Entre tantos relatos, ele contou sobre outro conflito que viveu juntamente com seu povo, quando pescadores da cidade, vinham pescar na Lagoa do Sabão, retirando dali o alimento da comunidade. Devido à dificuldade com embarcações naquela época, para sair em busca de peixes, pelo rio a fora, eles preservavam esta lagoa para o sustento das famílias.

Depois de muitas confusões travadas entre os pescadores (cidade) e as pessoas da ilha, os intrusos, deixaram de ir pescar na Lagoa do Sabão, compreendendo a importância dela para o sustento das pessoas que moravam na comunidade.

Para encerrar sua participação, traz elementos da cultura religiosa da comunidade e a lenda do Compadre D' água.

Ele nos conta com muita emoção da festa, ou seja, Roda de São Gonçalo, o qual era o tocador do tambor, quando em sua vivência na Ilha da Canabrava, contribuiu para a valorização e permanência desta festa na comunidade.

*“A Roda de São Gonçalo foi trazida para a Lapa, pela senhora Otilia, mãe de Euzébio...e moravam na comunidade de Cajazeiras, em frente a Ilha da Canabrava. E com isso, a festa se expandiu para a ilha. E até hoje ainda tem representantes desta festa na ilha.”*

*“Esta festa acontece para pagar uma promessa. O devoto, quando tem sua graça atendida, convida o grupo da Roda de São Gonçalo, para realizar a festa em sua própria casa. Não tem dia para realizar a festa de São Gonçalo, depende das promessas dos devotos.”*

E para encerrar este momento de muita prosa, rodeada de muita emoção e alegria, nos relata

uma história do compadre d'água, que mantinha uma aproximação e amizade com sua esposa.

*“É morador na boca das Piranhas. Ele morava ali nas cajazeiras. A casa dele, é ali (...) Ele nunca saiu dali. A minha esposa tinha assim, um contato com ele... que procuravam ela, desde lá do Nordeste...ela sempre via ele. Chegando aí, ela se firmou com ele e ele se firmou com ela. (...) Ela se considerava amiga dele...do Compadre D' água. Ela sempre via nas mediações da Ilha da Canabrava. Seu lugar predileto! Esta visão iniciou desde a mocidade. Mas as pessoas não acreditavam nela...”*

O Sr. Otacílio, finda sua participação com este relato maravilhoso de uma das lendas do nosso Rio São Francisco. E o interessante, foi que ele pediu e reforçou a importância deste relato para este trabalho. A ele o nosso muito obrigado!

### **Dona Joana Costa Rodrigues**



Dona Joana, uma senhorinha mais que doce e meiga. Quando ainda menina adolescente, chegou em Bom Jesus da Lapa, com idade entre 14 e 15 anos.

A convite de sua tia, que já morava na Ilha da Canabrava, saíram, ela, sua mãe e irmã, da cidade de Casa Nova, em busca de dias melhores, fugindo da seca que alastrava a cidade onde moravam.



E a embarcação responsável por este deslocamento da pequena família foi o vapor. Onde dona Joana, relembra com muita emoção! Constituiu família ao lado do seu Otaviano (In memória), morador da comunidade, e com muita garra e resistência, juntos criaram seus filhos, vivendo da produção de hortaliças e outras plantações, e da pesca.

Em suas memórias, trouxe lembranças das grandes enchentes, destacando a de 1974, quando todos os moradores tiveram que sair da ilha.

Com risos, ela ainda lembrou das brincadeiras daquela época, e destacou as Cirandas de Roda. Mesmo ela, sendo adolescente e outros jovens da comunidade, tinham prazer em brincar de roda. Ao mesmo tempo, citou que atualmente os jovens não brincam mais.

Mais uma lembrança lhe vem à mente: a educação.

*“Minhas meninas mais velhas tudo estudaram. A primeira professora delas foi Almerinda. Aí, depois mudou para o professor João Campos. (...) Lá na professora era debaixo do Pé de Manga. Agora, cá em seu João, já tinha o colégio.”*

Assim, como qualquer mãe, dona Joana fala da relevância dos estudos para qualquer pessoa. E transmite o sentimento de felicidade e missão cumprida, falando do interesse dos seus filhos pelos estudos. Que, na lida com a Terra, conseguiram doar um tempinho para dedicar-se aos estudos.

Uma última lembrança que dona Joana trouxe para a nossa prosa, foi da Roda de São Gonçalo. Bastante presente naquela época, e que agora só resta saudade entre os moradores da comunidade. Não existe mais!

*“Andei muito mais meu esposo. Meu esposo era guia. Ele dançava, e eu ficava só assuntando (risos)... Tinha muita gente. Ajuntava muita gente. Porque era muito bonita, né?”*

*E meu marido gostava...vixe! E o povo, toda festa que tinha, chamava ele, para ser o guia. Porque é duas pessoas, lá na frente, para chamar os de trás. Mas, é bonita viu! Era bonita! O tocador da viola era um tio Otacílio e moço que morava, lá no rio de cá...”*

Dona Joana atualmente mora no centro da cidade de Bom Jesus da Lapa, com uma filha e netos.

As idas agora para a Ilha da Canabrava, somente para passeios, matar a saudade de tempos outrora, e curtir um pouco a companhia e o carinho dos filhos e netos que por lá ficaram.

### **Dona Josina Maria da Cruz**



Dona Josina, pessoa bastante conhecida e respeitada em toda Ilha da Canabrava, mora na comunidade há mais de 50 anos. Mãe de 10 filhos, 8 nascidos na ilha, mas todos criados às margens do rio São Francisco.

Nasceu na comunidade Quilombola Lagoa das Piranhas, mas foi criada numa localidade conhecida como Quirino. Comunidade esta, que antigamente agregou a maioria da população que hoje reside na ilha.

Suas primeiras lembranças foram em relação as enchentes que atingia a ilha, anos atrás e destacou algumas.

*“Quando a gente mudou pra cá, passou uns 4 anos*

aquela enchente, foi em 79 ...aí a gente mudou tudo pra lá. Para a casa do meu tio, que morava no Quirino.”

“Veio a de 80...a enchente. Tirou nós daqui nós mudamos para as Piranhas, fizemos um rancho lá em compadre Mira...depois que veio a vazante, nós tornemos voltar pra cá...aí pronto, veio vindo aquelas enchentes mais pequenas...”

“Depois, veio está agora (2022), eu não mudei de lugar, mas muitas pessoas mudaram daqui da ilha...a água chegou perto da minha casa, umedeceu tudo...”

A família dela, foi umas das poucas que resistiram e permaneceram na ilha, com o rio encostando em sua casa, por cerca de 3 meses de cheia. (2022)

Agricultora nata, dona Josina é referência entre os moradores na produção de hortaliças, legado que deixa para filhos e netos. Pois, foi no cultivo da terra, que criou e alimentou seus filhos.

“Eu acho que sou uma das pessoas mais velhas que

tem aqui de plantações, assim de coisas de hortaliças, acho que seja eu...porque era eu e a finada Das Virgens...aí depois disso, foi chegando gente, chegando gente, e o ramo é a horta... e eu ensinei meus filhos a plantar horta.”

Terreno de dona Josina.



Diário de campo (maio/2022).

Esta prática com o cultivo de hortaliças, lhe rendeu uma publicação na Revista Transformar, pela EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), em 2014.

Revista que publicou o trabalho de dona Josina.



Diário de campo (maio/2022)

Nossa prosa continua e agora a temática é sobre Educação. Os filhos de Dona Josina, estudaram na Escola Municipal Jonas Rodrigues, antes, porém, assim como boa parte da população, aprenderam as primeiras letras, nas salas de aula, embaixo das mangueiras. E trouxe em sua memória a pessoa do professor João Campos, que por muitos anos viveu e exerceu a docência na comunidade.

*“Professor bom é aquele...aquele professor, quando as mães eram muito carentes, que tinha filhos na escola, que não podia comprar um lápis, o que é que ele fazia...ele comprava lá na Lapa, com o dinheiro dele e quando chegava dividia um lápis no meio, só afim do menino, não ficar sem estudar.”*

A Educação Escolar para dona Josina, é a etapa principal em nossas vidas, e ela sempre incentivou seus filhos a estudar para ter um futuro com mais oportunidade de emprego. E relembrou tantas outras professoras que passaram na vida de seus filhos e netos, como: Rosa, Socorro, Márcia, Ivani, Lívia, Joquebede. E para fechar a conversa sobre a aprendizagem escolar, relatou as dificuldades de épocas atrás, para a continuidade dos estudos. Para os jovens cursarem o Ensino Médio tinham que ir para as escolas do centro da cidade. No entanto, não disponibilizavam de transporte para esta locomoção diariamente. Diferente de hoje, que possui o Transporte Escolar, responsável pelo deslocamento dos alunos do Ensino Médio, diariamente.

Varanda da casa de dona Josina.



Diário de campo (maio/2022)

*“Naquela época não tinha oportunidade de ir para a Lapa continuar os estudos. O que aprendeu, aprendeu...o que não aprendeu(...) uns puxaram para Lapa (morar com parentes), para ter um estudo mais alto. Outros ficaram aqui, puxando a “cobra para os pés”, que é a enxada.”*

Há muitos anos, dona Josina frequenta a Igreja Evangélica, o que não foi impedimento para relatar sobre os festejos de Santa Izabel, que ela conduzia na comunidade, quando católica, herança do seu tio que a tomou para criar, na falta dos seus avós.

*“Antigamente, no catolicismo que a gente era, eu festejava a Santa Izabel, no dia 2 de julho... eu fazia aquela grande festa...vinha gente de todo lado da Lapa pra baixo, Sítio do Mato...aqui neste terreiro ficava tudo duro de gente, de um jeito que eu nem sei como era não. A fama ia correndo, porque fazia as festas boas...e eu fiz muitos anos esta festa.”*

*“Fazia andar, colocava a santa, tinha os noiteiros...os noiteiros. Eu que era a dona, e me ajudavam a fazer a festa...”*

Este momento com dona Josina, mexeu demais com as nossas estruturas emocionais. As lembranças tem esta particularidade, acionar nossas saudosas memórias.

Terminamos este momento com um convite de dona Josina, para conhecer a área do terreno em que mora, sinalizando seus vizinhos, que são seus próprios filhos, netos e parentes. Percebe-se que é uma família grande e unida.

Fogão de Lenha.



Diário de campo (maio/2022)

## Espaço verde em frente da casa de dona Josina.



Diário de campo (maio/2022)

Ela mora na Ponta de baixo da ilha, e mostrou-me, onde termina a ilha. este momento foi de grande emoção para mim, pois, nunca tinha visto o final da Ilha da Canabrava. E assim, terminamos aquela inesquecível prosa.

### **Sr. Emanuel Salvador Medeiros e Dona Joana Pereira Medeiros**



O senhor Emanuel, Quilombola da Lagoa das Piranhas, conhece a comunidade da Ilha da Canabrava, através do Professor João Campos, onde conheceu uma linda moça chamada Joana. Namoraram, noivaram e casaram-se. Ele, passou a morar na ilha, e com sua esposa, constituiu uma linda família.

Há cinco anos, eles migraram da ilha para o Quilombo da Lagoa das Piranhas, em busca de melhores condições de vida. Comunidade vizinha da Ilha da Canabrava e de grande importância para a população da ilha.

Na Conversa, dona Joana, lembrou do tempo bom que viveu na ilha com família e parentes. Em suas memórias de crianças, contou sobre esta fase que ela não esquece e que foi muito importante.

Lembrou ainda de algumas dificuldades, principalmente com o acesso aos meios de transportes (embarcações) e do desenvolvimento, evolução que ocorreu desde quando nasceu, até os dias atuais.

*“Nasci e cresci na ilha. As coisas hoje, já evoluiu muito. Naquele tempo a gente andava de barco, era no remo. Meus pais sofriam muito, porque tinha que ser 3 ou 4 pessoas no barco para remar... e agora, hoje tem barco de motor...tem lancha. Eu acho que evoluiu muito.”*

O casal trouxe para a prosa, a questão da fartura de antigamente, com a produção agrícola da comunidade. Plantio de hortaliças, plantas rasteiras, produtos fabricados na casa de farinha, entre outros produtos.

Na oportunidade, falaram de algumas dificuldades para vender seus produtos na feira livre da cidade.

*“A gente ainda sofreu muito na ilha, tempos atrás. (Referindo a venda dos produtos) ... foi uma época de muita fartura. Mas, para vender era ruim. (Feira livre do município) E a gente levava muita coisa para vender...era muita fartura. Fome a gente nunca passou... né. Só que a coisa agora melhorou...só que a fartura que tinha antigamente, hoje não tem mais.”*

Uma lembrança que também aflorou, foi a questão dos engenhos, que tinham antigamente na ilha. E que gerava renda para muitas famílias.

*“Meu avô, Joaquim Simão de Souza, era dono de engenho (Dona Joana). Fabricava cachaça, rapadura. Eu conheci dois”.*

Sr. Emanuel:

*“Eu conheci 3 engenhos. Com o tempo a cana acabou, aí as barreiras, veio e destruiu a metade da ilha, e as secas também...naquele tempo ninguém molhava nada, as canas eram molhadas com a chuva...os mais velhos faleceram e os filhos não quiseram continuar...aí, foram acabando, acabando...mais, ainda tem história.”*

Segundo Sr. Emanuel e Dona Joana, muitas pessoas saíram do Quilombo da Lagoa das Piranhas, para morar na Ilha da Canabrava. Uns foram em busca de Terra fértil e água em abundância para plantar, e outros migraram, a partir de laços matrimoniais, assim, como eles. Duas curiosidades surgem, em meio a nossa prosa.

**CURIOSIDADE:** Muitas pessoas que moram na Ilha da Canabrava, manifestam desejo de ser enterrado no cemitério da Lagoa das Piranhas, quando sua hora chegar. E não nos cemitérios do centro da cidade.

**CURIOSIDADE:** Quando em tempo de grandes enchentes, as pessoas da Ilha da Canabrava, buscavam refúgio na comunidade Quilombola de Lagoa das Piranhas. Atualmente, vão ficar na cidade, em casas de parentes e/ou escolas, como aconteceu nesta enchente de 2022.

Atualmente Sr. Emanuel e Dona Joana, vivem da Agricultura Familiar, plantando e cuidando de hortaliças na comunidade Quilombola de Lagoa das Piranhas, e do plantio de feijão, milho, mandioca, e outras raízes, na comunidade da Ilha da Canabrava. Pois, suas raízes ancestrais estão imbricadas nestas duas comunidades ribeirinhas.

### Sr. Mariovaldo Alencar Costa



Desde quando nasceu, Sr. Mariovaldo vive na Ilha da Canabrava. Constituiu família com Dona Maria Eunice e todos vivem na comunidade. Em seu texto de abertura, relembrou muitas coisas ao falar da cultura, das enchentes e da fartura, pós-enchentes.

*“A história da ilha é uma história bacana. Tem cultura...tem a parte das enchentes dentro da ilha..., mas, com as enchentes vinha a fartura. Aí, depois da enchente plantava os terrenos. Plantava todo tipo de planta...plantava mandioca. Plantava muita coisa.”*

*“Naquele tempo, tinha muito o que vender, mas não tinha saída. É... aí depois do período que acabava as plantações, que tinha a validade, ficavam as mandiocas. (...) tinha bastante casa de farinha...puxava na roda. Não tinha motor. Aí, sentava aquele bocado de mulher, para tirar tapioca.”*

E quando seu Mariovaldo fala das enchentes, sentimos um certo saudosismo em suas palavras. E neste ano de 2022, o município de Bom Jesus da Lapa, viveu uma enchente histórica, que não se via há muitos anos. Muitas pessoas precisaram sair da ilha, assim, como na época que ele, Mariovaldo, enquanto criança, vivenciou a magia das grandes enchentes.

Ele traz com bastante emoção, as lembranças das brincadeiras no período das enchentes, na fase da adolescência. E ao relatar tais experiências, deixa claro que ele aproveitou cada fase de sua vida, o que hoje crianças e jovens não têm esta mesma oportunidade, devido o acesso aos recursos tecnológicos e a internet.

E um relato interessante é quando ele diz que durante as cheias do rio São Francisco, ele e os irmãos (adolescentes), pegavam bacias grandes e fazia de barco para brincar no rio, atravessando de um lugar para o outro. E mãe dizia:

*“Menino, faz isso não, menino! Menino você morre afogado!”*

Lembrou de outra brincadeira que faziam, durante as enchentes.

*“Quando o rio enchia, nós tínhamos um banho no campo...se o rio enchesse e nós não banhasse no campo, pra nós a enchente não prestava. E a gente ia de bacia, até o campo para banhar.”*

Ainda falando nesta cultura do brincar, seu Mariovaldo, cita as brincadeiras comuns, na sua época de adolescência. Citou as brincadeiras de roda, cair no poço, esconde-esconde.

*“Final de semana, era assim... vamos para a casa de fulano brincar. Eu sei que isto aí era bacana, no meu tempo de adolescência.”*

As falas do seu Mariovaldo, soam como poesias. Suas palavras são mágicas e nos transportam para seu mundo de lembranças. *“Isto é bacana”*, como ele sempre fala, ao expressar suas emoções.

E neste túnel de recordações, eis que surge mais um relato, agora envolvendo a chegada da energia elétrica para a Ilha da Canabrava. Ele trabalhou diretamente com a equipe responsável por este processo, o que foi uma grande honra para ele, participar deste momento tão esperado por todos os ribeirinhos daquela ilha.

*“Teve também aqui uma obra muito importante, que foi a energia ... e eu fui de uns camaradas que...graças a Deus eu trabalhei nessa energia aí, do início até o final. Até o dia em que eles pisaram no banco de uma lanchinha que a gente tem, que chama Osana...aí falou assim: Mariovaldo, já tem energia. Eu me arrepiei todo!”*

A Energia Elétrica foi inaugurada na comunidade no dia 30 de abril de 2014, para a alegria de todos, é o desenvolvimento que chegava na ilha.

O Sr. Mariovaldo, sempre se preocupou com os jovens da comunidade. E nesta entrevista manifestou angústia ao ver a juventude deixando de estudar e tomar rumos perigosos. Ele acredita muito na força da juventude para mudar o futuro do mundo.

E para encerrar este momento bastante agradável, onde viajamos nas lembranças do seu Mariovaldo, não podia deixar de falar sobre o Rio São Francisco.

*“A nossa ilha é rica...rica de um tudo, pois, é banhada dum rio... do Rio São Francisco. E o povo tão matando aos poucos. É esgoto, dentro do rio...”*

E traz ainda relatos sobre as antigas

embarcações: os vapores.

*“O vapor...passava e nós ia tudo para a beira do rio...ouvia aquele apito dele. Era um vapor atrás do outro, naquele tempo era a nossa embarcação.”*

*“Eu gostaria que voltasse algumas coisas, que o rio ficasse num percentual, para eu criar meus filhos e ver ainda o vapor navegar, ver as embarcações navegar, ver coisas boas...”*

Assim, seu Mariovaldo encerra sua grande e singular participação nesta entrevista, o qual, foi um condutor impecável, permitindo-nos adentrar no seu túnel de saudades, ao compartilhar suas lembranças desde sua infância até a fase adulta.

### Sr. João Gomes da Silva



O senhor Joãozinho pisa no território ribeirinho em 1985, quando migra da cidade de Barra do Rio Grande, com toda sua família. Conhece Dona Bel na Ilha da Canabrava, e juntos constituem sua família. Ela que nasceu e vive até hoje na comunidade, ao lado do seu esposo, rememora muitos fatos que aconteceram na ilha, desde sua infância.

Já o seu Joãozinho, muito tem a nos dizer, pois, durante 19 anos ficou à frente da Associação dos Pequenos Produtores da Ilha da Canabrava, e nesta gestão, mobilizou a comunidade para

lutar pelos seus direitos em prol da qualidade de vida de todos os ribeirinhos.

Ele traz uma passagem desta época bastante relevante e incentivadora, para os que querem assumir tamanha responsabilidade, e não sabe por onde começar.

*“Não foi fácil lidar com a comunidade no começo, por não ter experiências. Eu não vim aqui, sabendo nada. Aprendi com o povo...até para fazer uma abertura da reunião, fui buscar esta experiência como fazer em outras comunidades, para saber como que era uma abertura da reunião. Como é que eu ia tratar o povo, como que eu ia receber o povo. Isto me custou, foram 19 anos dentro desta comunidade, sendo presidente ou vice-presidente.”*

Durante este período, seu Joãozinho nos conta que não foi fácil. A luta foi cansativa! Várias portas (Gestão municipal, secretárias, empresas...) que batiam, poucas se abriam para ouvir as demandas do povo ribeirinho. *“E é o pouco que tem aqui”.* (Joãozinho)

Neste momento da prosa, seu Joãozinho manifesta preocupação com a realidade atual da associação. Há anos, está desativa. Agora (2022) é que um grupo de moradores tenta ativá-la.

E destaca a participação da comunidade, antigamente:

*“No começo o grupo era forte. O presidente da associação ia buscar do prefeito melhorias para a comunidade, e se não conseguisse, reunia representantes da comunidade e voltava a prefeitura, exigindo o direito de serem ouvidos.”*

E ao mesmo tempo, menciona que de alguns anos para cá, a comunidade perdeu esta força coletiva. A maior dificuldade que ele percebe atualmente junto a articulação de uma nova associação, é a desunião que se instalou entre os indivíduos. *“Quando uns queriam, outros puxavam para trás”.* (Joãozinho)

Quando ele saiu da associação, deixou para a próxima gestão, um projeto que a comunidade foi contemplada, de duas adutoras (um conjunto de conexões e tubulações) através das Políticas Públicas do Estado da Bahia, e com o apoio da Codevasf- Companhia de Desenvolvimento dos vales do São Francisco e do Parnaíba, e a Bacia do Rio São Francisco. As adutoras seriam responsáveis pelo transporte da água do rio até os terrenos dos moradores.

No entanto, esta conquista ficou somente no papel. Ele fala com sentimento, que faltou a mobilização da comunidade para, enfim, trazer as adutoras para a ilha.

Em meio a nossa prosa, surge a temática sobre Educação Escolar, e seu Joãozinho abre este tema filosofando:

*“O meu futuro e a minha riqueza, está em uma criança, na Educação de uma criança. Porque eu vou ficar velho, eu preciso atravessar uma rua e se eu não preparar uma criança para pegar na minha mão e me ajudar, ele vai me apedrejar. Então, qual o futuro que eu tenho na minha velhice?”*

Estas palavras nos levam a refletir sobre a função social da escola. Que ações educativas são implantadas para o desenvolvimento da formação integral das nossas crianças e nossos jovens? É aquele velho ditado que costumamos dizer: Educar para a vida! E neste processo, além da Educação Escolar, tem o peso, também da Educação familiar. E seu Joãozinho, traz-nos esta angústia.

Com a pauta sobre Educação Escolar, Dona Bel, toma conta da prosa e relata com muita saudade, suas memórias de quando começou a estudar.

*“Minha adolescência, não consegui escola aqui. Era tudo embaixo dos pés de manga. Como não existia o prefeito botar professor, eu estudei em escola paga. Pagava naqueles tempos, aquelas niquinhas para os professores. O pai pagava a escolinha.”*

**CURIOSIDADE:** Cerca de 63 anos atrás, alguns moradores da comunidade, pagavam em (moedas), pessoas para ensinar seus filhos e filhas, a ler e escrever. Pela falta, de um professor para exercer tal função.

*“Com a professora Zuíta, estudei pela prefeitura. Vinha merenda! Bastante merenda! Eu já era moço criada. Ela (professora) dava aula no salão.”*

*“Eu estudei particular. Embaixo dos pés de manga, com a professora que não era formada. Depois de um tempo, que veio a professora pela prefeitura. As primeiras foram: Nalvinha, Zulmira e Zuíta.”*

Ainda neste contexto educacional, o seu Joãozinho, ressalta algumas ações da associação junto a unidade escolar Jonas Rodrigues. Primeiro foi a questão da água que abasteceria a escola, que era levada em “baldes na cabeça”, por moradores. Assim, a associação conversou com o Sr. Gonçalo, antigo morador e vizinho da escola, e que tinha uma carroça, propôs uma parceria, para ele fornecer água para a escola. Deste modo, Sr. Gonçalo passou a levar baldes e mais baldes de água, em sua carroça.

*“Depois, a associação doou um motor para a escola, que teria recebido de uma casa de farinha, que teria sido desativada. Assim, o motor passou a puxar a água do rio, por encanação.”*

Outras tantas conquistas para a comunidade através da associação, são elencadas, é o caso da comunicação.

**CURIOSIDADE:** Quando o telefone público chegou na comunidade da Ilha da Canabrava, só existia um no interior do município, na localidade de Barra do São João. Assim, sendo, a ilha recebeu o segundo telefone público.



Imagem do orelhão público, patrimônio da comunidade. Localiza-se, próximo ao Posto de Saúde.



Arquivo da pesquisadora. Diário de Campo (maio/2022).

*"Na época de sua implantação a energia da comunidade era através da Placa Solar. E final de semana, o pessoal fazia fila pra ir para aquele telefone comunicar com seus parentes. São Paulo, Salvador. Rio de Janeiro..."*

Uma luta que o seu Joãozinho destaca, é a chegada da Energia Renovável pela Placa Solar. Onde conseguiram colocar 170 placas, dentro da comunidade. A única despesa da comunidade seria pagar a taxa de manutenção.

Outra luta toma destaque nas ações da associação, que foi a ampliação do Prédio Escolar. Segundo ele, "outra luta grande", pois os políticos não acreditavam que em uma comunidade ribeirinha, pudesse gerar uma educação escolar de qualidade. Foram várias vezes "batendo de porta em porta", Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação, e outras instâncias, na luta pela efetividade dos direitos

das crianças e jovens por uma educação escolar em seu território de vivência. E aos poucos foram conseguindo esta vitória.

Mais uma luta, faz parte das ações da associação, enquanto seu Joãozinho ainda era presidente. Estamos falando sobre a Saúde. Ou seja, a comunidade precisava de um Posto de Saúde e enfrentando troncos e barrancos, alcançaram esta vitória. A terra foi doada pela sogra de seu Joãozinho, Dona Aparecida.

Posto de Saúde.



Diário de campo (maio/2022).

No entanto, seu Joãozinho faz uma análise bastante crítica das condições atuais dos serviços do Posto de Saúde, assim, como as condições de limpeza do prédio.

*"O prédio ficou abandonado por um longo tempo, falta de cuidado da comunidade. É pequeno, falta médico e enfermeiros. Estamos sem saúde!"*

Finalizando este relato das ações da associação, ele traz mais duas conquistas grandes, a Energia Elétrica e as Caixas de Captação de Água das chuvas (Projeto do Governo Federal- Água para todos).

*“A Energia Elétrica chegou em 2014. Foi uma luta acirrada. Precisando da presença e apoio numa determinada reunião na Câmara de Vereadores, dos órgãos: Marinha, Meio Ambiente, Coelba e o Prefeito Municipal. Para conseguir liberar a energia para a comunidade”. (Esta luta durou anos e anos)*

Como o contexto histórico de luta, resistência e resiliência, para os camponeses, em busca dos seus direitos, é uma marcha incansável, segue mais uma conquista da comunidade, pelas caixas de captação da água da chuva.

Este projeto do governo não veio para contemplar ribeirinhos, e sim regiões que sofrem com a seca, a falta de água diariamente. No entanto, a comunidade ao saber deste projeto não mediu esforços e reivindicou seus direitos, justificando os riscos que a saúde da população sofre com a poluição das águas do rio São Francisco.

Segundo seu Joãozinho, a resposta que a comunidade teve, *“é que não poderia fornecer água para quem tem água.”*

A partir de então, a comunidade se fortaleceu e iniciou uma luta, acionando os órgãos públicos: Promotoria, SAAE, Secretária do Meio Ambiente, Coelba, Igreja, Prefeitura. E através de um documento abre um processo de investigação.

*“A partir de uma amostra da água, comprovando o grande nível de poluição, a comunidade consegue as caixas de captação de água das chuvas”.*

Caixa de captação de água da chuva.



Arquivo da pesquisadora. (2019)

Na prosa surge uma interrogação na fala do seu Joãozinho: o que precisa mudar na comunidade? E ele mesmo responde: saúde, educação e meios de vida da nossa comunidade. Ao mesmo tempo, menciona a urgência de Políticas Públicas na área da Agricultura.

*“Para você manter hoje uma roça, para você manter sua cultura hoje, da forma que a natureza hoje pede, você tem que ter um recurso, tem que ter a tecnologia. Você tem que ter pessoas técnicas para estar monitorando, sua roça, suas plantas e nós não temos. A prefeitura não disponibiliza isto. Então, fica difícil da comunidade segurar os jovens (...) eles buscam trabalho e viver em outras comunidades, ou cidades.”*

Neste momento seu Joãozinho expressa uma grande preocupação com o futuro dos jovens da comunidade. A ilha está cada vez mais diminuindo sua população, e uma das causas é a saída dos jovens em busca de trabalho e condições melhores de vida. Outros, porém, permanecem na comunidade sem ocupação.

*“Tem Terra, mas não consegue viver na Terra!”*

*“Eu estou plantando na época dos meus avós. Planto e espero lá que a natureza me favoreça.”*

O senhor Joãozinho, ver a necessidade de ter uma cooperativa no município, para facilitar o escoamento dos produtos agrícolas e contribuir com a geração de renda do povo ribeirinho. Isto porque, o desperdício é muito grande da produção de hortaliças.

Ao mesmo tempo, ele mais uma vez, coloca a frente destas mudanças a união da comunidade em lutar pela qualidade de vida de todos.

*“A comunidade precisa ser uma correntinha, feita de gomo em gomo, sempre crescendo. A corrente só é forte porque ela tem pedacinhos por pedacinhos*

*que vai se juntando, assim tem que ser a comunidade.”*

Nesta conversa, vem à tona a diversidade cultural religiosa, e ele como um católico praticante, fala com sentimentos dos festejos santos que não existem mais e que movimentava toda a comunidade tempos atrás.

*“Não sei se é por causa de nós mesmos católicos não valorizar muito a sua religião, a sua fé católica, que estão deixando com que as outras religiões, vão se avançando cada vez mais.”*

Na comunidade da Ilha da Canabrava, segundo as lembranças de seu Joãozinho e dona Bel, os festejos santos que existiam eram: São Sebastião, Santa Izabel, Roda de São Gonçalo, Reisado, Todos os Santos. E acrescenta:

*“A ilha perdendo suas raízes. É preciso recomeçar. É possível recomeçar!”*

A Igreja São João Batista, foi construída pela família de seu Joãozinho, próxima a sua residência. A única da comunidade.



Arquivo da pesquisadora. Diário de campo. (maio/2022).

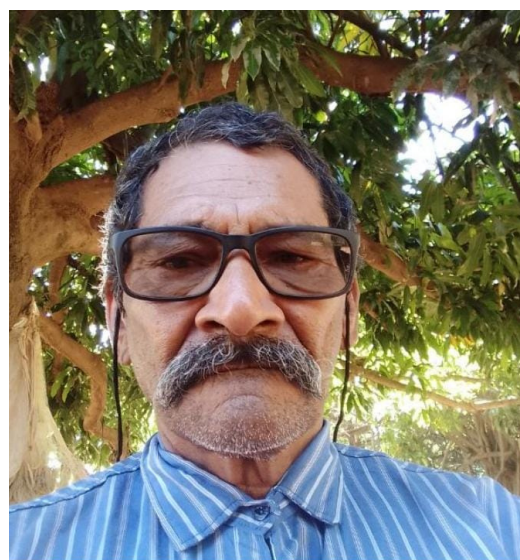
E para fechar esta ilustre participação de seu Joãozinho e dona Bel, trago algumas frases que surgiram no decorrer de nossa prosa, que são bastante instigadoras e incentivadoras para um *“Recomeçar é Preciso”*.

*“A coisa mais importante da comunidade, não está existindo, que é a Educação.”*

*“Três pontos de vista, que precisam andar com clareza: Saúde, Educação, Segurança. Este é o pilar de um país, de um município e de uma comunidade.”*

*“Se você tem uma boa Educação, você tem uma boa comunidade; se você tem uma boa Saúde, você tem um povo sorridente, vibrante, autêntico; se você tem Segurança, você tem vida longa.”*

### **Sr. Antônio Ferreira da Silva**



A família de seu Antônio Ferreira, chegou na comunidade, há mais de 28 anos, natural da cidade de Malhada, decidiu por viver as margens do rio São Francisco, na Ilha da Canabrava.

De início, em suas memórias trouxe o trabalho na Casa de Farinha, cultura comum entre seus familiares. E nos conta:

*“De quando eu cheguei aqui para hoje, já tem uma diferença muito grande, o que eu quero dizer com isto(...) Eu mexia com mandioca, casa de farinha, eu carregava muitas vezes na cabeça, que nem uma carroça de animal tinha para transportar a mandioca da roça, para a casa de farinha. Depois, na casa de farinha, ralava na roda manual... hoje já melhorou.”*

*Já tem uma carroça para levar a mandioca e a casa de farinha já é motorizada.”*

Ele traz uma dificuldade sentida pelas pessoas daquela época, que era a falta de energia elétrica. *“Não tinha energia, a gente alumiava com candeiro, que era no querosene na época”.* E ressalta, que aos poucos foram vencendo algumas dificuldades.

Seu Antônio faz algumas reflexões sobre o rio e mudanças ocorridas nos terrenos, com a proximidade de suas águas.

*“Outra coisa que quero falar é o rio. O rio aqui antes, ele era bem distante de onde é hoje. O rio quebrou muito as terras. Antes da quebra, isto tudo era plantado de feijão, milho, mandioca, batata doce, melancia, cana. Tudo isso tinha.”*

Ele não poderia deixar de falar sobre os governantes e das Políticas Públicas, para melhorar a condição de vida de toda a comunidade.

*“Outra coisa, estamos sendo esquecidos, destes governantes públicos. Eles não lembram muito de nós. Esquecem muito de nós aqui. Eu acho assim, que eles poderiam olhar para nós com bons olhos.”*

Em seguida ele abordou a condição da Saúde e Educação da comunidade, que atualmente foram esquecidas pela gestão municipal. Um Posto de Saúde que não atende a demanda da comunidade, e um Prédio Escolar, que foi interditado para reforma, e os alunos submetidos a aula dentro da Quadra Poliesportiva da comunidade.

Seu Antônio retoma tempos atrás e fala das embarcações de antigamente e lembra daquela época: *“Dificuldade para sair da ilha com produtos a serem vendidos na feira, com barcos a remo.”* E conclui esta fala, dizendo que atualmente com as embarcações motorizadas, facilitou bastante o deslocamento da população para o centro da

cidade e vice versa.

A Ilha da Canabrava para a família de seu Antônio, é uma região que favorece bastante o viver. Segundo ele, *“morar na comunidade, dá para viver, tem água, tem alimento, vivemos da roça e da pescaria, para consumir e comercializar.”*

E ainda, falando através das lembranças, ele conclui refletindo um pouco sobre as condições climáticas de antigamente. Pois, em outras épocas, as pessoas conseguiam entender o tempo e o tempo certo para o plantio, hoje mudou muito. E nos diz sobre a fartura: *“Questões climáticas (chuvas), não favorece mais a fartura das produções, como antigamente.”*

E assim, encerra a contribuição belíssima de seu Antônio, compartilhando suas memórias e saudades.

### **Sr. Antônio Gonçalves dos Santos**



O senhor Antônio, juntamente com sua esposa Dona Sizinha e com seus 11 filhos, migraram para a Ilha da Canabrava, cerca de 11 anos atrás.

Um pescador que herdou esta prática dos seus pais e ainda criança, aprendeu a arte de pescar. E hoje é sua atividade primordial, para sustento da família, assim como nos momentos de lazer.

A vila onde sua família fez morada, localiza-se no centro da Ilha da Canabrava e vivem da produção de hortaliças e da pescaria artesanal.

Nossa prosa tem início com a seguinte frase: *“Nossa ilha está abandonada, professora Silvia Letícia!”* (Antônio)

E continua dizendo que as pessoas da ilha precisam se unir para buscar melhorias para todos da comunidade. E complementa: *“Eu nunca vi uma escola funcionar dentro de uma quadra.”* (Antônio)

Ele está se referindo a escola da comunidade, Escola Municipal Jonas Rodrigues, que há anos espera uma reforma e/ou um novo prédio. E este ano, mais uma vez a gestão prometeu esta reforma, e como a escola não tem condições de receber os alunos, as aulas estão acontecendo dentro da quadra poliesportiva da comunidade, até a reforma chegar. E quando chegará, ninguém sabe!

Na nossa conversa surge outro elemento, a questão da saúde. *“Até o Posto de Saúde acabou.”* (Antônio)

Em suas palavras soam um sentimento de humilhação, exclusão. E fala: *“Eu queria ver todo mundo unido!”* (Antônio)

Em meio a tantos problemas e dificuldades que a comunidade vem sofrendo, seu Antônio destaca a questão da Educação, como prioridade, e que aos poucos está acabando.

As lembranças que surgem em nossa conversa, é de uma escola repleta de alunos felizes e professores também, anos atrás. Das lanchas do Transporte Escolar, passando em frente ao seu terreno, cheia de alunos. E hoje, tudo isto acabou, devido ao número de famílias que estão saindo da ilha, assim, como os jovens que buscam emprego no centro da cidade ou em outras cidades circunvizinhas.

Seu Antônio buscou um fato que nos relatou com muita emoção e saudade, da época que encontrava pessoas na comunidade para lutar pelos direitos dos alunos.

*“É triste, é triste! Eu como pai, eu como avô, ver tantos alunos...tantos desfiles em Bom Jesus da Lapa, tantas escolas sair, menos a escola da Ilha da*

*Canabrava, Jonas Rodrigues. Por que, é porque não tem valor, ou porque não tem quem corre atrás?”*

O que seu Antônio desabafa, se refere ao Desfile Cívico (7 de setembro) quando as escolas urbanas são convidadas a desfilarem, para a sociedade lapense. Em suas palavras de revolta, percebe-se, uma discriminação, exclusão, da parte dos representantes da educação municipal, que organiza esta festividade.

*“É triste eles saírem, só para assistir”.* Ele quis dizer, que nossos alunos são convidados para sair de suas comunidades para ver outras escolas brilhando na avenida. Em suas palavras, uma grande injustiça. Os direitos são iguais. A escola Jonas Rodrigues, também tem brilho para mostrar na avenida e ser aplaudida. *“A questão é dar oportunidade da nossa escola, ser assistida.”* (Antônio)

Ao mesmo tempo, seu Antônio, narra um episódio, que ele vivenciou, na luta pelos alunos participarem do Desfile Cívico de 7 de setembro, em 2007, com a professora e moradora da comunidade, Maria de Lourdes (Lurdinha). Juntos, com muitas idas e vindas da Secretária de Educação, no final, conseguiu realizar o sonho de ver seu povo desfilando para a sociedade lapense. Uma vitória que em suas palavras, nunca esquecerá. Mas, demonstra tristeza, após o relato, porque esta conquista se perdeu, e não mais a escola voltou a participar desta festividade.

A família de seu Antônio é muito grande: filhos, netos e bisnetos, representando um quantitativo significativo na escola. E se um dia, sua família sair da comunidade, o número de alunos diminui bruscamente, segundo as palavras do seu Antônio.

Rememorando sua infância, ele traz com grande sentimento e tristeza, o fato de não ter conseguido se dedicar melhor aos estudos, quando criança. Que na época, seus pais sempre mudavam de um lugar para outro, e isto, impedia a continuidade dos estudos dele.

Refletindo a importância da Educação, diz: *“Professora é a mãe dos alunos.”* (Antônio)

*“Igualmente uma mãe passa nove meses, para ter uma criança, mas nove para arrastar e depois poder caminhar. A professora ensina uma criança do pré até chegar à formatura, é difícil, é quebra cabeça, é duro, é doído. Só não valoriza uma professora aquele pai que não enxerga o caminho da razão...”*

E continua a refletir: *“Educação antigamente era para os ricos, para o pobre era o trabalho à frente dos estudos”.*

E rememorou novamente a falta dos estudos em sua vida: *“Com 6 anos de idade, já acompanhava meu pai na pescaria, e aprendi cedo a remar”.*

E trouxe a lembrança da única professora que passou em sua vida, ao relatar um acontecimento, *“O caso da onça cachorro”.* Nesta Escola ele permaneceu somente 30 dias.

*“Por duas vezes eu encontrei com essa, que o povo chama, de Bodeira. Não é braba, mas também não é de confiança. Eu, uma criança de 8 anos, daquela idade, eu pensei que era um cachorro, mas não era. Era a Bodeira. Aí, depois eu cheguei na escola e falei com a professora. Lembro bem o nome da professora, chamava Aparecida. Eu cheguei e falei: Tia. Ela disse: O que é que meu filho está cansado? Eu encontrei um cachorro no caminho, lindo tia, grande e vermelho.”*

A professora juntamente com seu esposo, sabia que não se tratava de um cachorro, e dali por diante, a ida de seu Antônio para a escola, foi ficando mais difícil. Seus pais atarefados, as vezes não tinha tempo de conduzi-lo até a escola.

O fato dele não ter frequentado uma escola, com certa periodicidade, não impede que ele defenda os estudos e incentive sua família a nunca desistir de estudar. Para ele, Educação é tudo, por isso, a angustia em ver os alunos estudarem dentro de uma quadra poliesportiva, na

comunidade.

Ressaltando, que seu Antônio é bastante presente na vida escolar dos seus netos e netas.

**CURIOSIDADE:** A família de seu Antônio mora numa vila chamada “Santo Antônio”. A única vila da comunidade da Ilha da Canabrava. Pois, seus filhos, netos e bisnetos moram nesta vila. Quem identificou este espaço territorial e familiar, foi o Agente de Saúde (Francisco, conhecido por chico Vêi) para facilitar seus registros. E o nome foi adotado com muito carinho por todos. E na comunidade, quem não conhece a Vila Santo Antônio?

Mudando a prosa, na vida familiar de seu Antônio, existe uma dinâmica de pesca bastante interessante, é a pescaria no Rio das Rãs.

Com o objetivo de ampliar a comercialização de peixe, a família se desloca para a comunidade Quilombola do Rio das Rãs, e embaixo de 6 barracões, as margens do rio, permanece por 15 a 20 dias, a pescar dia e noite. Esses peixes são comercializados na feira livre, no Mercado Municipal Dona Firmina em Bom Jesus da Lapa. Como a família é grande, existe um revezamento entre eles, dentro dos dias que permanecem acampados. Os peixes que pescam nas águas do Rio da Rãs, são: Surubim, Dourado, Curimatá, Mandi, Piranha, Tambaqui, Caborje e Piau.

E para encerrar a nossa prosa, seu Antônio traz a situação da cultural religiosa da comunidade, com certo saudosismo. Que antigamente a predominância é a religião Católica, tendo vários eventos na comunidade, festejando inúmeros santos. No entanto, a comunidade hoje tem influência bastante relevante da religião Evangélica.

E diz: *“Eu sou devoto de Todos dos Santos, principalmente de Santo Reis!”*

Terminamos nossa prosa, com a confissão de um sonho de seu Antônio. Construir uma capela de Santo Antônio, em sua vila. Seu grande sonho!!!

Apesar do sentimento de tristeza que toma conta das suas lembranças e das lutas que se perderam, para ele, a ilha é um lugar maravilhoso. Terra boa para cultivar e cuidar de sua família. O problema é a oportunidade que não chega para todos. A política que nega os direitos dos pobres.

E conclui sua participação com a seguinte fala: *“Eu queria ver todo mundo unido pela Ilha da Canabrava.”* (Antônio)

### **Sr. José Reinaldo da Silva (membro do Coletivo Casa de Farinha)**



O Coletivo Casa de Farinha, é composto por famílias, parentes e amigos que residem na parte da ilha, denominada Rio de Lá, que vivem praticamente do plantio da mandioca e na fabricação de seus derivados. A prosa se deu com a participação de vários moradores.

O senhor José Reinaldo, o mais velho do grupo, relatou que quando chegou na ilha, há mais de 60 anos, vindo da Ilha do Medo, a plantação que existia na comunidade em grande quantidade, era da Batata Doce, próximo a Lagoa das Garças. Hoje com 81 anos de idade, seu José Reinaldo, lembra com saudade, da época que seu pai Joaquim Reinaldo, realizava os festejos santos na comunidade. E declarou que a primeira missa que aconteceu na comunidade, foi trazida pelo seu pai, que era devoto de Nossa Senhora da Conceição.

E acrescentou:

*“Todo ano o meu pai trazia o padre para celebrar a missa, durante 30 anos. E ele construiu a primeira igreja daqui com a santa Nossa Senhora da Conceição.”*

Dona Sebastiana, nascida e criada dentro da ilha, traz outras lembranças que lhe deixou saudades e se emociona ao falar:

*“Me criei assim, todos os anos a gente ia para a missa de festejo de Nossa Senhora da Conceição, inclusive os pais da gente compravam as roupas, e falava: aí para a gente ir para a missa da Conceição. Colocava numa mala parecendo caixote, até o dia da festa. Fiz minha primeira comunhão aqui na Canabrava, na igreja Nossa Senhora da Conceição”.*



Coletivo Casa de Farinha

**CURIOSIDADE:** A primeira Igreja Católica, que não existe mais, construída na comunidade Ilha da Canabrava, foi a de Nossa Senhora da Conceição, por Joaquim Reinaldo, situado na região conhecida como “Rio de Lá”.

E o grupo continua relatando lembranças desta festa que para eles, marca o início da presença católica na comunidade e o acesso de outras pessoas vindas de vários pontos da cidade.

Dona Sebastiana complementa sua fala dizendo:

*“Todo ano tinha esta festa, era esperada pela comunidade toda, todo mundo participava, tinha batizados, casamento, muito bom nessa época.”*

Entra na prosa seu Arlindo, nascido na comunidade de Quirino, e criado na Ilha da Canabrava e manifestou também, suas saudades desse tempo.

*“Tinha o capitão dos mastros, parece que cinco dias antes, tinha a levantação do mastro não é tio zé? (Confirmando com seu José Reinaldo) As mulheres enfeitavam os mastros, com as bandeirolas, era muito bonito, naquele tempo, esse festejo que nós tínhamos aqui. Então, escolhia no sorteio quem era capitão do mastro, quem eram os noiteiros e tudo...”*

*“Eu quero também falar é isto, o que nós tínhamos e o que nós perdemos. Aí, o que é que aconteceu. Vinha as lanchas lá da Lapa, toda enfeitada com o pessoal para esta missa. Nós ficávamos na beira do rio soltando foguetes, aquela maior alegria, está entendendo? Então, foi uma cultura que passou por nós, que os povos mais jovens, deixou ir embora, e eu sinto muita falta disso, foi criado pelo pai dele, (José Reinaldo). E infelizmente hoje nós não temos mais ela.”*

O grupo mudou a prosa, e começou a falar dos Pés de Manga, fruto que faz parte da identidade cultural da comunidade, pois, existem na ilha

mangueiras centenárias, e para eles é uma questão de orgulho. O grupo tem curiosidade em saber quem levou e plantou as primeiras mangueiras na comunidade. (Quem sabe, um dia a gente descobre).

Seguindo com nossa conversa, a temática agora é Educação Escolar. Relatando as primeiras salas de aulas, embaixo de mangueiras, casa de farinha, casa de Taipa e no prédio escolar. E uma tristeza, para todos, que atualmente os alunos estão tendo aulas dentro da Quadra Poliesportiva.

*“Tivemos também aqui, que eu me lembro, foi o primeiro professor, até um nome meio esquisito, Chico Chumbrega, o primeiro professor da época do meu pai.” (Arlindo)*

*“Depois foi comadre Tereza, desse lado daqui, dando aula dentro de casa.” (José Arnaldo)*

*“Com a professorinha Lucinha também, nós estudamos em casa de farinha, embaixo do pé de manga.” (Arlindo)*

*“Ela era professora aqui, e as cadeiras da gente era uns paus enfincados no chão, para a gente sentar. E naquela brincadeira, tinha alguém que passava o braço na gente e quando pensava que não, caía todo mundo. (risos). Era uma escola que era muito boa, era assim, criativa, tinha festa, quando na época do São João na escola, tinha casamento caipira, e era muito movimentado.” (Sebastiana)*

*“E nós estamos vendo mais isso. Nós brincávamos daquela brincadeira do ovo na colher para pular, corrida de saco...era assim...” (Sebastiana / Arlindo / Arnaldo)*

E sobre a escola atual, as condições do ensino, algumas pessoas também deixaram suas angústias e desejos.



“A qualidade do ensino que ainda não está tendo. Não posso dizer que está tendo uma boa escola, porque a nossa comunidade não está tendo. Mas, professor está tendo muita dificuldade...” (Isabel)

“Hoje, nós não temos uma escola adequada, hoje os nossos filhos (eu me formei aqui na escola Jonas Rodrigues, tinha uma escola, qualificada, adequada), não tem uma escola qualificada, hoje os nossos filhos estão estudando numa quadra, onde também não tem qualificação nenhuma lá. Não tem estrutura para receber nem os meus filhos, nem outras crianças que ali estão.” (Arlene)

O grupo trouxe lembranças de quando os Vapores, grandes navegações antigas do rio São Francisco, passava ao lado da ilha, deixando o desejo a todos de um dia embarcá-lo, e pelo rio acima ou abaixo, explorar o Velho Chico.

transportes. A gente não tinha embarcações motorizadas, o meio de transporte aqui, era um barquinho pequeno a remo. Se a gente ia para feira ou queria resolver alguma coisa na Lapa, a gente gastava duas horas porque não tinha embarcação motorizada.” (Arnaldo)



Imagem: Arquivo da pesquisadora (2021)

Eis que numa mudança radical de tema, um participante fala:

“Uma coisa que não devemos deixar de falar, é o nome das pessoas que ajudaram bastante esta ilha aqui: as parteiras. Aqui nós temos dona Luiza, dona Maria de Rei, dona Aurora e dona Chica. Estas pessoas, ficaram muito esquecida. Então, eu vejo dona Domingas ali com quase 100 anos, pegou um bocado de menino aqui, então, a gente deve muito a isso, a estas parteiras.” (Arlindo)



Fonte: <https://www.google.com.br/imgens> (2022)

E nesta prosa sobre as navegações, o grupo relatou uma grande dificuldade com os transportes aquáticos, principal meio de deslocamento da população ribeirinha.

“Uma coisa que quero comentar, são os meios de

O grupo sente a necessidade de reconhecer as pessoas que construíram histórias dentro da comunidade, desde os professores, como também as parteiras. É louvável esta iniciativa.

A conversa toma outro rumo, quando lembram das mudanças que chegaram para a comunidade, novas tecnologias de comunicação, ou seja, o desenvolvimento, a evolução despontando para a população ribeirinha.

E riram ao lembrar da primeira televisão que chegou para eles.

*“A primeira televisão que teve aqui nessa parte da ilha, foi na casa do pai de tio Zé. A gente ia assistir televisão lá, dessa televisãozinha preto e branco, daquela quadradinha, pequenina.”* (risos)

Lembraram ainda, de quando chegou a Energia Elétrica, as Caixas de Captação de água da chuva, dando lugar ao cansaço de pegar água no rio na cabeça, de balde e latas. Como eles diziam, é o desenvolvimento chegando aos poucos.

As temáticas vão e voltam para a prosa, e desta vez, contaram sobre uma ação solidária que acontecia na comunidade, em épocas de grandes enchentes.

*“Outra cultura que tinha aqui é quando na enchente, tinha enchente todo ano, e todo ano o pessoal tinha que varrer as casas, porque o rio derrubava o barro todinho na casa, aí tinha os mutirões, juntavam, cerca de 20 homens para varrer a casa dos amigos.”* (Arnaldo)

Já caminhando para finalizar a nossa Roda de Conversa, o grupo deixou um recado, manifestando o direito a viver com dignidade e respeito:

*“A nossa comunidade ainda tem muito a desejar, tem muito a ser feito, está evoluindo, a gente está na esperança de evoluir mais, através da associação que a gente está correndo atrás, para*

*fundar. Porque uma comunidade precisa de associação para conseguir as coisas que necessita. Temos o sonho de uma balsa, para facilitar a entrada de matérias de construções para nossa comunidade, até para o Samur prestar socorro para os moradores. E outro sonho é a casa de farinha elétrica, para evitar o desperdício da mandioca e aumentar a nossa renda.”* (Isabel)

E por fim, abriram aspas, para falar sobre outra renda da comunidade, que é a pescaria.

*“Nosso pai era pescador, nossa geração, nossa família, veio seguindo os passos de nossos pais, nós todos somos pescadores. Pai ia pescar e levava a gente ainda pequeno, para aprender e acostumar com aquele trabalho dele (pescaria) e hoje nós somos pescadores profissionais.”* (Pedro)

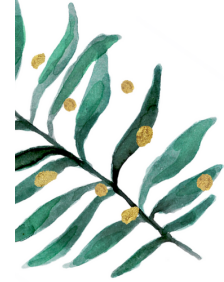
E para finalizar este momento de grande valia para todos que participaram da Roda de Conversa na Casa de Farinha, um relato inesperado é contado pelo seu Arnaldo, em uma de suas pescarias.

*“Vou contar aqui uma história que eu passei na cheia de 90. Na cheia de 90, deu uma cheia aqui. A gente saía da Salina (comunidade rural), para vir pescar aqui de noite (Ilha da Canabrava) e não tinha seco aqui canto nenhum, ou dormia em cima da casa, ou dormia dentro do barco. E eu tinha um barco, peguei uma porta, atravessava dentro do barco. E o barco entrava muita água. Eu agarrei no sono, e o barco foi entrando água, e quando eu assustei, o barco já estava afundando comigo, quando eu meti os pés para levantar, o barco acabou de afundar (risos). Como o barco estava amarrado num pé de pau, só segurei a coberta.”* (risos)

E assim, terminamos a prosa, aos risos com esta história real contada por seu Arnaldo, o próprio protagonista.



**III- CONTEXTO ATUAL DA COMUNIDADE RIBEIRINHA ILHA DA CANABRAVA**



## Partes da Ilha da Canabrava, desenhada por jovens moradores da comunidade

### Autora: Gisele Alencar Cordeiro

18 anos de idade. Ensino  
Médio Completo.  
Moradora da Ilha da  
Canabrava.

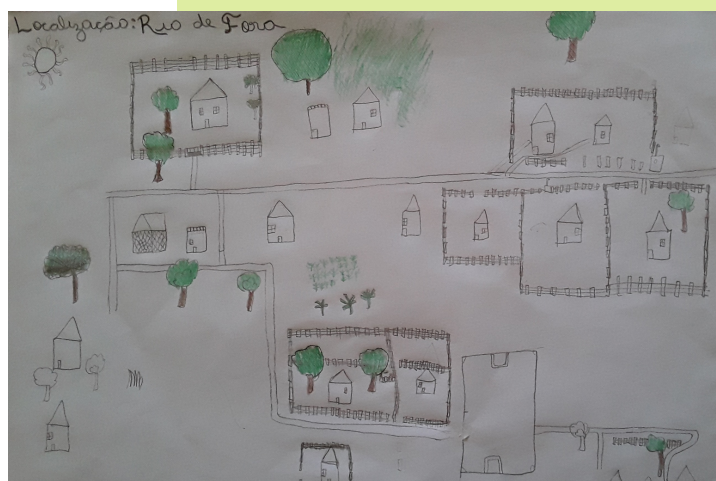


### Autor: Luiz Fernando Cavalline

16 anos de idade.  
Cursando o Ensino  
Médio. Morador da Ilha da  
Canabrava.

### Autor: Tálison Ferreira dos Santos

09 anos de idade.  
Cursando o 5º ano.  
Morador da Ilha da  
Canabrava.



### Autor: Anderson Gonçalves da Silva

16 anos de idade.  
Cursando o Ensino  
Médio. Morador da Ilha da  
Canabrava.



## ASPECTOS DOS RECURSOS NATURAIS: (re)conhecendo a biodiversidade

Arquivo da pesquisadora. Moradora da Ilha da Canabrava. (maio/2022)

*“As poucas plantações que restaram após a enchente (2022), estão todas saudáveis e bonitas devido a molha que ainda há no solo.”* (Camília. Moradora da Comunidade)

Os aspectos naturais da comunidade Ilha da Canabrava são bastante diversos. A começar pela riqueza de ser banhada pelo rio São Francisco, tornando a Terra apta ao plantio de inúmeros produtos agrícolas (Agricultura Familiar) e alimentando seu povo através da pesca artesanal.

Dentro destes aspectos naturais, destacamos algumas representações do conjunto da flora e da fauna presente na comunidade.

**“Na vegetação natural da comunidade, temos plantas rasteira e frutíferas. Existem diversos tipos de matos rasteiros que servem de alimento para animais e árvores frutíferas como: manga, caju, goiaba etc.”** (Rosineide. Moradora da comunidade)



UMBU



PALMAS



JUÁ MIRIM

## CONJUNTO DE FLORA



JATOBÁ



PAU-BRANCO



MANGUEIRA



ACEROLA



GOIABEIRA

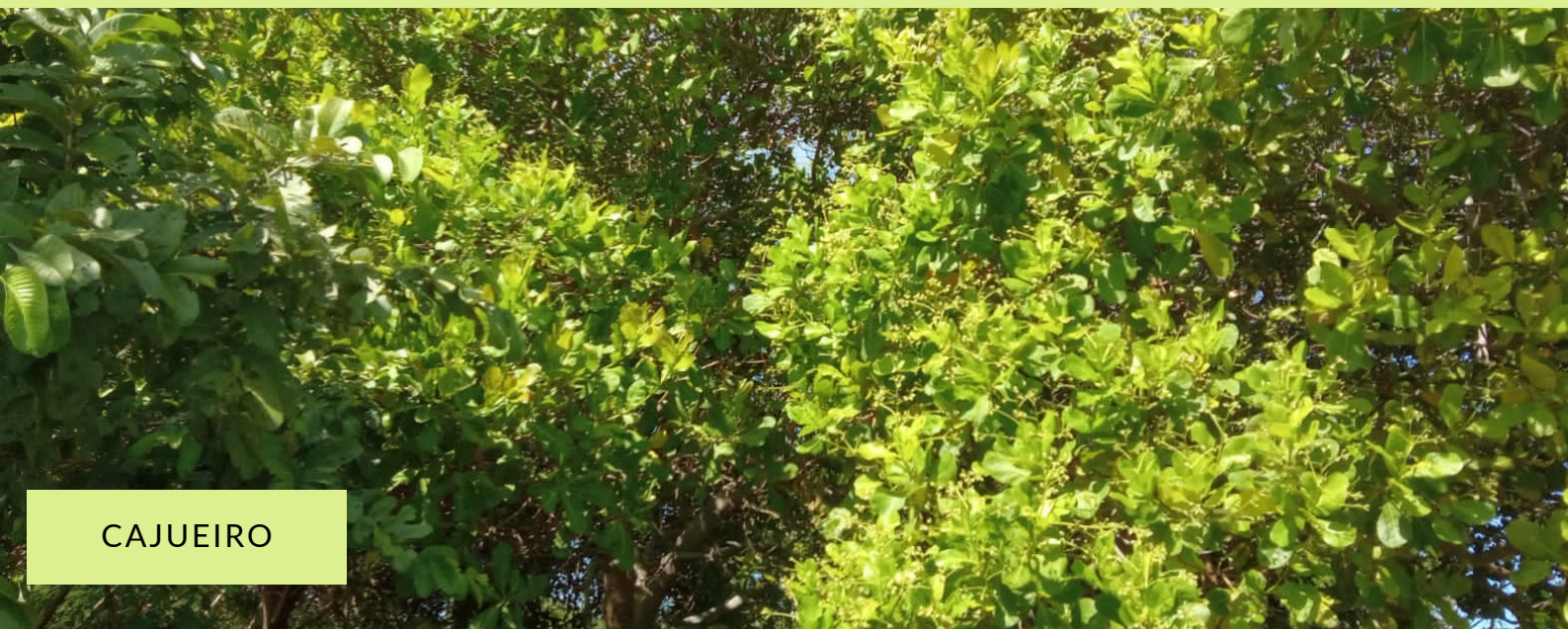


LARANJEIRA



LIMOEIRO

## PLANTAS FRUTÍFERAS



CAJUEIRO



COQUEIROS

## CONJUNTO DA FAUNA



Animais Domésticos	Aves	Outras espécies
Cachorro Gato Galinha Porco Boi Ovelha Cavalo	Bem-te-vi Gavião Cabecinha Coruja Buraqueira Codorna Juriti - Pupu	Camaleão Cobra Teiú Lontra

Quadro elaborado pela pesquisadora. (2022)

## ASPECTOS DAS TRADIÇÕES CULTURAIS: Festejos Santos e Comemorações

A Ilha da Canabrava é uma comunidade que resguarda suas raízes ancestrais nas tradições dos festejos religiosos, como: Reisado, São Sebastião, São João, São Gonçalo, Santa Isabel, Nossa Senhora da Conceição, Dia de Todos os Santos, Novenas Natalinas e Santo Antônio.

No entanto, estas manifestações culturais, a cada dia que passa ocupará somente as memórias das pessoas mais velhas deste povoado. Pois, a cada época que surge e devido o avanço da tecnologia, tradições como estas vem perdendo seu lugar no seio da comunidade, pelo fato de os jovens não se interessarem por manter e disseminar seus festejos.

A tradição do Samba de Roda que movimentava as manifestações culturais da comunidade, perdeu sua beleza e seu encanto, nas festas tradicionais da Ilha da Canabrava.

Existem ainda pessoas que comemoram seus santos no âmbito familiar. Isto se deve a idade

avançada das pessoas responsáveis por estes festejos, e talvez, pela inexistência de uma coletividade entre os moradores da comunidade. O fato é que atualmente, o que existe são as memórias e a saudade do tempo que a comunidade se reunia para festejar suas tradições e manifestações culturais, e claro a esperança que um dia a ilha volte a sorrir e se alegrar como em tempos atrás.

Observa-se, que um dos motivos responsáveis por colocar em risco as manifestações culturais da comunidade, que há anos movimentou e mobilizou sua população, se deva também, ao espaço que a religião Evangélica vem ocupando na comunidade. Pois, durante o levantamento das informações da pesquisa, foi possível perceber a quantidade de pessoas responsáveis por organizar os festejos santos tempos atrás, e atualmente são evangélicas.



Instrumentos mais utilizados na festa de Folia de Reis, pertencente a um morador da comunidade.  
(Pandeiro e o Tambor)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2015)

Imagem de São Gonçalo, pertencente a uma moradora do Quilombo Lagoa das Piranhas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2015)

## ASPECTOS DO LAZER E ENTRETENIMENTO: atividades tradicionais da comunidade

A comunidade se reúne para as seguintes atividades de divertimento e de lazer: torneios de futebol (Feminino/ Masculino); torneio de sinuca; trilhas de moto (Feminino / Masculino), realizado entre os meses de novembro e dezembro; reuniões de amigos e parentes em bares. E ainda, a mais tradicional, a pescaria. Como bem relatou o Coletivo da Casa de Farinha, sobre este momento em família:

*“o nosso lazer é a reunião para almoço em família, batendo papo debaixo de pé de manga; relembrar o passado, saber dos antepassados. Relembrar momentos das pessoas mais velhas que contava histórias (histórias antigas, repassar as vivências, práticas ancestrais”.*

E atualmente o evento que mais mobiliza e movimenta a comunidade é a Trilha de Moto (Trilha do Amigos / Trilha das Poderosas), envolvendo não somente pessoas que moram na ilha, mais atraindo pessoas de várias partes do município de Bom Jesus da Lapa e cidades em seu entorno como: Sítio do Mato e Serra do Ramalho.

Na organização masculina, que já acontece há mais de três anos, teve evento que recebeu a participação de 200 motociclistas. Enquanto que, a trilha feminina, aconteceu a primeira vez em 2021, foram vendidas 180 camisas, tendo a participação direta de 110 mulheres.



Fonte: Imagens cedidas por participantes da Trilha dos Amigos e Trilha das Poderosas.

A trilha além de movimentar o lazer da comunidade, percebe-se, através de algumas falas, que este evento causou grandes impactos na comunidade, principalmente na vida das mulheres que participam desta confraternização. De acordo alguns relatos, a Trilha das Poderosas é um espaço de empoderamento. É a oportunidade que muitas mulheres encontram para se distrair, esquecendo um pouco os afazeres domésticos e se divertir. Assim, sentem-se valorizadas, lutando pelos seus

direitos e pela a igualdade entre os gêneros. *“Mesmo morando aqui na comunidade, às vezes, a gente passa muito tempo sem se ver, e este momento da trilha é um reencontro das amigas, uma confraternização feminina.”* (Entrevistada 01) De maneira geral, a realização das trilhas, além de proporcionar momentos de alegria, comunhão, diversão, entretenimento para todos os envolvidos e para quem assisti, movimenta também a renda de algumas famílias que preparam seus produtos como, geladinhos, sorvetes, tira gosto, refeição para receber as pessoas durante todo o evento. Somando a preparação destes alimentos, o evento ainda conta com os bares distribuídos em várias partes na comunidade, vendendo variedades de bebidas e petiscos.

Avaliando a proporção deste evento, é possível identificarmos impactos socioambientais, a exemplo da Poluição Sonora (barulho do moto das motos) – incomodando as famílias que se localizam no perímetro da realização do evento. E a Poluição do Ar (fumaça do escapamento das motos) – podendo agravar a saúde respiratória ou provocar o seu surgimento.

É essencial pensar também, nos riscos de acidentes que podem acontecer com os próprios participantes das trilhas ou com outras pessoas, inclusive crianças, e até com animais. E claro, por ser um movimento que envolve o consumo de bebidas alcoólicas, pode ocasionar discórdias entre as pessoas durante a concentração da festa, mas, até o momento, ocorrência dessa instância não foi identificada pelos participantes.

Enfim, as trilhas realizadas na Ilha da Canabrava demonstram claramente os impactos que ocorreram ou podem ocorrer, para sua população. No entanto, muitos moradores destacam a importância do evento para a comunidade, tornando-a, ainda mais conhecida, ao promover uma atividade cultural com fins, ao entretenimento, mobilizando e atraindo inúmeras pessoas do nosso município e cidades circunvizinhas.

## ASPECTOS RELIGIOSOS: atividades realizadas na comunidade

A religião Católica e Evangélica, são as predominantes. Mas tem os praticantes do Candomblé, uma religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos. Desta última, não obtivemos informações de atividades realizadas dentro da comunidade.

A religião evangélica promove cultos, além de eventos em datas comemorativas trazendo doações de alimentos e roupas, para algumas pessoas da comunidade, realizando também vários projetos com crianças, jovens e adultos.

Os cultos são realizados em casa particulares ou embaixo de mangueiras, pois, ainda não tem uma igreja (estrutura física).

Existe um trabalho com crianças, realizado pelo movimento evangélico, que é o Ministério Infantil, onde acontece os encontros atualmente na Quadra Poliesportiva, aos domingos; e com os adultos é realizado semanalmente estudos Bíblicos, na casa de moradores que solicitam junto ao ministro ou ministra, responsável pela igreja que congregam.

A religião católica desenvolve a catequese com crianças, jovens e adolescentes, além de missas, reza do terço, curso de batismo, novenas, ou seja, grupo de orações.

Este ano de 2022, acontecerá uma grande festa na Ilha da Canabrava, para os católicos, depois de 20 anos, será realizada a primeira Eucarística para os que se prepararam.

## ASPECTOS DO CONTEXTO EDUCACIONAL: organização escolar

Enquanto professora e coordenadora da Escola Municipal Jonas Rodrigues, quando funcionária desta unidade escolar, acompanhei a luta da comunidade por mais de nove anos, por um prédio escolar novo, devido o perigo que o atual oferecia para alunos e funcionários. E durante anos, só ouviram promessas da gestão municipal. Foi uma luta conquistar a primeira Sala de Aula de Taipa, até as ampliações necessárias, com o prédio escolar. Mas a escola foi esquecida!

E por incrível que pareça, a luta por um prédio escolar, ganha pauta novamente, na mobilização da comunidade, desde 2019. Com o prédio antigo em péssimas condições, oferecendo riscos para toda a comunidade escolar, foi solicitado a reforma total ou a construção de um prédio novo.

No entanto, as negociações sempre ficavam nas promessas, com a mesma justificativa: “vamos terminar as escolas do centro da cidade e depois construiremos a escola da ilha”. A escola recebeu tantas visitas de engenheiros, mas o projeto sempre ficava no papel.

Com a Pandemia da Covid-19, as escolas ficaram 2 (dois) anos sem realizar atividades presenciais, uma preocupação a menos para a gestão municipal, já que as escolas não estavam realizando atividades presenciais.

Iniciando o ano letivo de 2022, a escola foi comunicada que iniciaria a construção do novo prédio escolar. Seria verdade? Não!

Um acontecimento histórico aconteceu no município: a enchente do Rio São Francisco. E com isso não foi possível iniciar a construção, até porque a Ilha da Canabrava foi tomada pela enchente. Até a escola foi atingida.

O ano letivo para os alunos da Escola Municipal Jonas Rodrigues, foi obrigada iniciar com a proposta do Ensino Remoto, para os alunos não ficarem prejudicados.

Com a baixa das águas do rio, aconteceu uma reunião na escola, com representantes da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), pais e responsáveis dos alunos, para avaliarem os prejuízos causados pela enchente no espaço escolar e tomar decisões para o início das aulas presenciais.

Devido as péssimas condições do prédio, seria impossível receber os alunos e funcionários naquele espaço. A solução encontrada, partindo da proposta da comunidade foi utilizar o espaço da Quadra Poliesportiva da escola, como sala de aula, ao invés de continuar com o mesmo processo de atendimento, através do projeto

emergencial no sistema remoto.

Desse modo, ficou acordado entre as partes (SEMED /Comunidade), que em 60 dias entregava o prédio de origem reformado, o qual não aconteceu, devido condições das entradas para transportar os materiais de construção. Consequências ainda da enchente. Atualmente, o prédio já se encontra em reforma, porém, durante o ano todo não teve avanço, e os estudantes concluirão o ano letivo dentro da Quadra Poliesportiva, infelizmente.

Ressaltando que, a comunidade não quer uma reforma e sim o direito consumado a ter um prédio escolar novo, para que suas crianças, jovens e adultos, possam ter uma Educação de qualidade com segurança e conforto.

A estrutura funcional da escola, em relação ao quadro de funcionários, temos o seguinte:

<b>Profissionais</b>	<b>Função</b>	<b>Tempo na escola</b>
Zenaide Santana Damascena	Professora responsável pela escola	Menos de 1 ano
Rosana da Silva Ferreira	Coordenadora Pedagógica	7 anos
Lucimária da Costa Rodrigues	Auxiliar Operacional da Educação	15 anos
Reinalda Pereira Bispo	Auxiliar Operacional da Educação	06 anos
André Batista dos Santos	Guarda Escolar	21 anos
Maria de Lourdes Miranda	Professora	24 anos
Mikaelly Bispo da Mata	Professora	6 anos
Lucinéia Almerina de Souza	Professora	8 anos

Fonte: Dados fornecidos pela Escola Jonas Rodrigues.

Das professoras que exercem à docência na escola, numa jornada de 40h/s, três se deslocam diariamente da sede do município – duas destas tem raízes na comunidade da Ilha da Canabrava. E as demais moram na própria comunidade.

Destas professoras, somente uma é do quadro efetivo da educação municipal, prestando concurso público em 1998. As demais, são contratadas. É a política da contratação que se fortalece anualmente em nosso município, através de indicação política versus a realização de concurso público municipal.

No que concerne à formação superior, uma professora é formada em História, com especialização na área; outra fez Pedagogia; e as demais ainda não avançaram nos estudos.

Ressaltando que, as professoras com Ensino Superior, realizaram seus estudos na Modalidade Semipresencial, em faculdades particulares.

Para este grupo, fica a esperança da realização do concurso público municipal, como valorização profissional, dando basta nas humilhações que sofrem anualmente em busca de um contrato, para ter um emprego e conseguir sobreviver e sustentar suas famílias.

Sobre o segmento aluno, a escola este ano (2022), sofreu um impacto muito grande com a queda do número de matrículas, em consequência da enchente que obrigou inúmeras pessoas a saírem da ilha. E com isto, algumas não retornaram, quando teve início as aulas presenciais.

Outras famílias, preocupadas com a demora do início das aulas, optaram por matricular seus filhos, que cursam os Anos Finais do Ensino Fundamental, em escolas do centro da cidade, já que existe o Transporte Escolar responsável

pelo deslocamento dos alunos do Ensino Médio, para as escolas urbanas. Desta maneira, reduziu bastante o quantitativo de matrículas.

O quadro atual de matrículas, é o seguinte:

Turmas	Número de matrículas	Turno
<b>Educação Infantil</b>		
Maternal	07 alunos	Matutino
Primeiro Período	09 alunos	Matutino
Segundo Período	05 alunos	Matutino
<b>Anos Iniciais do Ensino Fundamental</b>		
1º Ano	06 alunos	Matutino
2º ano	11 alunos	Matutino
3º ano	06 alunos	Matutino
4º ano	08 alunos	Matutino
5º ano	12 alunos	Matutino
<b>Anos Finais do Ensino Fundamental</b>		
6º ano	06 alunos	Vespertino
7º ano	06 alunos	Vespertino
8º ano	07 alunos	Vespertino
9º ano	01 alunos	Vespertino

Fonte: Dados fornecidos pela Escola Jonas Rodrigues.

Ressaltando que devido ao número de alunos, a escola foi orientada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), trabalhar com o formato de Turmas Multisseriadas, seguindo a seguinte organização:

Nome da turma	Agrupamento das turmas	Número de alunos	Número de professoras/Turmas
Turma 1	Maternal/Primeiro período/Segundo período	21 alunos	01 professora
Turma 2	1º Ano/2º ano/3º ano	23 alunos	01 professora
Turma 3	4º ano/5º ano	20 alunos	01 professora
Turma 4	6º ano/7º ano/8º ano/9º ano	20 alunos	03 professoras

Fonte: Dados fornecidos pela Escola Jonas Rodrigues.

## ASPECTOS DA ROTINA DE CRIANÇAS E JOVENS: atividades que fazem quando não estão na escola

As crianças que participaram desta roda de conversa, pertencem a faixa etária de 6 a 11 anos de idade. Este momento foi realizado na escola, com a presença de alunos de três comunidades atendidas na escola: Ilha do Fogo, Campo de Irrigação, Ilha da Canabrava.

E todas relataram que fazem alguma tarefa em casa para ajudar a família. E na conversa com alguns adultos, os mesmos, disseram que desde cedo já ensinam as crianças a tomar responsabilidade pelos afazeres domésticos, que isto é ensinar para a vida. Ressaltando, que a prioridade são os estudos. No entanto, este momento onde os pequenos estão a realizar alguma tarefa doméstica, sempre tem uma pessoa adulta a acompanhar.

E um fato interessante, é que na Roda de Conversa, com estes pequenos, a demonstração da satisfação ao falar em sua rotina familiar, causa uma emoção a quem os ouve. É uma lição de vida, vinda de um grupo infantil que renova as nossas Esperanças e Expectativas de dias melhores.

As tarefas mais comuns são:

- Molhar os canteiros;
- Varrer a casa;
- Dar água aos animais;
- Lavar a louça;
- Cuidar do irmão;
- Pescar com o pai;
- Capinar com o pai/mãe;
- Varrer o terreiro;
- Ajudar na roça.

Em relação as brincadeiras, as crianças entre 6 e 11 anos, enumeraram as mais comuns.

- Pega-pegas;
- Jogar bola;
- Pique esconde;
- Gelin gelou;
- Boneca;
- Subir em arvores;
- Soltar pipas.

Em relação ao que fazem quando não estão na escola, os alunos que fizeram parte da Roda de Conversa, com idades entre 12 a 15 anos, elencaram as seguintes atividades:

- Brinca;
- Senta embaixo árvores para conversar com a família;
- Olha as crianças menores (irmãos e primos);
- Assisti desenhos no celular;
- Toma banho no rio;
- Pesca;
- Realiza afazeres domésticos;
- Lê livros;
- Assisti televisão;
- Realiza atividades da escola;
- Desenha;
- Ouvi músicas;
- Dá água aos animais.
- Trabalha na roça.

Em relação as brincadeiras dos jovens na faixa 12 a 15 anos, enumeraram as mais comuns:

- Pula - corda;
- Futebol;
- Baleada;
- Gude;
- Peteca;
- Verdade ou desafios;
- Jogos do celular;

- Brincar de cavalo - galopar;
- Pega-bandeira;
- Jogo da velha;
- Jogo da forca;
- Adivinha palavras;
- Fazer dancinha (Tik Tok).

Percebe-se, que mesmo no mundo do avanço da tecnologia crianças e jovens, ainda buscam um tempinho para brincar com seus pares, presencialmente, entre os estudos e os afazeres domésticos.

## **ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: acesso as tecnologias da informação e comunicação**

Até pouco tempo, só o celular comum era responsável pela conexão dentro e fora da comunidade. Atualmente, com o avanço da internet (wi-fi; dados móveis), a maioria das pessoas se comunicam principalmente através das redes sociais. Outras tantas, para se manter informadas utilizam também rádios e televisão, e se divertem com os programas de entretenimento.

Nesta época da Pandemia do Coronavírus, a utilidade do celular junto a Educação Escolar, foi dar conta das aulas remotas para todas as modalidades da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental- Anos Iniciais, Ensino Fundamental- Anos Finais, Ensino Médio e Ensino Superior, na comunidade.

No entanto, muitas famílias ainda tem esse direito negado, do acesso as novas tecnologias de comunicação, devido as condições sociais que não lhe permitem adquirir ferramentas digitais, para se conectar com o mundo.

Durante o processo do ensino remoto, presenciamos esta injustiça claramente. Famílias angustiadas, preocupadas em manter o vínculo com a unidade escolar, para que suas crianças e jovens não ficassem excluídos do direito a educação, foram obrigados pela situação, a retirar da sua renda familiar, recursos financeiros para comprar um celular com funções básicas e/ou smartphone, com fins a continuidade dos estudos.

Outras famílias, no entanto, como não teriam como suprir esta necessidade, considerada atualmente essencial, se apoiou em outras pessoas da comunidade que possuía estas ferramentas digitais, a através da solidariedade os moradores se ajuntaram mutuamente. Assim, conseguiram enfrentar esta dificuldade e acompanhar as propostas da escola, que se complementava com atividades impressas para os estudantes realizarem em casa, sob a orientação da família.

## **ASPECTOS DO SANEAMENTO BÁSICO: serviços que atendem a comunidade**

A comunidade vive diariamente com a precariedade da Saúde Pública, que se instalou na ilha. Existe um Posto de Saúde, que não atende a demanda da população. Médicos, uma vez ou outra. Atendimento de emergência não existe. A população quando precisa de atendimento médico, seja para consultas de rotina ou atendimento de emergência, se deslocam até o Hospital Carmela Dutra, ou a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), ambos localizados no centro urbano do município. Existe um atendimento através da Ambulancha, prestando socorro as populações ribeirinhas.

De acordo com dados dos Agentes de Saúde da Ilha da Canabrava, Francisco Félix e Marcelo Ferreira, as doenças mais comuns entre os moradores da comunidade, é a Diabetes e Hipertensão. Nas crianças, os problemas de saúde que mais acometem esta faixa etária, são processos gripais. E durante o período da enchente, foram detectados alguns casos de diarreias e de pele.

Em relação a Pandemia da Covid-19, no início foi bastante crítico, porque a comunidade não estava acreditando no contágio do coronavírus e

os Agentes de Saúde tiveram dificuldades em conscientizar as pessoas do perigo da doença. Mas, com o tempo começaram a tomar todos os protocolos de segurança, para evitar o contágio. É uma preocupação que tomou conta dos povos da Ilha da Canabrava, foi quando se viram obrigados a obedecer ao isolamento social, porque eles vivem de vender seus produtos na feira livre, no Mercado Dona Firmina. Isto os abalou bastante, porque teve períodos de *Lockdown*, que não poderiam ir para a feira e vender suas mercadorias. Tal situação alterou de forma significativa o emocional daquela população.

Na Ilha da Canabrava confirmados, foram 5 a 6 casos de covid, na maioria jovens, com sintomas leves, e sem nenhum óbito.

E sob muitas orientações que a população recebe através dos veículos de comunicação, e das visitas dos Agentes de Saúde, algumas pessoas da comunidade ainda seguem os protocolos de segurança da Covid-19, principalmente, porque muitos precisam ir ao centro da cidade semanalmente, vender seus produtos e fazer a compra da semana.

Mediante as conversas realizadas com várias pessoas, o que mais preocupa a comunidade nos dias atuais, é a qualidade da saúde do seu povo e a negligência política em “tampar os olhos”, diante do direito dos ribeirinhos a saúde de qualidade.

## **ASPECTOS DA SAÚDE PÚBLICA: assistência e qualidade de vida**

A comunidade vive diariamente com a precariedade da Saúde Pública, que se instalou na ilha. Existe um Posto de Saúde, que não atende a demanda da população. Médicos, uma vez ou outra. Atendimento de emergência não existe.

A população quando precisa de atendimento médico, seja para consultas de rotina ou atendimento de emergência, se deslocam até o Hospital Carmela Dutra, ou a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), ambos localizados no centro urbano do município. Existe um atendimento através da Ambulância, prestando socorro as populações ribeirinhas.

De acordo com dados dos Agentes de Saúde da Ilha da Canabrava, Francisco Félix e Marcelo Ferreira, as doenças mais comuns entre os moradores da comunidade, é a Diabetes e Hipertensão. Nas crianças, os problemas de saúde que mais acometem esta faixa etária, são processos gripais. E durante o período da enchente, foram detectados alguns casos de diarreias e de pele.

Em relação a Pandemia da Covid-19, no início foi bastante crítico, porque a comunidade não estava acreditando no contágio do coronavírus e os Agentes de Saúde tiveram dificuldades em conscientizar as pessoas do perigo da doença. Mas, com o tempo começaram a tomar todos os protocolos de segurança, para evitar o contágio. É uma preocupação que tomou conta dos povos da Ilha da Canabrava, foi quando se viram obrigados a obedecer ao isolamento social, porque eles vivem de vender seus produtos na feira livre, no Mercado Dona Firmina. Isto os abalou bastante, porque teve períodos de *Lockdown*, que não poderiam ir para a feira e vender suas mercadorias. Tal situação alterou de forma significativa o emocional daquela população.

Na Ilha da Canabrava confirmados, foram 5 a 6 casos de covid, na maioria jovens, com sintomas leves, e sem nenhum óbito.

E sob muitas orientações que a população recebe através dos veículos de comunicação, e das visitas dos Agentes de Saúde, algumas pessoas da comunidade ainda seguem os protocolos de segurança da Covid-19, principalmente, porque muitos precisam ir ao



centro da cidade semanalmente, vender seus produtos e fazer a compra da semana.

Mediante as conversas realizadas com várias pessoas, o que mais preocupa a comunidade nos dias atuais, é a qualidade da saúde do seu povo e a negligência política em “tampar os olhos”, diante do direito dos ribeirinhos a saúde de qualidade.

## ASPECTOS DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS: renda familiar

As famílias produzem sua renda a partir de diversas atividades econômicas desenvolvidas na comunidade, como destaque a Agricultura Familiar, no cultivo de hortaliças, rama, raízes e grãos. Toda esta produção é comercializada no Mercado Municipal Dona Firmina, no centro da cidade de Bom Jesus da Lapa, como na cidade vizinha de Sítio do Mato.

A exemplo do cultivo temos: cebola, coentro, couve, rúcula, alface, tomate (cereja), abóbora, quiabo, espinafre, tomate, salsa, batata doce, milho, mandioca, abóbora, feijão, entre outros.



COENTRO



ALFACE



CEBOLINHA



FEIJÃO/MILHO

Outra atividade geradora de renda para muitos moradores, advém dos derivados da mandioca: farinha, tapioca, beiju.

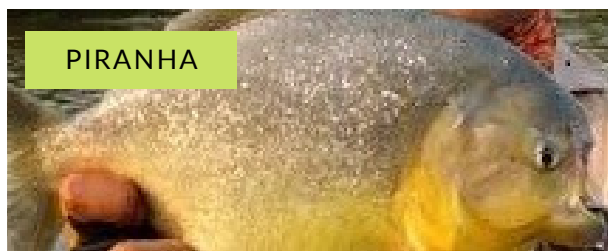


Outra fonte de renda é a pesca artesanal. Enquanto que para alguns é fonte de renda, para tantos outros, é um complemento alimentar (consumo), senão, em algumas vezes, a única alimentação da família. Dependendo claro, da época e suas dificuldades.

Os peixes mais comuns da região pescados pelos ribeirinhos da ilha, nas águas do Rio São Francisco, são:



TAMBAQUI



PIRANHA



PINTADO



PIAU



MANDI



CURIMATÃ

Ainda, neste contexto da renda, outras famílias resolveram comercializar produtos industrializados dentro da comunidade, na própria residência, a exemplo de:

• Gás de cozinha;	• Produtos de perfumaria;
• Gasolina;	• Roupas;
• Óleo diesel;	• Geladinhos;
• Sorvetes;	• Produtos alimentícios; café, açúcar...

Dentro da comunidade poucas pessoas são assalariadas, prestando serviço em outras cidades circunvizinhas ou ainda, no centro do município de Bom Jesus da Lapa. Outras tantas, dependem de algum benefício do Governo Federal, para sobreviver, associados muitas vezes a comercialização do cultivo de hortaliças e demais produtos agrícolas.

## ASPECTOS FENÔMENOS DA NATUREZA: as implicações da enchente do Rio São Francisco em 2022

Referente aos impactos causados pela enchente do rio São Francisco em 2022, para a comunidade Ilha da Canabrava, destacamos três (3) relatos de moradores que conviveram de perto com a cheia, considerada histórica.

A partir desses relatos, compreenderemos as diversas situações que os ribeirinhos sofreram enquanto a cheia tomava os espaços da ilha, de maneira assustadora.

Nossa primeira convidada é Jeane Pereira, Quilombola de Lagoa das Piranhas, Pescadora e Agricultora, moradora da Ilha da Canabrava, que nos sensibiliza com suas palavras, ao falar sobre as consequências e vantagens da cheia do rio.

*“Sobre a enchente, num ponto foi bom, e outro foi ruim. Ruim, por que? Porque a gente teve muitos prejuízos, nas plantações, nas nossas casas.”*

*Eu aqui na minha casa, quebrou foi o cimento. Fiquei quase três (3) meses fora da minha casa. O povo daqui teve prejuízo, teve que tirar os animais de dentro da ilha. Outros tiveram que mudar. Teve situações de perder móveis. Então foi muito triste.”*

Passada a parte preocupante e triste da comunidade, agora vem a alegria que a cheia trouxe.

*“E teve a situação boa, que a gente teve os lameiros lavado. (Lameiros são baixas no terreno, onde a água do rio cai, deixando a área pronta para plantio). Nós temos uma plantação agora. Todo mundo plantou coisas, que em muitos anos não plantava, por causa da seca. Este ano já tem as plantações.”*

E ela não poderia esquecer da fartura do peixe. Veja que relato emocionante.

*“Os peixes, a riqueza dos peixes, muito peixe, muita fartura de peixe no rio, que em muitos anos a gente não tinha visto esta situação. Tem pessoas aqui que pega o peixe até de um quilo, dois quilos... já tem muitos anos que não pegava. Então, nessa parte é uma fartura, muito peixe e plantação.”*

A seguir, o senhor Juscélio de Oliveira, Pescador e Agricultor, através de seus relatos, também manifesta as emoções sofridas no decorrer da cheia do rio São Francisco.

*“Falar dos impactos da cheia, eu fui de uns que fiquei seis (6) meses parado. Agora você imagina seis (6) meses parado, por que? Eu não podia sair daqui de dentro, porque tem as coisas que a gente labuta com a horta. Tinha motor, encanação, casa na água, a gente achava que ia voltar rápido, e o rio passou três meses (3) com ele alto. Foi uma coisa que surpreendeu muito, porque eu nunca tinha visto isto.”*



Fonte: <https://www.google.com.br/>

Ele pausa, para trazer lembranças de outras enchentes:

*“Eu tenho 41 anos, nasci e me criei na beira desse rio e nunca tinha visto ele ficar um tanto de tempo desse, tão alto. Ele já fez cheia até mais alto, mas voltava rápido.”*

Agora seu Juscélio, relato o movimento que sua família fez, quando as águas baixaram.

*“E quando ele (rio) baixou, as terras estavam molhadas, tivemos que esperar dois (2) meses, um (1) mês e pouco, para poder cortar a terra, plantar...e depois que planta, a verdura só sai com dois (2) meses, como produto para vender no mercado. Então, fiquei seis (6) meses parado, aqui na comunidade e não teve outro jeito, né?...porque todo local encheu de água.”*

*“Alguns lugares não entraram água na casa. Aqui em casa entrou, mas foi rasilho. Eu suspendi as coisas...perdi outras (móveis de madeira).”*

E ele deixa uma mensagem de superação e otimismo:

*“Mas estamos na luta, a gente que vive desse ramo aqui, voltamos as atividades de novo. Eu já estou com três (3) semanas aqui, produzindo e vendendo. E com fé em Deus, a gente vai pegando as coisas. Uma coisa que a gente nunca viu, mas acontece, e graças a Deus voltamos a atividade. Agora é continuar a vida.”*

Nosso próximo convidado é o senhor Francisco Cruz, Agricultor e Agente de Saúde, refletindo em seus relatos outras situações, provenientes da enchente.

Mas para seu Francisco, tem outro lado da enchente, o da fartura e a beleza do rio São Francisco, com a renovação das águas. E concluiu dizendo:

*“Agora (maio) que eles começaram ir para feira, vender sua alface, cheiro verde, cebolinha. Então, assim teve este impacto, mas o que eu acho mais importante, de positivo, é o nosso rio, ele teve e está tendo muito peixe. As terras molharam, isto é o ponto positivo. Os mais antigos da comunidade, eles investiram, em batata, mandioca. Fortaleceu o solo e também na melhoria de peixe.”*



Os três (3) relatos contribuíram de maneira exemplar ao contextualizar o período da enchente, que pegou todo mundo de surpresa. Foram meses de dificuldades, de medo, angústias, de ansiedade, no entanto, a fé e esperança se tronaram presentes no dia a dia de cada morador da Ilha da Canabrava, até porque, a enchente alterou a vida de todos que habitam aquele lugar.

O que resta agora, como já dito pelos convidados, é recomeçar, e lutar por dias melhores, e aos poucos, tudo vai voltando à normalidade entre a comunidade.



## ASPECTOS DO EMPODERAMENTO FEMININO: o protagonismo da mulher nas diversas atividades desenvolvidas na comunidade

A comunidade da Ilha da Canabrava é referência também, no protagonismo feminino, onde muitas mulheres exercem e lideram muitas atividades desenvolvidas entre os moradores.

Haja vista, que durante o levantamento das informações para a construção desse inventário da realidade, o destaque de participação foi para elas. É perceptível como a presença e atuação das mulheres é marcante e um determinante para o sucesso de atividades no convívio familiar e na comunidade.

É de suma importância listar as atividades em vários aspectos sociais que as mulheres dominam, atuam, lideram e incentivam, tornando assim, um exemplo de determinação, perseverança, resistência e resiliência para as novas gerações femininas da ilha.

Atividades	Descrição
Produção de renda	Agricultura Familiar; Casa de Farinha: produção da farinha e seus derivados; Comércio de pequenos produtos industrializados; Pesca artesanal; Escoamento dos produtos para vender na feira livre do município de Bom Jesus da Ipa e Sítio do Mato; Diarista - própria comunidade; Funcionária pública municipal.
Lazer	Trilha de Moto das Poderosas; Jogo de futebol - com campeonatos.
Eventos Religiosos	Realizam ações voltadas para as manifestações religiosas: Católica, Candomblé, Evangélica.
Eventos beneficentes	Realizam jogos de futebol, rifas, bingos, festas - para arrecadar fundos para ajudar alguém na comunidade.
Educação escolar	Muitas mulheres, além de assumir tantas funções durante o dia, tentam se dedicar aos estudos. (Ensino Médio/Ensino Superior)
Rotina doméstica	A rotina doméstica de cada mulher trabalhadora é dar conta, também, das atividades dentro de casa (cozinhar, lavar, limpar a casa, orientar os estudos dos filhos...) e proteger sua família.

Partindo das informações apresentadas pelo quadro acima, percebe-se que as mulheres da Ilha da Canabrava vivem em constante movimento. E como respostas ao mundo machista, que nos consumem diariamente,

assume com maestria uma luta na igualdade de gêneros dentro da comunidade, pela liberdade de participar, falar, ser ouvida e fazer suas escolhas mediante sua ideologia de vida.

## ASPECTOS DO PERCURSO HISTÓRICO: transformações no território – divisão de Terras e seus cercados

É sabido que todo e qualquer lugar, traz uma origem em seu nome, envolvendo muitas curiosidades e surpresas, pois, as transformações que acontecem nos territórios de ocupação, influenciam diretamente na escolha do nome de um determinado lugar. E durante a pesquisa, vários relatos justificaram a origem do nome da ilha (Canabrava):

**CURIOSIDADE:** Conta-se que a origem do nome da ilha “Canabrava”, se deve ao grande número de plantações de cana que existia na comunidade. Com isso, algumas famílias se dedicaram e investiram em Engenhos. Pelos relatos, eram três, (não sabem a data ao certo), produzindo cachaça, mel e rapadura.

**CURIOSIDADE:** Conta-se também, que a origem do nome “Canabrava”, se deve ao grande número de cana que servia para fazer flechas. Ou seja, taboca que servia para confeccionar flechas, dando origem ao nome da Ilha da Canabrava.

**CURIOSIDADE:** outra origem do nome da ilha, contada pelos moradores, é que “Canabrava” tem relação com o bambu, que antigamente existia bastante na comunidade. E que servia para segurar o barro que era colocado no levante das casas de taipas.

Partindo destas curiosidades, percebe-se que são inúmeros relatos para justificar o nome da ilha, “Canabrava”. A pesquisa não se debruçou a identificar “qual origem” seria a mais óbvia, pois, cada época histórica vivida pela comunidade, conhecimentos passados de geração em geração

prevalecem como um patrimônio imaterial e precisamos respeitar esta corrente cultural de cada comunidade, de cada povo.

Nesta busca de levantar informações sobre a realidade da Ilha da Canabrava, questionamos aos sujeitos da pesquisa, sobre conflitos dentro da comunidade. Destacamos 3 relatos:

*“Já ocorreram muitas disputas por terras, já presenciei muitos episódios. Passaram a demarcar suas terras com cercas também por esse motivo. E também de animais ou plantações que seriam mais distantes das casas dos donos. Acontecia muito antigamente quando eram poucas casas e as plantações mais afastadas.”*

*“Antigamente teve bastante conflito de terra, mas hoje em dia, não ocorre mais, até o momento.”*

*“Os conflitos antigamente, era sobre as extremas, as divisas das terras. Assim: a pessoa (vizinhos), colocava um pau no meio do caminho e dividia as terras. Se o caminho der 2 metros, é um metro para cada, mais muitos não aceitavam. Queria os 2 metros dentro das terras dos vizinhos. Iniciando assim, as brigas, os conflitos, que envolvia toda a comunidade.”*

A partir destes conflitos, alguns moradores decidiram por cercar suas terras, só assim, a divisão seria correta. A comunidade hoje encontra-se fechada em seus próprios terrenos, defendendo o direito a ter um pedaço de Terra, para viver e sobreviver.

Ressaltando que o surgimento para tantas cercas espalhadas atualmente pela ilha, não se deve unicamente a divisão de terras e sim, por outros fatores: 1. Criação de gado – substituindo a produção das lavouras; 2. proteger suas plantações dos animais; 3. Evitar que motos destruam as plantações próximas aos caminhos. Causas estas, relatadas por 3 participantes da pesquisa:

“Tempos atrás a Ilha era um espaço aberto. Mais com alguns acontecimentos, cada dono de terreno foi cercando suas terras. E hoje, praticamente todos tem cercas. (...) Muito por conta do cultivo, quem planta suas hortas teve a necessidade de cercar por conta de animais dos outros que acabavam fugindo e ao passar pelas hortas, destruindo e estragando as verduras.”

“Antigamente aqui na comunidade praticamente quase ninguém criava gado. O povo usava as roças somente para a plantação. De alguns anos para cá, quase não tem chuva aqui para gente, então ficou impossível está plantando.”

“Outro caso, é o de motos. Com uma grande quantidade que se tem agora na comunidade, o pessoal cercou suas casas para não acontecer que motos acabem passando por seus terrenos.”

E conseqüentemente, a população precisou acompanhar as novas demandas que surgiram em sua comunidade e se (re)organizar, infelizmente, através de cercas, buscando a proteção e segurança para sua família e a garantia de uma renda fixa para o sustento de todos.

Na comunidade Ilha da Canabrava o que se percebe, a partir de tantas cercas espalhadas de ponta a ponta, é que as pessoas se fecharam em seu “mundo”. É como se a coletividade não existisse mais entre eles. Nas minhas andanças pela pesquisa, cheguei a ficar triste e preocupada, com o que presenciei. A harmonia entre a população, uma harmonia que conheci, presenciei e convivi, parou em algum lugar no tempo.

No entanto, os moradores não podem deixar que esta coletividade cultural seja desarticulada, pois, é responsabilidade de todos e de cada um, analisar a realidade que a comunidade vem sofrendo/passando, e juntos planejar ações que resolvam os problemas que acometem a população ribeirinha.



## IV – ALGUMAS PONDERAÇÕES

*A gratidão assume três formas: um sentimento no coração, uma expressão em palavras e uma doação em retorno.*  
(John Wanamaker)

O documento aqui apresentado foi o resultado de um trabalho coletivo através das contribuições de crianças, jovens e adultos da comunidade ribeirinha Ilha da Canabrava, idealizado na perspectiva da construção do Inventário da Realidade da comunidade.

Acreditamos na potencialidade deste Inventário, ao resguardar grande parte do Patrimônio Imaterial, se transformando em um instrumento de luta para buscar Políticas Públicas em prol da qualidade de vida dos moradores da ilha.

Desejamos ainda, que este Inventário seja reconhecido pela escola Jonas Rodrigues, como um documento norteador de uma prática educativa contextualizada, alicerçada à vida dos povos ribeirinhos.

Apostamos no compromisso da escola Jonas Rodrigues em parceria com a comunidade local, em continuar construindo o inventário da realidade da Ilha da Canabrava, pois, o que aqui apresentamos foi um projeto piloto.

Conhecer a realidade desta comunidade com mais profundidade, demanda tempo e um coletivo de colaboradores significativo.

Vale ressaltar, que sendo a primeira versão deste documento, torna-se fundamental sua reescrita,

trazendo novas realidades que surgirão no contexto social dos moradores da ilha.

Fica aqui nosso abraço fraterno e agradecimento a todas e todos que ajudaram a escrever um pouco da sua vida, ou seja, dos ribeirinhos da Ilha da Canabrava.

## V – FONTE DAS IMAGENS

**Nota 1.** As imagens dos colaboradores nos relatos das memórias, a maioria, veio dos registros do Diário de Campo, enquanto outras, foram enviadas por filhos e netos, através do aplicativo do whatsapp.

**Nota 2.** As imagens referentes a comunidade Ilha da Canabrava, na segunda parte deste documento, foram enviadas por moradores, pelo aplicativo do whatsapp, a pedido da pesquisadora.

**Nota 3.** As imagens tendo como fonte de pesquisa a internet, justifica-se pela falta de outros arquivos da comunidade.

**Nota 4.** As imagens do arquivo pessoal da pesquisadora, são guardados de muito tempo atrás.

**Nota 5.** As imagens, outras, presente no documento, fazem parte da pesquisa de campo, registrada no Diário de Campo.

## SOBRE A DIAGRAMAÇÃO

Júlia Pereira Pachêco, 22 anos, natural de Bom Jesus da Lapa/BA, graduanda em Administração pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - DCHT Campus XVII.

**Nota 1.** Os elementos de layout constantes na diagramação são do site Canva, de uso gratuito, tendo sido respeitados todos os direitos de reprodução na referida plataforma.